

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)  
Faculdade de Letras (FALE)  
Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários (PÓS-LIT)

O exílio e o retorno do imigrante  
na obra de Julia Alvarez/Yolanda García

Priscila Campolina de Sá Campello

Belo Horizonte  
Abril/2008

Priscila Campolina de Sá Campello

O exílio e o retorno do imigrante  
na obra de Julia Alvarez/Yolanda García

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em Literatura Comparada.

Área de concentração: Literatura Comparada

Linha de pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural

Orientadora: Profa. Dra. Gláucia Renate Gonçalves

Belo Horizonte  
Faculdade de Letras da UFMG  
Abril/2008

Tese de doutorado intitulada *O exílio e o retorno do imigrante na obra de Julia Alvarez/Yolanda García*, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários (Pós-Lit), da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e submetida à Banca Examinadora composta por:

---

Profa. Dra. Gláucia Renate Gonçalves – UFMG – Orientadora

---

Prof. Dr. Heleno Godoy – UCG

---

Profa. Dra. Leila Assumpção Harris – UERJ

---

Prof. Dr. Marcos Antônio Alexandre – UFMG

---

Profa. Dra. Maria Zilda Ferreira Cury – UFMG

---

Profa. Dra. Ana Maria Clark Peres  
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários  
FALE/UFMG

Belo Horizonte, 4 de abril de 2008

Às minhas sobrinhas,  
Lara e Estela,  
a vida com vocês é mais vida.

## AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Gláucia Renate Gonçalves, pela seriedade, disponibilidade, atenção, carinho, dedicação e alguns necessários puxões de orelha.

À Profa. María DeGuzmán, pelo carinho com que me recebeu em Chapel Hill e os vários encontros que me deixavam muito confusa, mas contribuíram imensamente para que eu me tornasse uma leitora mais crítica.

À minha mãe, que me ensinou a amar a literatura, me apoiou em todas as minhas escolhas e nunca deixou que eu desistisse. Obrigada pelas longas horas no Skype e ao telefone.

Ao meu pai, que sempre me recebeu de braços abertos. Obrigada pelo carinho e generosidade.

Às minhas irmãs, Rachel e Paula, tão diferentes e tão iguais a mim. Tão longe e tão perto. Saudades de nós.

À Marta e ao Rodrigo, que me acolheram com carinho e fizeram com que me sentisse em casa.

Ao meu avô, Vasco, que não conseguiu me esperar, mas que teria ficado muito orgulhoso de sua “Maria”.

Às minhas avós, Lúcia e Shirley, exemplos de fortaleza e sabedoria.

Ao Túlio, pelo incentivo, carinho, paciência e bom humor. A temporada em Chapel Hill ficou muito mais alegre com seus e-mails diários. Eu esperava por eles ansiosamente! Obrigada por fazer parte da minha vida.

À Jura, pelos meses inesquecíveis em Chapel Hill. Saudades das nossas longas horas de conversas diárias.

Ao Fábio, pelas sugestões, leituras, disponibilidade e carinho. Agora é a minha vez de dizer: “amar você é muito fácil”.

À Natalie, soul sister e Frida friend. Friendship is a promise that lasts forever.

Aos amigos que fiz em Chapel Hill: Angie, Érica, Fernando, Gabriel, Guilherme, Irene, Janice, Joana, Keila, Rodrigo e, em especial, Ruchir e Mihir, que tornaram meu “exílio” suportável. I can't thank you enough, guys!

Aos meus amigos e colegas da PUC Minas, pelo apoio durante minha ausência, pelo estímulo e amizade, principalmente nos últimos quatro anos.

À Lé, amiga de uma vida. Cacá, amizade recente e para sempre. E vários outros amigos e familiares queridos dos quais senti saudades, mas precisei me afastar temporariamente.

Ao Eduardo Salles, pela valiosa ajuda na formatação da tese.

Ao Programa Permanente de Capacitação Docente (PPCD) da PUC Minas, pelo apoio e redução da carga horária durante os anos de doutoramento.

À CAPES, que financiou minha pesquisa no exterior.

Vou voltar, sei que ainda vou voltar  
Para o meu lugar  
Foi lá, e é ainda lá  
Que eu hei de ouvir cantar  
Uma sabiá, cantar, uma sabiá

Vou voltar, sei que ainda vou voltar  
Vou deitar a sombra de uma palmeira  
Que já não há  
Colher a flor, que já não dá  
E algum amor  
Talvez possa espantar  
As noites que eu não queria  
E anunciar o dia

Vou voltar, sei que ainda vou voltar  
E é pra ficar  
Sei que o amor existe  
E eu não sou mais triste  
E que a nova vida já vai chegar  
E que a solidão vai se acabar  
Hei de ouvir cantar uma sabiá

(*Sabiá* – Chico Buarque e Tom Jobim)

## RESUMO

O presente trabalho analisa dois romances de Julia Alvarez – *How the García Girls Lost Their Accents* e *¡Yo!*, a partir de três eixos centrais: o exílio para os Estados Unidos, o retorno à República Dominicana e o entrelaçamento da ficção com fatos da vida da escritora. Esta junção é, para Alvarez e sua personagem-escritora, Yolanda García, uma forma de se inscrever em seus próprios textos, enquanto sujeito fragmentado, multifacetado e situado em um entre-lugar, buscando uma identidade e uma pátria desestabilizadas pelo deslocamento. Yolanda, *alter ego* de Julia Alvarez, é o espaço encontrado pela autora para discutir as questões prementes de seu passado e das situações vivenciadas por muitos imigrantes fronteiriços que, como ela, procuram sua identidade em locais geograficamente tão distantes como a República Dominicana e os Estados Unidos. Dessa forma, tanto a escritora não-ficcional quanto a ficcional utilizam a escrita como forma de suturar algo que está para sempre perdido na vida do sujeito marcado pelo exílio.



## ABSTRACT

The present work analyzes two novels by Julia Alvarez – *How the García Girls Lost Their Accents* and *¡Yo!*, based on three central aspects: the exile in the United States, the return to the Dominican Republic and the interweaving of fiction with facts of her life. This conjunction is, for Alvarez and her character-writer, Yolanda García, a way of inscribing themselves in their own texts, as fragmented, multifaceted and in-between individuals, as they search for an identity and a home shattered by dislocation. Yolanda, Julia Alvarez's *alter ego*, is the voice found by the author to discuss crucial issues of her past and situations undergone by many borderline immigrants who, like herself, search for their identification in places as geographically distant as the Dominican Republic and the United States. In this sense, the non-fictional writer as well as the fictional one use their writing as means of mending something that has been forever lost in the life of the exiled individual.

## SUMÁRIO

Preâmbulo .....	11
I – Partida .....	23
II – Chegada .....	51
III – Retorno .....	107
Epílogo .....	144
Referências .....	159
Obras de Julia Alvarez .....	159
Bibliografia geral .....	160
Fontes eletrônicas .....	170

## PREÂMBULO

Em minha dissertação de Mestrado, *Ambigüities of Imperialism: the case of Antoinette Cosway in Wide Sargasso Sea* [Ambigüidades do Imperialismo: o caso de Antoinette Cosway em *Wide Sargasso Sea*],<sup>1</sup> analisei como a obra de Jean Rhys retrata a posição das mulheres na Inglaterra do século XIX, assim como as ambigüidades resultantes dessa posição na vida da personagem caribenha Antoinette Cosway que sofreu uma dupla colonização: pelo império inglês e pela dominação masculina. Como modo de fugir dessa situação, Antoinette refugiou-se na loucura e no silêncio, dois temas bastante recorrentes no universo da literatura de autoria feminina. Busquei também apontar as possíveis causas de seu sentimento de deslocamento e de sua falta de identidade, considerando-as como conseqüências do processo de colonização pelo qual ela passou. Meu interesse pelos temas relacionados aos indivíduos que vivem à margem da sociedade e que, por diversas razões, são silenciados, subjugados e desprezados permanece vivo. O presente trabalho é um reflexo disso.

No primeiro semestre de 2003, cursei a disciplina “Literatura Norte-americana de Imigrantes”. Durante esse semestre, foram-me apresentados três grandes grupos de imigrantes nos Estados Unidos: árabes, asiáticos e *Latinos*. O último grupo foi o que mais despertou meu interesse e curiosidade, pelos seguintes motivos: primeiro, porque novamente direcionei minha atenção ao Caribe, palco de grandes influências externas e de constantes lutas internas; segundo, porque o Caribe se assemelha em alguns pontos ao Brasil. Ambos são sociedades

---

<sup>1</sup> Optei por traduzir os títulos dos textos que ainda não foram traduzidos para o português somente na primeira vez que aparecem e traduzi também apenas aqueles que utilizo para fazer citações ou algum tipo de discussão. Nas referências posteriores, assim como nos livros de Julia Alvarez não traduzidos para o português, deixei os títulos na língua original.

marcadamente patriarcais, machistas, com períodos ditatoriais em suas histórias e fortes conexões com a cultura africana devido ao grande número de escravos trazidos para essas regiões, o que me faz estabelecer laços de identificação com seus valores, costumes, tradições. Por fim, por eu mesma ter sido considerada uma *Latina* durante os seis anos em que vivi nos Estados Unidos.

No decorrer da referida disciplina, vários autores contemporâneos de origem latino-americana foram lidos e analisados, dentre eles Cherríe Moraga, Richard Rodriguez, Rose del Castillo Guilbault, Dolores Prida, Judith Ortiz Cofer, Helena María Viramontes e Julia Alvarez. De imediato, o romance de Julia Alvarez, *How the García Girls Lost their Accents* [Como as irmãs García perderam seu sotaque], chamou minha atenção e despertou-me o desejo de ler outros livros da autora e pesquisar mais sobre essa escritora e imigrante.

Minha tese irá focar apenas dois romances de Julia Alvarez – *How the García Girls Lost Their Accents* e *¡Yo!* – pelas seguintes razões: em primeiro lugar, interessa-me analisar a condição social e psicológica do imigrante *Latino*, problematizada em ambos os romances, em especial o sujeito que, por contingências políticas, se desloca de seu país de origem, exila-se em um país estrangeiro e regressa ao país natal como visitante, tecendo comparações, às vezes contraditórias, irracionais ou ingênuas, sobre sua condição. Em segundo lugar, percebo em ambos os romances um veio autobiográfico que promove a íntima aproximação entre as personagens ficcionais e a própria escritora. Finalmente, elejo os referidos romances porque seus protagonistas encarnam o discurso periférico por longos anos silenciado pela hegemonia dos Estados Unidos e que agora se faz ouvir na voz de inúmeros imigrantes de origem latino-americana que naquele país vivem. Desse modo, o foco dessa investigação é a condição hifenizada desse sujeito, que, em deslocamento constante, vive momentos em que a sensação de pertencimento está presente, ora em um local, ora em outro,

e em outros momentos não se sente parte de nenhum desses dois lugares. O mesmo questiona e tenta constantemente negociar e compreender essa condição.

O romance *How the García Girls Lost their Accents* gira em torno de fragmentos das lembranças de uma família que precisou emigrar da República Dominicana, em 1960, para escapar da perseguição política, durante o governo ditatorial de Trujillo (1930-1961), e se exilar nos Estados Unidos. Há vários elementos como língua, situação social e financeira, percepção da condição de exilado que indicam a posição ambígua da família García, tanto no exílio quanto na República Dominicana durante as constantes visitas que eles realizam à ilha depois da mudança para a América do Norte.<sup>2</sup> Há também o sentimento de não mais pertencer à terra, de “se sentirem estranhos no ninho”, gerado por esse deslocamento. As meninas García sentem-se estranhas no país que as aloja, mas também não se reconhecem no país de origem nos momentos de regresso temporário.

O romance *¡Yo!*<sup>3</sup> apresenta-se como uma continuidade ao retrato da família apresentado em *García Girls*, colocando em destaque vários episódios da vida de Yolanda García, uma das quatro filhas do casal, que, através de sua escrita e tentativa de se afirmar como escritora, também permite perceber a incessante busca do imigrante por compreender a impossibilidade de se livrar da condição de estrangeiro, de sujeito hifenizado. Todos os capítulos do romance são narrativas a partir das memórias das pessoas que conviveram com Yolanda em algum momento de sua vida tanto na República Dominicana quanto nos Estados Unidos.

A análise a ser desenvolvida está centrada na forma como Julia Alvarez retrata suas personagens nos dois romances e na maneira como estas – migrantes latino-americanos,

---

<sup>2</sup> Ao longo deste trabalho, optei por seguir o mesmo padrão utilizado por Julia Alvarez em sua obra para se referir aos Estados Unidos. Assim, termos como “norte-americano/a(s)” e “América do Norte” relacionam-se, na grande maioria das vezes, apenas aos Estados Unidos, excluindo, desse modo, países como o Canadá e o México.

<sup>3</sup> Quanto ao título *¡Yo!*, preferi deixá-lo no original, uma vez que o termo apresenta mais de um significado, conforme explanação desenvolvida no terceiro capítulo.

nos Estados Unidos, a partir de 1960 – lidam com as situações e os sentimentos advindos do deslocamento, da experiência nos Estados Unidos e dos retornos esporádicos à ilha. Os romances serão analisados à luz de teorias sobre exílio, migração e experiência do sujeito fronteiriço, com o apoio de outros textos da autora, entrevistas<sup>4</sup> e textos críticos sobre a sua obra. Proponho-me a refletir sobre as vicissitudes pelas quais essas personagens e a própria Julia Alvarez passam ao se encontrarem nessa condição, assim como a levantar elementos nas narrativas que apontem para os questionamentos, as possíveis respostas e as formas de negociação que essas personagens alvarezianas procuram desenvolver.

Ressalto, também, que diversos críticos da obra de Alvarez encontram na personagem Yolanda García o *alter ego* de Julia Alvarez, o que se confirma em vários episódios dos romances *García Girls* e *¡Yo!*, espelhados nas experiências relatadas nos ensaios autobiográficos de *Something to Declare* [Algo a declarar] e em outros artigos autobiográficos da autora que serão citados ao longo do meu trabalho. Sobre sua escrita, a própria Alvarez (1998a, p. 133), em entrevista concedida a Bonnie Lyons e Bill Oliver, revela: “[b]oa parte do que escrevo vem da “minha própria experiência, alterada, mexida e ornada. Coisas que escuto misturadas com coisas que invento de tal forma que não sei onde os fatos terminam e a ficção começa”.<sup>5</sup> Essa afirmativa nos faz pensar em uma outra questão extremamente importante de sua obra, que é a forma como ela manipula dados históricos e pessoais, obtidos através de pesquisas, relatos orais e de sua própria memória.

Faz-se necessário esclarecer como os termos *Latino(a)*, *Hispanic* e *American* foram utilizados neste trabalho. Para isto, explicitarei brevemente algumas de suas possíveis definições. Teóricos como Jorge J. E. Gracia e Suzanne Oboler concordam que tanto os termos *Latino(a)* quanto *Hispanic* foram inicialmente cunhados pela elite norte-americana

---

<sup>4</sup> Neste trabalho, existem várias referências baseadas em entrevistas concedidas por Julia Alvarez; devo ressaltar, entretanto, que estas não foram tomadas como verdades absolutas, mas sim consideradas como discursos produzidos por um sujeito que se assume como construto, como ser fronteiriço e fragmentado.

<sup>5</sup> “Quite a bit of what I write comes out of my own experience, altered, played with, and embellished. Things I hear combine with things I make up, until I don’t know where facts end and fiction begins”.

com a intenção de homogeneizar e agrupar os indivíduos procedentes da América Latina. Se, por um lado, etimologicamente o termo *Hispanic* faz uma alusão direta à Espanha, por outro, há um termo amplamente utilizado para se referir aos descendentes deste país: *Spaniard*. Gracia (2000, p. 3) pontua que “‘*Hispanic*’ freqüentemente carrega o sentido de não ser europeu. Recebe a conotação de ser derivativamente espanhol e, portanto, não exatamente espanhol”.<sup>6</sup> Sob esse prisma, a palavra distancia-se de sua origem européia e refere-se exclusivamente aos indivíduos não-espanhóis, mas latino-americanos ou descendentes deste grupo. A distinção entre *Hispanic* e *Spaniard* já aponta para o estigma negativo que *Hispanic* adquiriu, uma vez que separa quem pode ser rotulado por um ou outro termo. Como exemplo, pode-se dizer que o indivíduo que nasceu na Espanha é *Spaniard*, mas aquele que nasceu em algum país da América Latina, mesmo com ascendência espanhola, tem que necessariamente ser *Hispanic*, pois o termo *Spaniard* refere-se estritamente ao sujeito nascido naquele país europeu. Um aspecto negativo atribuído à expressão gira em torno da Espanha ter colonizado a maioria dos países da América Latina, reforçando assim uma relação de superioridade e autoridade perante as suas ex-colônias.

Embora no livro *Ethnic labels, Latino lives: identity and the politics of (re)presentation in the United States* [*Rótulos étnicos, vidas Latinas: identidade e a política da (re)apresentação nos Estados Unidos*], Suzanne Oboler (2002, p. xiii; grifo da autora) não faça diferenciação entre os termos *Hispanic* e *Spaniard*, ao afirmar que o termo “*Hispanic oficialmente* identifica as pessoas de ascendência latino-americana e espanhola, residentes nos Estados Unidos hoje”,<sup>7</sup> ela, de certo modo, inclui os espanhóis “legítimos”, o que geraria, por exemplo, uma confusão no sujeito no momento de preencher o questionário do censo.

Já no artigo “The politics of labeling: Latino/a cultural identities of self and others” [A política do rótulo: identidades culturais *Latinas* do eu e outros], Oboler (1992, p.

<sup>6</sup> “‘Hispanic’ frequently carries the sense of not being European. It has the connotation of being derivatively Spanish and therefore not truly Spanish”.

<sup>7</sup> “Hispanic *officially* identifies people of Latin American and Spanish descent living in the United States today”.

22; grifo meu) aponta para os países falantes de língua espanhola como fator determinante para a atribuição do termo, como demonstra a passagem a seguir:

[d]urante as duas últimas décadas, o termo *Hispanic* foi utilizado genericamente nos Estados Unidos para se referir a todas as pessoas neste país cuja ascendência é predominantemente de um ou mais países falantes de espanhol. O termo, assim, determina as pessoas de uma variedade de *backgrounds* nacionais a uma única categoria “étnica”.<sup>8</sup>

Esta definição, como pode-se notar, tampouco abarca a diversidade histórica, política, econômica, genética, social, lingüística, étnica e racial encontrada nos mais de 35 milhões de imigrantes latino-americanos presentes naquele país, limitando-se apenas à língua, para inclusão nesse rótulo. Classificar um sujeito de acordo com sua língua é uma ação complicada, já que nos Estados Unidos, por exemplo, há inúmeros casos de descendentes de latino-americanos que falam apenas o inglês. Eles se identificam com a cultura, os valores e os costumes de seus antepassados, mas não compartilham da mesma língua. Se há a necessidade de se criar um termo para classificar esses indivíduos e conseguir recenseá-los, como é o propósito do Departamento do Censo dos Estados Unidos, deveríamos considerar outras possibilidades classificatórias mais abrangentes, como a própria população imigrante já faz.

Inicialmente, o termo *Latino(a)* surgiu da necessidade dos falantes de francês de distinguirem a América inglesa, anglo, da América não-anglo, incluindo, dessa maneira, a América francesa, a América espanhola e a América portuguesa. O termo que significa “de origem latina” faz oposição à anglo-saxã e foi logo incorporado ao léxico inglês. Atualmente, refere-se “[...] aos indivíduos descendentes de latino-americanos, independente da sua

---

<sup>8</sup> “Over the past two decades, the term Hispanic has come into general use in the United States to refer to all people in this country whose ancestry is predominantly from one or more Spanish-speaking countries. The term therefore assigns people of a variety of national backgrounds to a single ‘ethnic’ category”.



ascendência”<sup>9</sup> (GRACIA, 2000, p. 4-5). Nos Estados Unidos, o termo foi adotado para atender à demanda de substituir *Hispanic* por uma expressão que fosse menos negativa e que compreendesse

[...] todas as nacionalidades latino-americanas, inclusive aqueles que não possuem ligações com a Espanha nem são necessariamente grupos de língua espanhola dominante –, como por exemplo, os brasileiros; os cidadãos norte-americanos de fala inglesa dominante de segunda e terceira geração, em particular dentro das populações *chicanas* e porto-riquenhas, assim como entre a segunda geração e as posteriores de ascendência latino-americana; panamenhos falantes de inglês; e vários grupos indígenas não-falantes de espanhol de diversas regiões latino-americanas.<sup>10</sup> (OBOLER, 2002, p. 4; grifo meu).

Embora a maioria dos escritores descendentes de latino-americanos, nascidos e residentes nos Estados Unidos, tenham adotado o termo *Latino(a)* para si, Oboler (2002, p. 166) insiste que “[...] ambos os termos [*Latino(a)* e *Hispanic*] de fato excluem muitas das experiências históricas e tradições lingüísticas dos povos africanos, asiáticos e indígenas do continente americano”.<sup>11</sup> Devido a isto, portanto, as comunidades latino-americanas naquele país preferem utilizar expressões/rótulos mais específicos, que apontam para a os grupos com os quais cada comunidade mais se identifica, como: *Dominicans*, *Dominican-Americans*, *Hispanic-Americans*, *Puerto Ricans*, *Puerto Ricans in the United States*, *Cuban-Americans*, *Cubans from Miami*, *Chicanos*, *Mexican-Americans*, para citar alguns. Gracia (2000, p. 22) enfatiza que esta nomenclatura faz muito mais sentido, principalmente para os seus integrantes, uma vez que as comunidades *Hispanic/Latino(a)* dentro e fora dos Estados Unidos não apresentam nenhum ponto em comum. Ao adotar estes termos, estamos legitimando as diversidades e explicitando que cada grupo possui suas especificidades. Dessa

<sup>9</sup> “[...] to persons of Latin American descent, regardless of their ancestry”.

<sup>10</sup> “[...] all Latin American nationalities, including those which neither have ties to Spain nor are necessarily Spanish-dominant groups – for example, Brazilians; second- and third-generation English-dominant U.S. citizens, particularly within the Chicano and Puerto Rican populations, as well as among the second and later generations of Latin American descent; English-speaking Panamanians; and various non-Spanish-speaking indigenous groups from diverse Latin American regions”.

<sup>11</sup> “[...] both terms in fact exclude much of the historical experiences and linguistic traditions of the African, Asian, and indigenous populations of the American continent”.

maneira, minha decisão em deixar estes termos no original em inglês relaciona-se ao fato de que a tradução para o português simplesmente não dá conta da complexidade dessas expressões em seus contextos originais.

Quanto ao termo *American*, utilizo-o da mesma forma que Julia Alvarez faz em sua obra, como sinônimo de *North American*. Embora, nesse contexto, para ambos os termos, a tradução mais próxima seja “norte-americano(a)”, optei também por deixar *American* no original, porque quando Alvarez quer fazer distinção entre o termo mais específico, *North American*, e o mais abrangente e ambíguo, *American*, ela lança mão de cada um deles discriminadamente. Assim, traduzi apenas o *North American*, como já citei em nota anterior.

Termos como “estrangeiro”, “imigrante”, “exilado”, “hifenizado”, “sujeito fronteiriço”, “displaçado”, “desterritorializado”, “despatriado” serão utilizados para compreender em quais categorias Julia Alvarez e suas personagens se encaixam. Demonstrarei como em alguns contextos os termos acabam funcionando como sinônimos, enquanto em outros, são termos que obedecem a uma ordem hierárquica. Discutirei também outros conceitos que utilizo ao longo do meu trabalho: “primeiro e terceiro mundos”, “pátria/lar” e “país”, e o “entre-lugar” ou o “lugar fronteiriço”.

Cabe também explicitar a utilização do termo “ilha” para se referir à República Dominicana. Mesmo sabendo que a ilha Hispaniola é formada por dois países distintos – a República Dominicana e o Haiti – escolhi utilizar o mesmo termo que Julia Alvarez. Ao falar do seu país natal, muitas vezes ela se refere apenas à “ilha”, não incluindo o Haiti nessas menções.

Início o primeiro capítulo discutindo a relevância da produção e leitura/estudo da literatura *Latina* nos Estados Unidos, não só como um testemunho dos imigrantes e/ou descendentes de imigrantes latino-americanos a partir de suas experiências no país hospedeiro, mas também como uma estratégia de sobrevivência e auto-conhecimento desses

autores. Em seguida, considero os possíveis motivos que levam milhões de indivíduos a saírem de seus países de origem e o impacto de sua chegada no país que os acolhe, tanto do ponto de vista social quanto econômico e psicológico. Reflito sobre a experiência no exílio, apontando o que ocorre com o indivíduo que se vê forçado a deixar sua terra natal. As visões de Edward Said, Stuart Hall e Julia Kristeva sobre o estrangeiro, o exílio e o sentimento de deslocamento tiveram um papel relevante na condução de minha discussão. A experiência desses imigrantes contribuiu significativamente para que eu pudesse compreender o lugar que o indivíduo deslocado ocupa no contexto exílico.

Meu próximo passo será apresentar a escritora Julia Alvarez, enumerando sua bibliografia e fazendo um breve resumo de sua vida pré- e pós-exílio, para então adentrar o mundo da escrita da autora. Começo minha reflexão a partir de sua formação literária, para tentar compreender de onde partiu, quais foram suas experiências, suas leituras, suas influências, seus modelos para chegar na sua própria escrita. Penso também em como ela se encaixa dentre as várias tradições possíveis: literatura dominicana, latino-americana ou *Latina*.

Nas minhas primeiras e menos informadas leituras, pareceu-me faltar uma certa especificidade em sua escrita. Eu acreditava que as histórias que Alvarez narrava ali, principalmente as que dizem respeito à ditadura e à condição das personagens imigrantes, poderiam estar relacionadas a qualquer governo ditatorial, qualquer lugar no mundo, qualquer personagem híbrida e deslocada, qualquer situação ou sentimento de não-pertencimento. Frequentemente eu me questionava se sua obra efetivamente carecia de especificidade, como se o fato de apagar nomes, datas, lugares, fizesse com que seus textos se tornassem universais. Será que os imigrantes europeus nos Estados Unidos passariam pelas mesmas situações? Seriam tratados da mesma forma? Sentiriam as mesmas angústias? Teriam os mesmos questionamentos? Minhas perguntas, na realidade, giravam em torno da especificidade da literatura dominicana nos Estados Unidos. Será que Julia Alvarez escreve como qualquer

outro escritor nascido na República Dominicana ou como uma estrangeira? Seria seu olhar como o de um antropólogo que pretende descobrir uma cultura ou será que ela se sente como as pessoas nascidas e crescidas naquele local e cultura? O que há de peculiar em sua obra para que possamos rotulá-la de “escritora dominicana” ou *Dominican-American*? Os marcadores – República Dominicana, Rafael Trujillo, Estados Unidos, família Alvarez/García –, são realmente necessários? Seriam talvez suficientes para que ela receba essa classificação?

Neste capítulo, analiso também o engajamento político da autora, a partir do seu lugar de enunciação, o que a diferenciaria de escritoras como Gloria Anzaldúa e Cherríe Moraga, por exemplo. Cabe ressaltar que a literatura de Alvarez possui alta receptividade entre um público conservador, formado em sua maioria por senhoras da terceira idade, donas-de-casa e jovens moças *Latinas*, entre outros. Basta lembrar que os livros da autora publicados no Brasil são apenas aqueles que assumem uma postura política mais explícita, com respeito à política norte-americana para países latino-americanos e não sua obra poética e a maioria dos seus livros destinados ao público infantil. Acredito que a escolha das editoras brasileiras deve-se ao fato de que o público brasileiro tende a se identificar com aqueles livros cujos temas coincidem com o passado histórico de nosso país, como é o caso da ditadura, como também com aqueles que se posicionem criticamente em relação à política hegemônica dos Estados Unidos para os países periféricos. Em relação aos livros infantis, infelizmente há pouco estímulo ao público infantil brasileiro para ler e se interessar por assuntos dessa natureza, como é o caso dos livros de Alvarez, em que a imigração e o exílio são temáticas quase sempre presentes.

O segundo capítulo analisa as experiências da família García no exílio. Procurei fazer um levantamento dos elementos de identificação cultural, como os aspectos físicos das personagens; a relação com a língua-mãe e a língua do país receptor; a mudança no *status* social e financeiro da família provocada pelo deslocamento; a convivência com os habitantes

do novo país; as diversas situações que cada gênero enfrenta nos Estados Unidos; as perdas e os ganhos que o exílio oferece; os sentimentos de pertencimento e deslocamento suscitados no novo ambiente.

Discorrerei sobre a pátria/lar, a partir do posicionamento da autora Cherríe Moraga em relação aos Estados Unidos e o México, procurando perceber como ocorre a relação do imigrante com o país que o recebe e apontando suas contradições. Para tanto, analiso a forma como as meninas García percebem os Estados Unidos quando estão na República Dominicana; a dificuldade do pai Carlos García em lidar com sua condição inferiorizada no exílio; o primeiro contato da menina Yolanda com a escrita; bem como o contato com uma nova língua e os sentimentos contraditórios que isso provoca.

O terceiro capítulo destaca a busca dos personagens pela pátria imaginária. Demonstrarei a necessidade de se retornar à República Dominicana, apontando as possíveis causas e enfatizando que a volta é uma tentativa de que dispõe o sujeito “movente”, situado no entre-lugar, como é mais evidente na personagem de Yolanda, para encontrar algumas respostas, algumas alternativas e algo no qual se ancorar. Analisarei o relacionamento de Yolanda com um de seus maridos, o norte-americano John, para demonstrar como a língua desempenha papel fundamental no relacionamento entre pessoas de diferentes culturas e *backgrounds*. Examinarei o desequilíbrio mental de Yolanda e de sua irmã Sandra, provocado pelo deslocamento para o exílio, a condição hifenizada que elas apresentam, como também a rigidez de uma educação católica e conservadora, baseada nas tradições dominicanas. Concluo o capítulo fazendo um paralelo entre a autora Julia Alvarez e a personagem Yolanda. É importante ressaltar que em vários momentos ao longo do meu trabalho, volto à biografia da autora, principalmente algumas passagens de *Something to Declare*, para apontar as semelhanças nas experiências e enfatizar o forte aspecto autobiográfico de sua obra.

Portanto, meu propósito, ao escrever esta tese, é comprovar que a escrita de Julia Alvarez, em especial os romances aqui analisados, constitui um cruzamento entre fatos acontecidos com o sujeito empírico e sua autoficção. Para tanto, analiso a escrita de Alvarez e sua personagem-escritora, Yolanda García, como representações do imigrante fronteiriço que está em busca de sua identidade e de sua pátria. Utilizo tanto as teorias referentes à temática do exílio quanto considerações sobre autobiografia ficcional, uma vez que o texto de Alvarez só pode se realizar a partir do entrelaçamento dessas questões. É escrevendo sobre uma personagem muito próxima de si mesma que Alvarez consegue representar-se e representar sua situação não de forma a que o leitor apreenda a sua realidade, mas algo que é da ordem da escrita de sua própria vida sempre fragmentada, pois é representação o que ela produz. Yolanda García acaba por ser o espaço encontrado por Alvarez para discutir as questões prementes de seu passado e das situações vivenciadas por muitos imigrantes que, como ela, procuram sua identidade em locais tão distantes geograficamente como República Dominicana e Estados Unidos e não conseguem encerrar essa questão, devido ao fato de que isto é sempre inconcluso. A escrita serve como forma de suturar algo que está para sempre perdido na vida do sujeito marcado pelo exílio. Partindo dessas premissas, começo agora a minha viagem juntamente com Julia Alvarez e a família García.

## I PARTIDA

O mundo inteiro é um palco,  
todos os homens e mulheres não passam de atores.  
Têm suas entradas e saídas  
e um homem em seu tempo representa muitos papéis  
e sete idades têm seus atos.  
(William Shakespeare)

Atualmente a literatura escrita por imigrantes *Latinos* e seus descendentes nos Estados Unidos tem sido alvo de grande interesse tanto no meio acadêmico quanto em escolas primárias e secundárias norte-americanas e também entre o público em geral. Tal atenção e recepção decorre, em parte, do crescente número de indivíduos que continua a se deslocar da América Latina em direção aos Estados Unidos, mas decorre também de três outros fatores: primeiro, a necessidade de se compreender esses povos imigrantes que, embora originários de lugares em sua maioria geograficamente pouco distantes dos Estados Unidos, destes diferem em termos culturais, lingüísticos e históricos; segundo, porque essa própria comunidade diaspórica demanda que sua história seja relatada e ouvida no país que a acolhe; e terceiro, de acordo com Ellen McCracken (1999, p. 5), a visão da literatura étnica como uma *commodity*, pois há um grande interesse pelo exótico e pelo diferente naquele país. No prefácio do livro *In Other Words: Literature by Latinas of the United States* [*Em outras palavras: literatura de Latinas dos Estados Unidos*], Roberta Fernández (1994, p. xxv) afirma que

[e]ssa literatura se desenvolveu a partir de condições históricas particulares de uma minoria oprimida cujos escritores se vêem socialmente comprometidos com o fim do status colonial de seus povos. Portanto, o

conteúdo da literatura *Latina* identifica-se intimamente com um discurso de contestação e auto-definição.<sup>1</sup>

A literatura *Latina* serve como um legado para as gerações de descendentes desses imigrantes hispânicos que almejam deixar sua história e experiência registradas para a posteridade. Desde o início do movimento *chicano* em meados da década de 1960 até os dias de hoje, inúmeros autores oriundos da América Latina ou nascidos nos Estados Unidos mas com alguma ligação com os países latino-americanos, seja através de contatos familiares ou por desejo de aproximação com seus ancestrais, vêm documentando suas histórias em obras não raramente autobiográficas. Se, por um lado, existe a tentativa de aproximação das suas próprias trajetórias familiares, por outro, nesses textos há uma constante busca pela compreensão da sua própria condição hifenizada, híbrida. Fernández (1994, p. xxi-xxii) enumera tendências que norteiam as escritoras *Latinas*. Aqui destaco somente aquelas que tangenciam mais especificamente o propósito do meu trabalho: “[...] a busca pela identidade individual e coletiva, o desafio de viver em duas ou mais culturas, e o reconhecimento da habilidade de auto-expressão em duas ou mais línguas”.<sup>2</sup> Embora ela se refira apenas às escritoras incluídas em sua antologia, podemos estender essa afirmativa a vários escritores *Latinos* que vivem nos Estados Unidos, uma vez que, embora as experiências sejam particulares e distintas, as razões pelas quais eles se encontram ali muitas vezes coincidem, sejam elas por motivos econômicos, políticos, ou sociais. Muitos desses indivíduos têm suas identidades fragmentadas, estão divididos entre o país que os acolhe ou acolheu seus ascendentes (nesse caso, os Estados Unidos) e seus países de origem. Muitos deles nunca estiveram nos países de onde seus familiares partiram, mas reconhecem esses países como seus também e por eles nutrem uma ligação visceral. Um outro elemento relevante que marca

---

<sup>1</sup> “This literature has evolved out of the particular historical situations of an oppressed minority whose writers perceive themselves as socially committed to the elimination of the colonial status of their people. Thus, the content of Latino literature is closely identified with a discourse of contestation and self-definition”.

<sup>2</sup> “[...] the search for individual and group identity, the challenges of living in two or more cultures, and the recognition of our ability to self-express in two or more languages”.



a literatura *Latina* é a “[...] variedade de experiências e *backgrounds* culturais [...]”<sup>3</sup> desses escritores, conforme Jean Franco (1994, p. xv) ressaltou na apresentação à antologia organizada por Fernández e citada anteriormente.

Antes de pensar especificamente no imigrante *Latino*, foco principal desse trabalho, é preciso pensar de maneira mais geral as diversas razões que levam o indivíduo a deixar seu país, bem como nas conseqüências que esse afastamento lhe traz. Para Nelson Brissac Peixoto (1988, p. 363), o estrangeiro é “[...] aquele que não é do lugar, que acabou de chegar, é capaz de ver aquilo que os que lá estão não podem mais perceber. [...] Ele é capaz de olhar as coisas como se fosse pela primeira vez”. Sua visão se amplia com o distanciamento; sua percepção alcança um espectro que aqueles nascidos e residentes em um determinado espaço não conseguem atingir, uma vez que, para estes, tudo que os cerca é tratado como familiar ou trivial.

O estrangeiro é aquele que se aloja em um país desconhecido, onde nada parece lhe pertencer e tampouco ele apresenta facilmente um sentimento de pertencimento ao local. Portanto, ele é um estranho por não estar em seu ambiente natural, como acontece com o nascido e residente naquele lugar. É também o outro em relação a esse indivíduo por ter valores, costumes e crenças diferentes dos dele. Várias são as formas de se referir ao estrangeiro: ele pode ser um simples turista que está em outro país na condição de viajante, ou pode estar a trabalho e estabelecer uma relação estritamente profissional com o novo lugar. Muitos imigram voluntariamente, na maioria das vezes em busca de melhores condições de vida e trabalho, mas também em busca de oportunidades acadêmicas ou ainda por razões pessoais.

Existe, porém, aquele que está ali na delicada condição de exilado. Para Kenneth Parker (1993, p. 77), “[a] noção do ‘exílio’ não tem a ver com um lugar, mas com uma

---

<sup>3</sup> “[...] variety of cultural experiences and backgrounds [...]”.

condição – uma condição a partir da qual se fala”.<sup>4</sup> Por vários motivos, ora políticos, ora ideológicos, o indivíduo se vê forçado ao exílio ou tem de se refugiar em outro país. De fato, perseguições políticas estão entre os motivos mais recorrentes na promoção do processo migratório, principalmente se pensarmos em países em desenvolvimento, ex-colônias, que passaram por alguma forma de ditadura ou regime de repressão ao longo do século XX. Nesses casos, também é preciso considerar que muitos desses imigrantes deslocam-se sem a perspectiva de volta e, ao chegarem ao país que os acolhe, deparam-se com uma realidade difícil e uma sociedade excludente.

Não apenas o exílio é conturbado, já que o exilado é posto à margem da sociedade, mas uma série de complicações também ocorre em função de seu retorno à pátria de origem. Tal conflito parece ser ainda mais grave para o sujeito que se desloca de um país dito periférico e se instala no antigo centro imperial. Ao se afastar do local de origem, ele passa a olhá-lo criticamente e, conseqüentemente, dele exigir a visão idealizada que se criou no desejo de retorno. Com o deslocamento, sua visão é influenciada pelo novo lugar, com toda a sua complexidade cultural. Sua nova condição não lhe permite manter a mesma visão de outrora de seu país, uma vez que o exílio implica novos fatores culturais, sociais e políticos que passam a atuar sobre seu comportamento. Seu olhar muda não apenas em relação ao local de origem, mas curiosamente também em relação ao novo espaço e à nova condição em que se encontra, uma vez que a efetiva experiência do exílio também é contrastada com a idéia de exílio por ele previamente concebida. Julia Kristeva (1994, p. 14; grifo da autora) pontua que o estrangeiro

[...] sente uma certa admiração para com os que o acolheram, pois em geral acredita serem eles superiores, seja material, política ou socialmente. Ao mesmo tempo não deixa de julgá-los um pouco limitados, cegos. Pois os seus anfitriões desdenhosos não possuem a *distância* que ele possui, para se ver e para vê-los.

---

<sup>4</sup> “The notion of ‘exile’ has not to do with a place, but with a condition – a condition from which one speaks”.

Para muitos exilados, sua condição no exterior muitas vezes lhes permite perceber que o lugar de origem não é algo fixo, imutável, mas que está em constante processo de mudança, mesmo durante sua ausência. Para muitos outros, no entanto, a vida no local de origem parece ter estacionado no tempo, esperando por sua volta. “Eles vêem a pátria como o lugar onde a cultura nativa sobrevive intacta, imaculada mesmo depois do contato com estrangeiros, não ameaçado por mudanças. A pátria, portanto, funcionaria como uma das importantes ‘ficções coletivas’ da comunidade *Latina*”<sup>5</sup> (CHRISTIAN, 1997, p. 104). Em outras palavras, um determinado grupo de imigrantes posiciona-se de maneira mais consciente e lúcida, enquanto outro ainda vive preso às amarras de um mundo memorial de um tempo vivido pré-exílio. Cabe ressaltar, porém, que esses posicionamentos não estão estagnados. A percepção do exílio e do país de origem pode variar ao longo do tempo, o que aponta para o caráter de transitoriedade associado ao processo migratório. Desse modo, o regresso implica a diferença entre aquele que foi e o que retorna, agora mais crítico, mais perspicaz, e por vezes mais patriota. O indivíduo precisa aprender a lidar com esses sentimentos contraditórios e simultâneos. Na visão do teórico jamaicano Stuart Hall (2003, p. 27):

[...] muitos sentem que a “terra” tornou-se irreconhecível. Em contrapartida, são vistos como se os elos naturais e espontâneos que antes possuíam tivessem sido interrompidos por suas experiências diaspóricas. Sentem-se felizes por estar em casa. Mas a história, de alguma forma, interveio irrevogavelmente.

Ao retornar ao país de origem, o indivíduo precisa lidar com uma realidade já diferente. Uma vez que sua visão não é mais a mesma, ele vive à margem também em sua própria terra, como argumenta Kristeva (1994, p. 27; grifo da autora):

---

<sup>5</sup> “They view the homeland as the place where the native culture survives intact, unsullied by contact with foreigners, unthreatened by change. The homeland thus operates as one of the Latina/o community’s important ‘collective fictions’”.

[...] todo nativo sente-se mais ou menos “estrangeiro” em seu “próprio” lugar e esse valor metafórico do termo “estrangeiro” primeiramente conduz o cidadão a um embaraço referente à sua identidade sexual, nacional, política, profissional. Em seguida, empurra-o para uma identificação, certamente casual, mas não menos intensa – com o outro.

O *status quo* dos próprios imigrantes e das implicações de sua chegada e conseqüente permanência nos países que os recebem constitui um dos temas mais discutidos na atualidade, principalmente nos Estados Unidos, que abrigam milhões de imigrantes.<sup>6</sup> Segundo Sônia Torres (2001, p. 11), “[...] uma das características do mundo contemporâneo é o fato de ele ter produzido mais refugiados, migrantes e exilados do que qualquer outra época da história”. Por conseguinte, vários países travam acirrada luta para impedir a entrada em massa de imigrantes, o que gera desequilíbrios de ordem social, econômica e política. Julia Kristeva (1994, p. 45) reforça essa noção ao pontuar que o estrangeiro “[...] é um problema, um desejo positivo ou negativo, jamais neutro. De fato, em todos os países do mundo, os estrangeiros suscitam dificuldades econômicas ou políticas que são resolvidas via administrativa ao sabor de explosões, em geral não-domináveis”. As várias categorias impostas social e economicamente pelos motivos da partida do país de origem levam a uma certa hierarquização do estrangeiro. Enquanto há, por exemplo, aqueles que se deslocam com o propósito exclusivo de fazer dinheiro e ser bem sucedido, há outros que são levados ao exterior por divergências políticas, o que os coloca em uma situação de vantagem em relação àquele indivíduo que apenas oferece sua mão-de-obra. Vale lembrar que estes imigrantes geralmente pertencem a classes menos favorecidas em seus países de origem, com nível de instrução baixo e pouco ou quase nenhum poder de compra. Assim, o deslocamento para os Estados Unidos representa a chance única de melhorarem de vida, fazendo com que eles

---

<sup>6</sup> Veja a seguinte informação: De “1965 até os dias atuais, o número de imigrantes entrados nos EUA ultrapassou o número de 25 milhões. Essa fase é caracterizada pela grande entrada de hispânicos (cerca de 48% do total) e de asiáticos (35%) e da pequena participação de imigrantes de origem européia (12%)” (OLIC, Nelson Bacic. Estados Unidos: imigração e desigualdades sociais. *Revista Pangea*, Quinzenário de Política, Economia e Cultura, 3 ago. 2001. Disponível em: [www.clubemundo.com.br/revistapangea/show\\_news.asp?n=50&ed=4](http://www.clubemundo.com.br/revistapangea/show_news.asp?n=50&ed=4). Acesso em: 5 jan. 2005).

aceitem qualquer tipo de trabalho sob quaisquer condições. Em outras palavras, embora todos eles sejam genericamente imigrantes, o exilado político assume um posicionamento que lhe garante maior conforto, respeito e aceitação no país acolhedor, pois, primeiro, ele não se encontra ali exclusivamente para disputar uma vaga no mercado de trabalho e, segundo, na maioria das vezes, seu nível social e econômico já lhe garante um *status* mais seguro e privilegiado.

Para a escritora Julia Alvarez (1999, p. 214), cuja obra será discutida ao longo desse trabalho, o imigrante é aquele que “[...] se sente constantemente tentado a dar uma olhada para trás para ver o que deixou”.<sup>7</sup> Pode-se dizer que o imigrante está em constante busca pelo “paraíso perdido”, por algo que ele acredita ter perdido com o deslocamento e que não será mais recuperado. É pertinente aqui lembrar a assertiva de Edward Said (2003, p. 46): “[a]s realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre”. Nos próximos capítulos, retornarei a essas questões apontadas aqui em relação à busca do imigrante por algo que deseja recuperar porque sente ter perdido, e demonstrarei mais claramente o posicionamento das personagens alvarezianas com base nos romances escolhidos para análise.

Para o presente trabalho optei por dialogar apenas com três livros da extensa obra de Julia Alvarez. Para uma autora que iniciou a carreira depois dos 30 anos de idade, percebe-se que hoje, aos 57 anos, sua produção é bastante vasta e abrange diversos gêneros literários: romance – *How the García Girls Lost their Accents* (1991), *In the Time of the Butterflies* (1994), *¡Yo!* (1997), *In the Name of Salomé* (2000), *Saving the World* (2006), *Once upon a Quinceañera: coming of age in the U.S.A.* (2007); poesia – *The Other Side/ El Otro Lado* (1995), *Homecoming* (1996), *The Woman I Kept to Myself* (2004); literatura infanto-juvenil – *Seven Trees* (1998), *The Secret Footprints* (2000), *A Cafecito Story* (2001), *How Tía Lola*

---

<sup>7</sup> “[...] is constantly tempted to cast a lingering backward look to see what it is she has left behind”.

*Came to Visit/Stay* (2001), *Before we were Free* (2002), *Finding Miracles* (2004), *A Gift of Gracias* (2005); ensaios – *Something to Declare* (1998). Apenas quatro destes títulos já foram traduzidos para o português, a saber: *Em nome de Salomé*, *Tia Lola veio visitar/morar*, *Antes da liberdade* e *No tempo das borboletas*. Exceto pelos artigos e entrevistas publicadas em diversas revistas e periódicos estadunidenses, que de modo geral enfocam principalmente sua experiência nos Estados Unidos, todos os seus romances, livros de poesia e obras infanto-juvenis estabelecem alguma ponte com a República Dominicana, seja ao situar suas histórias na ilha ou ao retratar personagens que lá nasceram mas que por algum motivo vivem nos Estados Unidos (como é o caso de Tia Lola, para citar apenas um, que vai fazer uma visita a parentes nos Estados Unidos e lá resolve permanecer). Seu antepenúltimo livro, por sua vez, gira em torno da Virgem de Alta Gracia, já presente em outras obras de Alvarez através de alguma breve referência ou mencionada na dedicatória ou agradecimentos.

Um dos seus livros mais famosos e referência atual no tocante à ditadura na República Dominicana é o romance histórico *No tempo das borboletas*, cujo objetivo principal é retratar a vida de quatro irmãs dominicanas durante o governo do ditador Trujillo e narrar ao mundo, agora através da vereda ficcional, como três delas foram brutalmente assassinadas durante esse período. Pode-se dizer que este texto tem uma força ou um apelo mais incisivo se comparado aos outros, uma vez que denuncia abertamente a morte de três mães, jovens e inocentes, que lutavam por ideais nobres. Além disso, baseia-se em fatos reais e veicula a voz da irmã sobrevivente. *No tempo das borboletas*, entretanto, não aborda um dos temas mais marcantes em sua obra, que é a imigração para os Estados Unidos. Essa ressalva justifica o fato de eu não o ter incluído entre os livros que escolhi focar aqui, uma vez que o ponto fulcral de minha pesquisa é a condição do exilado e sua relação tanto com o país de origem quanto com o país hospedeiro.

Julia Alvarez nasceu em Nova York, em 1950, embora algumas biografias afirmem equivocadamente que ela nasceu na República Dominicana. Três meses<sup>8</sup> após seu nascimento, a família retornou à ilha, permanecendo lá até que Julia tivesse dez anos de idade, época em que sua família imigrou para os Estados Unidos para escapar da ditadura de Trujillo, que assolou o país por 31 anos. Seu pai fazia parte da elite que pretendia secretamente derrubar o ditador, e a família Alvarez precisou sair às pressas do país para evitar perseguições, sanções, ou qualquer outro tipo de restrição imposta aos opositores do governo. Abro aqui um parêntese para situar historicamente o contexto no qual a família de Alvarez estava inserida.

Desde 1930, a República Dominicana vivia sob o governo do General Rafael Leonidas Trujillo Molina. Sua ascensão ao poder deu-se com o apoio dos Estados Unidos para derrubar o então Presidente Horacio Vásquez. Todos que se opunham politicamente ao governo do ditador tanto através de palavras quanto de ações eram severamente punidos pelo SIM (Serviço de Inteligência Militar), a polícia secreta criada por ele. Através do SIM, Trujillo não apenas obtinha informações sobre tudo e todos na República Dominicana, como também praticava atos de tortura a mando de seu chefe. O SIM controlava a imprensa, subornava a elite e vigiava as pessoas. Com isso, o país viveu 31 anos submetido ao medo, à desconfiança e à violência, chegando a um total de 300.000 pessoas mortas durante a ditadura trujillista (LEONARD, 2000).

Outro fato relevante de seu governo foi o seu próprio enriquecimento, assim como o de sua família e amigos próximos. Seu governo foi marcado pela opressão exercida sobre o povo dominicano, chegando ao ponto de sua família deter grande parte das terras dominicanas. Em 1961, o general foi assassinado pela elite dominicana revoltada com sua

---

<sup>8</sup> Há uma discrepância em relação a essa informação. No sítio oficial da escritora ([www.juliaalvarez.com](http://www.juliaalvarez.com)), Alvarez afirma que a família retornou à República Dominicana quando ela tinha três meses de idade; entretanto, em seu ensaio "An American Childhood in the Dominican Republic", no parágrafo inicial, ela afirma que isso ocorreu quando tinha apenas três semanas de vida. Optei por manter essa contradição em meu texto, uma vez que a própria autora parece não estar certa dessa informação.

tirania, arbitrariedade e injustiça. Mesmo após sua morte, os dominicanos continuaram por muitos anos sob o signo dos traumas deixados pelo *trujillato*. Dentro desse contexto encontrava-se a família de Julia Alvarez, cujo pai era um opositor ferrenho do ditador, o que o levou, portanto, ao exílio nos Estados Unidos, juntamente com o restante de sua família.

Uma vez instalados em Nova York, a família retomou sua rotina: o pai era médico e passou a atender a comunidade hispânica local, e suas quatro filhas passaram a freqüentar escolas norte-americanas. Cada vez mais o propósito era de se integrar à nova cultura, através do aprendizado da língua e da aceitação dos costumes, por exemplo. Porém, havia também a intenção clara dos pais de que a menina Julia e suas irmãs não se distanciassem dos valores culturais dominicanos e nem do restante da família de cujo convívio tiveram que abrir mão. Em *Something to Declare*, Alvarez (1999, p. 64) ilustra justamente essa preocupação de seus pais ao recordar: “[m]eus pais, ansiosos que nós não perdêssemos nossa ligação com nossa terra natal, e sem dúvida pensando em futuros maridos para suas quatro filhas, começaram a nos mandar para ‘casa’ todo verão, para a família da mamãe que vivia na capital”.<sup>9</sup> Propositamente, Julia Alvarez cria uma família chamada García, em seu primeiro romance *How the García Girls Lost their Accents*, muito semelhante à sua própria família. O retorno temporário à República Dominicana, mesmo que apenas durante as férias, é justificado pela capacidade de rápida assimilação e adaptação das meninas à vida nos Estados Unidos. Desse modo, tanto os pais de Alvarez quanto os pais das irmãs García não perdiam de vista a necessidade de manter contato com as raízes dominicanas a fim de que suas filhas perpetuassem o elo com a ilha. No capítulo “A Regular Revolution” [Uma revolução comum], do romance citado acima, uma passagem se assemelha muito a um trecho não-ficcional de *Something to Declare*, em que os pais estavam preocupados porque “[...] iriam perder suas

---

<sup>9</sup> “My parents, anxious that we not lose our tie to our native land, and no doubt thinking of future husbands for their four daughters, began sending us ‘home’ every summer to Mami’s family in the capital”.



meninas para a América”.<sup>10</sup> Para que isso não acontecesse, um período na ilha não deixaria que elas perdessem “[...] contato com a família”<sup>11</sup> e, conseqüentemente, “[...] ajudaria a endireitá-las”<sup>12</sup> (ALVAREZ, 1992b, p. 109). Na imaginação dos pais, tamanha adaptação poderia torná-las por demais americanizadas, independentes, incontroláveis. Esse período longe dos Estados Unidos promoveria um reencontro com a cultura, valores, raízes, e possibilitaria que elas entrassem no eixo novamente, através da disciplina e rigidez das tradições dominicanas.

É interessante observar que Julia Alvarez é classificada ora como escritora dominicana, ora como *Hispanic-American*, embora ela se autodenomine uma escritora *Dominican-American* (ALVAREZ, 1999, p. 173). Tantas classificações devem-se às múltiplas e possíveis identidades das quais a escritora se apropria para si mesma. Há uma alternância dessas categorias à medida que ela se desloca pelos diversos espaços culturais. Isso contribui não apenas para o seu enriquecimento interior, mas também proporciona que sua escrita adquira mais maturidade e solidez. No artigo “A Search for Identity in Julia Alvarez’s *How the García Girls Lost their Accents*” [A busca de identidade em *How the García Girls Lost their Accents* de Julia Alvarez], William Luis (2000) discute questões relativas à constante busca das personagens por sua(s) identidade(s), motivadas justamente por elas se encontrarem entre duas culturas distintas. Para isso ele também recorre ao ensaio autobiográfico “Hold the Mayonnaise” [Segure a maionese] escrito por Alvarez um ano após a publicação de seu primeiro romance. Nesse ensaio, Alvarez revela ao leitor um pouco mais sobre sua vida nos Estados Unidos ao enxergar em si própria a “[...] madrasta *Latina* das duas filhas de [s]eu marido, altas, robustas, louras, comedoras de maionese”<sup>13</sup> (ALVAREZ, 1992a, p. 14). Agora a voz e a visão não são mais da filha do exilado, da menina que tenta assimilar e se adequar à

---

<sup>10</sup> “[...] were going to lose their girls to America”.

<sup>11</sup> “[...] touch with *la familia*”.

<sup>12</sup> “[...] help set you [them] straight”.

<sup>13</sup> “[...] Latina stepmother of my husband’s two tall, strapping, blond, mayonnaise-eating daughters”.

cultura norte-americana, da moça desprotegida que quer ser aceita em ambos os universos sociais. Seu *locus* enunciatório agora é o da estrangeira que já está acostumada a ser a “recém-chegada” (ALVAREZ, 1992a, p. 24), a gringa, a diferente e, portanto, aquela que consegue sobreviver nesses dois mundos, embora resistindo a certos ícones estadunidenses, simbolizados aqui pela maionese que nos remete ao imperialismo ianque e a tudo que os Estados Unidos tentam impor ao mundo, começando obviamente pelas multinacionais do ramo alimentício. Nada mais simbólico que a maionese, componente imprescindível de qualquer sanduíche *fast-food*. É a partir do contato com essa outra geração, geração esta devoradora de sanduíches recheados de maionese e de outros tipos de *junk food*, que Alvarez passa a reelaborar a sua identidade. Para entender a discussão suscitada por Luis, vale lembrar que ele também reporta a outro ensaio autobiográfico de Alvarez, “An American Childhood in the Dominican Republic” [Uma infância americana na República Dominicana], publicado em 1987, cujo enfoque difere significativamente, pois nesse primeiro texto Alvarez (p. 71) explica que “[t]ecnicamente, [é] uma *American*, já que [nasceu] em Nova York e [viveu] ali por três semanas [...]”,<sup>14</sup> antes de seus pais retornarem à República Dominicana. Percebemos então mudanças no seu ponto de vista em relação à sua identidade. Se em um primeiro momento, quando investiga retrospectivamente sua infância, ela se vê como uma garota norte-americana, deixando de lado suas origens dominicanas, à medida que o tempo passa, Alvarez amplia seu leque identitário e se aceita como sujeito hifenizado, múltiplo. Luis (2000, p. 845) justifica essa transformação da seguinte forma:

Considerando os discursos variáveis, Alvarez é *North American*, *Hispanic* e *Latina*, mudanças que podem ser explicadas pelo tempo decorrido entre seus escritos: o romance foi publicado quatro anos depois do primeiro ensaio e um ano antes do segundo; embora a narrativa contenha informação da primeira escrita autobiográfica, ela está mais próxima do tom narrativo do segundo ensaio.<sup>15</sup>

<sup>14</sup> “Technically, I am American, for I was born in New York City and lived there for three weeks [...]”.

<sup>15</sup> “Taking into account the changing discourses, Alvarez is North American, Hispanic, and Latino, shifts that can be explained by the time elapsed between her writings: The novel was published four years after the first

A carreira literária de Alvarez iniciou-se com a publicação de livros de poesia, sendo o primeiro deles *Homecoming* em 1984. Sua poesia caracteriza-se pela mistura da tradição anglo-saxã com a hispanidade inerente ao indivíduo oriundo de países latino-americanos. Se, por um lado, há a retomada dessa tradição e aí claramente percebemos as fontes das quais Alvarez bebeu (cito aqui alguns desses clássicos: William Shakespeare, Walt Whitman, Emily Dickinson, William Butler Yeats, Pablo Neruda, Federico García Lorca, Wallace Stevens, como os próprios títulos de seus poemas comprovam: “Intimations of Mortality from a Recollection in Early Childhood” (referência ao poema de William Wordsworth), “Ars Politica” e “First Muse”), por outro lado aparecem traços das raízes latino-americanas, como o uso de palavras em espanhol, os nomes hispânicos e, acima de tudo, uma certa liberdade e o hibridismo decorrentes do biculturalismo. Em entrevista concedida a Mike Chasar e Constance Pierce (1998, p. 136-137), Alvarez discorre sobre a descoberta de que poderia, sim, usar sua bagagem cultural e lançar mão de episódios da família em seus textos. Sua maior fonte de inspiração e coragem foi o livro *Woman Warrior* [Mulher guerreira], da escritora sino-americana Maxine Hong Kingston, conforme relato abaixo:

De onde saiu a permissão para escrever o que sei? Foi de Maxine Hong Kingston. Não foi nem de uma escritora *Latina*. Foi de ler um livro maravilhoso e, acho, clássico de uma autora sino-americana, *Woman Warrior*. Alguma coisa no fato dela escrever sobre sua cultura e tentar compreendê-la permitiu que eu escrevesse sobre a minha. Nunca tinha tido uma experiência assim. Frequentei a escola antes dos estudos femininos, antes dos estudos multiculturais. Li apenas os grandes livros e eles foram meus modelos. [...] E eu pensava que não podia escrever sobre o meu material porque tinha que americanizá-lo, tinha que traduzir não apenas a língua, mas as minhas personagens, para que nunca chamasse alguém de Tía Rosa, eu a chamaria de Aunt Rose. E os poucos contos que tinha escrito até então eram sobre famílias americanas, porque pensava que tinha que ser assim, porque não sabia que outra coisa poderia ser feita.<sup>16</sup>

---

essay and one year before the second one; even though the narration contains information from the first autobiographical note, it is closer to the narrative tone of the second one”.

<sup>16</sup> “Where did I get the permission to write what I know? It was from Maxine Hong Kingston. It wasn’t even from a Latina writer. It was from reading a wonderful and I think classic book by an Asian-American author, *Woman Warrior*. Something about her writing about her culture, and making sense of it, gave me permission to

É interessante perceber que a descoberta de poder escrever sobre sua própria cultura, mesmo sendo esta de uma tradição oral e não formal e escrita como a de sua formação nos Estados Unidos, permite a Julia Alvarez expandir o seu universo literário. Ela permite a si mesma ser e escrever o sujeito “somado”, dividido entre duas culturas, mas que aproveita de ambas as contribuições e recursos para enriquecer o seu mundo, como pode ser entrevisto no trecho abaixo:

Quando leio uma página da minha própria escrita, é como se fosse um palimpsesto, e por trás das caras literárias mais proeminentes, cujas influências aparecem através da escrita (Sherazade, George Eliot, Toni Morrison, Emily Dickinson, Maxine Hong Kingston), vejo outras caras: senhoras da vida real que passeiam na minha imaginação com vassoura e pano de tirar pó, livros de receitas e tesouras de jardinagem, Gladys e as tias, e a cozinheira em Yaddo e sua ajudante, a senhora com o aspirador de pó. Elas, eu celebro.<sup>17</sup> (ALVAREZ, 1999, p. 149).

Se a princípio ela acreditava na necessidade de se aproximar dos “grandes autores” – como, por exemplo, no verso “Elas, eu celebro”, uma referência direta ao escritor norte-americano Walt Whitman – para poder escrever e se fazer entender, após ler Kingston e outros, como suas companheiras *Latinas* Sandra Cisneros, Ana Castillo, Judith Ortiz Cofer, Lorna Dee Cervantes, Cherríe Moraga, Helena María Viramontes (JACQUES, 2001, p. 25), para citar algumas, sua concepção acerca da criação literária se redefine, uma vez que ao autor/criador, principalmente em se tratando de um sujeito híbrido, são permitidas autonomia e liberdade de expressão que ultrapassam qualquer fronteira geográfica, histórica, social e cultural, respaldado que está por uma certa “licença identitária”.

---

write about mine. I'd never had that experience. I went to school pre-women's studies, pre-multicultural studies. I just read the Great Books and they were my models. [...] And I thought I couldn't write about my material because I had to Americanize it, I had to translate not just language but my characters, so I would never call somebody Tía Rosa, I would call her Aunt Rose. And I would make the few short stories I wrote back then about American families, because I thought they had to be that, because I didn't know that something else could be done”.

<sup>17</sup> “When I read a page of my own writing, it's as if it were a palimpsest, and behind the more prominent, literary faces whose influence shows through the print (Scheherazade, George Eliot, Toni Morrison, Emily Dickinson, Maxine Hong Kingston), I see other faces: real-life ladies who traipsed into my imagination with broom and dusting rag, cookbook and garden scissors, Gladys and the tias, and the cook at Yaddo and her sidekick, the lady with the vacuum cleaner. Of them, I sing”.

Pensar o papel que a literatura desempenha na vida de Alvarez é considerá-lo sob duas perspectivas diferentes: primeiramente, a de Alvarez enquanto leitora, e posteriormente enquanto escritora. Na entrevista “Julia Alvarez: The Politics of Fiction” [Julia Alvarez: A política da ficção], concedida a Marny Requa (1997, p. 27) e publicada no periódico *Frontera*, Alvarez afirma que, ao descobrir os livros, ela descobriu também que lê-los significava “[...] uma forma de entrar em uma pátria portátil que você poderia transportar na mente. Você não precisava se sujeitar ao que acontecia à sua volta. Eu encontrei nos livros um lugar aonde ir”.<sup>18</sup> Os livros, a leitura, a literatura como um lugar para o qual o sujeito tem a possibilidade de ir é uma maneira pela qual Alvarez e tantos outros escritores hifenizados, marginalizados e no entre-lugar encontram para lidar com essa condição e procurar entender quem são. Na mesma entrevista, Alvarez (REQUA, 1997, p. 27) atesta que escreve: “[...] para descobrir o que estou pensando. Escrevo para descobrir quem eu sou, escrevo para entender as coisas”.<sup>19</sup> Há em Alvarez uma necessidade incessante de se entender e se definir. Acredito que essa busca que abrange dimensões e implicações infinitas são elementos-chave da própria condição do sujeito hifenizado que não sabe ao certo como se ver. Sua percepção foi desestruturada pela condição do não-pertencimento, do não-lugar, da pátria que está à espera de ser reconhecida como tal, da angústia por respostas menos ambíguas e menos vagas. Assim, em um primeiro momento, Alvarez utilizou-se da literatura para não se sentir isolada e distante, fazendo com que os livros e a língua fossem sua pátria. Se não há a pátria geograficamente presente, sem dúvida há aquela imaginada, e os livros por sua vez geram essa possibilidade porque neles é permitido o encontro de tudo que o ser humano almeja. Ele é transportado para o lugar do sonho, do desejo. Já em um segundo momento, a escrita se transforma em um instrumento político, social e de investigação psicológica.

---

<sup>18</sup> “[...] a way to enter into a portable homeland that you could carry around in your head. You didn’t have to suffer what was going on around you. I found in books a place to go”.

<sup>19</sup> “[...] to find out what I’m thinking. I write to find out who I am, I write to understand things”.

No artigo “Real Flights of Imagination” [Verdadeiros vôos da imaginação], publicado no periódico *Américas*, a certa altura Alvarez se depara com o questionamento acerca da envergadura política de seus romances. Sua resposta é positiva, embora apresente o seguinte esclarecimento:

Acho que os escritores sem dúvida são políticos no que eles trazem para a sua arte, mas não acho que um escritor esteja desempenhando bem o seu papel se sua obra for polêmica. Eu adoro o modelo do Neruda. Como poeta ele era político, mas ele queria estar próximo do povo.<sup>20</sup> (JACQUES, 2001, p. 28-29).

Diante desse argumento, penso que Alvarez se coloca em um território confortável. À primeira vista, como citei anteriormente, sua escrita parece ser desprovida de qualquer engajamento político, considerando que grande parte da sua obra está destinada ao público infantil e sua poesia baseia-se em fatos cotidianos, mas quanto maior meu contato com sua obra, maior minha percepção de sua consciência política. Exceto pela objetividade de *No tempo das borboletas*, seus outros romances fazem referência às ações do governo trujillista para acima de tudo marcar as implicações dos projetos governamentais do ditador. Comparando sua obra com a produção literária de escritoras *chicanas*, por exemplo, de fato a obra de Alvarez carece de um posicionamento mais explícito e enérgico como o de suas *hermanas*. Alvarez não se propõe a polemizar ou levantar alguma bandeira relacionada ao imigrante latino-americano ou a se engajar de forma mais radical em relação a questões sociais e políticas. Vale pontuar que grande parte das escritoras *chicanas* é proveniente de famílias pertencentes à classe trabalhadora, o que lhes confere especificidades políticas e culturais bem diferentes daquelas que norteiam a vida e a obra de Alvarez. O fato de sua família pertencer à elite dominicana faz com que Alvarez se distancie da temática de resistência desenvolvida pelas *chicanas*. Seu *locus* de enunciação é outro, de modo algum

---

<sup>20</sup> “I think that writers are definitely political in what they bring to their art, but I don’t think a writer is doing his or her job well if that work is polemical. I love the Neruda model. As a poet he was political, but he wanted to be close to the people”.

menos importante do que de suas *hermanas*, mas com propósitos e causas distintas. O fato de Alvarez lecionar em uma das melhores faculdades particulares na área de humanas dos Estados Unidos, cujo corpo docente é rigorosamente selecionado, além de pertencer a uma família com formação superior e pertencente à elite dominicana, concedeu a ela um *status* que lhe desobriga de entrar em confronto por uma maior visibilidade enquanto uma escritora *Latina* ou lutar por determinados ideais. Diferentemente das *chicanas*, Alvarez parece se colocar em uma zona de pouco conflito com a política americana e com a ideologia pregada por essas feministas. Ela se interessa muito mais por uma temática ligada à sua condição de imigrante, questões que são mais particulares, que representam um grupo maior de indivíduos, do que entrar em temas como sexualidade, condições trabalhistas, escolhas partidárias, entre outros. O poema abaixo parece confirmar que Alvarez conhece do que está falando e que, de fato, é uma escritora politizada.

A CASA BRANCA DESCONVIDOU OS POETAS  
 A Casa Branca desconvidou os poetas  
 para um chá cultural em homenagem à poesia  
 depois que o Serviço Secreto ficou sabendo de um plano  
 para encher os ouvidos da Sra. Bush com versos anti-guerra.  
 Temiam eles que os poetas pudessem persuadir  
 uma menina sensível que sempre amou ler,  
 uma bibliotecária que estocava as prateleiras com Poe  
 e Dickinson? Ou ela mesma temia  
 ser dominada pelas pombas arrulhantes, e viver em conflito  
 com as águias estridentes da sua família?

As empregadas *Latinas* estão guardando as xícaras  
 e as colheres de prata, tristes por estarem perdendo  
 a *música* que raramente conseguem ouvir  
 nos corredores sagrados. . . O criado suspira  
 à medida que enrola os carpetes e espana as venezianas.  
 Droga, um pouquinho de Langston seria bom  
 nesse mausoléu sombrio!  
 Por que a Casa Branca tem que ser tão branca?  
 O *chef* de Baton Rouge está faminto por versos  
 não censurados pela Segurança Nacional.

NADA DE POESIA ATÉ SEGUNDA ORDEM!  
 Ao invés disso os quartos são aspirados e preparados  
 para reuniões a portas fechadas que planejam um ataque  
 contra aqueles que sempre agüentam a força  
 do silêncio: os pobres, os fracos,  
 aqueles que servem, aqueles que carregam poemas, não armas.

Então por que ter medo de nós, Sra. Bush?  
 você é casada com um sujeito muito mais amedrontador.  
 Nós te trazemos boas notícias?  
 não apenas paz mas poesia na terra.<sup>21</sup> (grifo da autora).

Esse poema foi escrito em 2003, logo após a primeira-dama Laura Bush ter cancelado um sarau de poesia marcado na Casa Branca. O poema, por exemplo, demonstra que a autora não está apenas interessada nas implicações desse “desconvite” como também atenta aos bastidores desse encontro. Ao mencionar os funcionários da Casa Branca (*Latina maids*), Alvarez faz referência aos outros indivíduos que de certa forma também seriam beneficiados ou ao menos tocados pela iniciativa cultural que fora cancelada. Vale lembrar também que nos Estados Unidos em grande parte são os imigrantes que têm certos tipos de

---

<sup>21</sup> **The White House has disinvited the poets**

The White House has disinvited the poets  
 to a cultural tea in honor of poetry  
 after the Secret Service got wind of a plot  
 to fill Mrs. Bush's ears with anti-war verse.  
 Were they afraid the poets might persuade  
 a sensitive girl who always loved to read,  
 a librarian who stocked the shelves with Poe  
 and Dickinson? Or was she herself afraid  
 to be swayed by the cooing doves, and live at odds  
 with the screaming hawks in her family?

The Latina maids are putting away the cups  
 and the silver spoons, sad to be missing out  
 on *música* they seldom get to hear  
 in the hallowed halls. . . The valet sighs  
 as he rolls the carpets up and dusts the blinds.  
 Damn but a little Langston would be good  
 in this dreary mausoleum of a place!  
 Why does the White House have to be so white?  
 The chef from Baton Rouge is starved for verse  
 uncensored by Homeland Security.

**NO POETRY UNTIL FURTHER NOTICE!**

Instead the rooms are vacuumed and set up  
 for closed-door meetings planning an attack  
 against the ones who always bear the brunt  
 of silencing: the poor, the powerless,  
 the ones who serve, those bearing poems, not arms.  
 So why be afraid of us, Mrs. Bush?  
 you're married to a scarier fellow.  
 We bring you tidings of great joy?  
 not only peace but poetry on earth.



empregos, como a empregada doméstica, por exemplo. O cancelamento do evento só vem confirmar o mau tratamento que o governo norte-americano dispensa a seus “outros”, aqueles que, de certa forma, significam uma ameaça à sociedade estadunidense: imigrantes, marginalizados, poetas. O tratamento discriminatório revela a preocupação com o futuro desses milhões de imigrantes: se um simples encontro para ler e discutir poesia toma dimensões de um ataque terrorista, em que poetas são quase equiparados a homens-bomba em potencial, como será então o posicionamento da Casa Branca em relação àqueles que dão seu sangue, seu suor e sua vida pelo país que os recebe?

Nesse poema, há também uma simbologia muito sutil que Alvarez cria através de duas aves: a pomba e a águia. Se, por um lado, a pomba é o símbolo da paz por excelência e, no poema, é a metáfora para o poeta, já que, através de suas palavras, ele trará a paz, por outro a águia, ave associada aos Estados Unidos, é alegoria de fortaleza, perspicácia, liderança e da supremacia no mundo animal – atributos estes que os Estados Unidos querem impor ao mundo. Ao questionar a primeira-dama se “ela mesma temia ser dominada pelas pombas arrulhantes, e viver em conflito com as águias estridentes da sua família?”, o eu-lírico está na realidade indagando se Laura Bush temia ser conquistada/seduzida por aquelas pombas/poetas indefesas que apenas fazem arrulhos através de seus poemas, preferindo conviver com o marido, a própria personificação da águia, que não aceitaria aquela troca. O poema nos mostra que a águia, maior predadora da pomba no mundo animal, reproduz o mesmo comportamento nas relações políticas e sociais no mundo humano. Os Estados Unidos seria o predador dos imigrantes, dos marginalizados e dos poetas. A Casa Branca, assim, jamais permitiria que as pombas entrassem naquele lugar e, através de seus arrulhos, manifestassem seu posicionamento contra a política norte-americana. Ao desconvidar os poetas, a Casa Branca sinalizou para a sua política silenciadora e autoritária de negar voz àqueles que não compartilham de sua ideologia. No entanto, ela parece ignorar o fato de que o país possui

cada vez mais indivíduos que não concordam com sua política predatória e o crescente número de imigrantes e gerações subseqüentes.

A escritora *chicana* Cherríe Moraga (1994, p. 302), em seu ensaio “Art in América con Acento” [Arte na América com sotaque], afirma que “[o]s povos do Terceiro Mundo estão mudando a cara da América do Norte”.<sup>22</sup> Mesmo que o imigrante seja visto como um intruso, passível de desconfiança, ele marca sua presença nos Estados Unidos. Se, por um lado, há a referência direta aos funcionários *Latinos* que trabalham na Casa Branca, embora ela “seja muito branca” – e aqui Alvarez não está se referindo aos empregados, mas sim aos convidados e hóspedes que por ali passam, que certamente são mais “brancos” que seus funcionários –, por outro lado, penso também nesses poetas que, mesmo sendo muitos deles cidadãos norte-americanos, também recebem tratamento discriminatório e vivem à margem da sociedade. É preciso encarar os imigrantes e, por que não dizer, os poetas também, como agentes transformadores dos países hospedeiros. Para Alvarez, faz-se necessário pensar os Estados Unidos considerando sua diversidade étnica e perceber que a população *Latina* tem contribuído decisivamente para essa “mudança de feição” devido ao número significativo de imigrantes que lá vivem e aos tantos outros que chegam a cada dia.

Antes de prosseguir na minha discussão, faço uma pausa para analisar de perto o termo “terceiro mundo” citado por Cherríe Moraga. No artigo “The Three Worlds, or the Division of Social Scientific Labor, circa 1950-1975” [Os três mundos ou a divisão do trabalho científico social, aproximadamente entre 1950-1975], Carl Pletsch (1981) conceitua os três mundos, fazendo um percurso desde os estudos do historiador francês Alexis de Tocqueville sobre a América do Norte na primeira metade do século 19 até os efeitos da Guerra Fria nas décadas finais do século 20. Pletsch explica que “[...] a divisão do planeta em três mundos é meramente uma descrição da rivalidade internacional entre as nações

---

<sup>22</sup> “Third World populations are changing the face of North America”.

capitalistas aliadas de um lado e o bloco soviético de outro”<sup>23</sup> (p. 573) e “[...] que os líderes do terceiro mundo tiveram que escolher seguir um dos dois”<sup>24</sup> (p. 570). Tanto o primeiro quanto o segundo mundos estavam muito mais interessados na sua própria supremacia militar e no arrebanhamento de países terceiro-mundistas do que nos problemas específicos dessas nações. Sob esse aspecto, o terceiro mundo transformou-se em “[...] uma categoria residual de objetos desalinhados das políticas imperialistas competitivas dos dois primeiros mundos”<sup>25</sup> (p. 573). No livro *Woman, Native, Other* [Mulher, nativa, outra], a cineasta, escritora e professora vietnamita Trinh T. Minh-ha (1989, p. 98) explora ainda mais essa concepção ao afirmar que a expressão “terceiro mundo” tanto pode ser visto sob aspectos positivos quanto negativos e que isto dependeria de quem está utilizando o termo. Se por um lado, anteriormente “terceiro mundo” reportava àqueles países da África, Ásia e América Latina econômica e tecnologicamente subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, por outro, atualmente o termo tem uma abrangência muito mais vasta,

[...] já que “terceiro mundo” agora não se refere apenas às nações do “Sul” (versus o “Norte”) determinadas geográfica e economicamente, uma vez que o termo compreende países “desenvolvidos” como o Japão e aqueles que optaram pela reconstrução socialista de seu sistema (China, Cuba, Etiópia, Angola, Moçambique) assim como aqueles que optaram por um modo capitalista de desenvolvimento (Nigéria, Índia, Brasil), não mais existe algo como um bloco terceiro-mundista desalinhado unificado. Além disso, o terceiro mundo deslocou-se para o Ocidente (ou Norte, dependendo de onde encontra-se a linha divisória) e expandiu para incluir até as partes remotas do primeiro mundo.<sup>26</sup>

Percebe-se que houve o deslocamento físico do conflito. Enquanto antes ele ocorria entre nações geograficamente delimitadas, agora ele se instalou dentro das próprias

<sup>23</sup> “[...] the division of the planet into three worlds is merely a description of the international rivalry between the allied capitalist nations on the one hand, and the Soviet bloc on the other”.

<sup>24</sup> “[...] that the leaders of the third world had to choose to follow one of the two”.

<sup>25</sup> “[...] a residual category of unaligned objects of the competing imperialistic policies of the first two worlds”.

<sup>26</sup> “[...] since ‘Third World’ now refers to more than the geographically and economically determined nations of the ‘South’ (versus ‘North’), since the term comprises such ‘developed’ countries as Japan and those which have opted for socialist reconstruction of their system (China, Cuba, Ethiopia, Angola, Mozambique) as well as those which have favored a capitalist mode of development (Nigeria, India, Brazil), there no longer exists such a thing as a unified unaligned Third World bloc. Moreover, Third World has moved West (or North, depending on where the dividing line falls) and has expanded so as to include even the remote parts of the First World”.

nações. Ou seja, com a entrada cada vez maior de indivíduos do terceiro mundo no primeiro e vice-versa, por exemplo, os conflitos passaram a se dar em um espaço interno não disputado anteriormente. Assim, quando Moraga menciona a mudança da cara estadunidense, ela está aludindo a um fenômeno que passa a ocorrer devido à quebra das fronteiras e interação ou conflito dos povos de uma mesma nação.

Nesse ponto da discussão, retomo a questão dos efeitos da imigração. Se, por um lado, Julia Kristeva no livro *Estrangeiros para nós mesmos* aponta para as dificuldades reais e percebidas no dia-a-dia das sociedades marcadas pela presença de estrangeiros, por outro, e de igual valia, deve-se refletir sobre uma questão mais subjetiva que diz respeito à influência que o estrangeiro/imigrante exerce sobre essas pessoas que entram em contato com eles. Essa influência se dá em grau menos visível, não mensurado pelas estatísticas, porém bastante significativo e retratado nas literaturas de imigrantes. Se em um primeiro momento, o olhar se volta para as implicações práticas e palpáveis da presença do estrangeiro na sociedade receptora, em um segundo momento, percebe-se que o texto ficcional pode discutir e procurar caminhos para a compreensão desses indivíduos, através de personagens que se encaixam nesse perfil, relendo/reinventando seus percursos.

O foco deste trabalho é justamente as personagens fictícias que, paradigmaticamente, remetem aos milhões de imigrantes que de alguma forma influenciam a sociedade que os recebe. Ao entrar em contato com as experiências das personagens de Alvarez e tomar conhecimento das experiências pessoais da autora, o leitor percebe que o ser estrangeiro muitas vezes em ambiente hostil suscita no indivíduo um sentimento de auto-preservação, levando-o a buscar saídas para conseguir sobreviver ali. Nesse sentido, os temas sobre os quais Alvarez escolhe escrever abordam essas experiências vivenciadas por imigrantes que passaram por situações semelhantes à sua e de sua família. Na entrevista concedida a Chasar e Pierce (1998, p. 142), Alvarez explica que gostaria de

[...] ser capaz de escrever sobre uma série de coisas que tem a ver com qualquer coisa que me cativa, ou qualquer coisa sobre a qual eu precise descobrir mais. E por enquanto aconteceu haver temas *Latinos* em meu trabalho, porque isso é uma grande parte do meu *background* e daquilo que me atrai, e é a forma como vejo o mundo.<sup>27</sup>

Depois de várias leituras e à medida que sua obra se tornava mais e mais familiar e eu entrava em contato não apenas com o seu universo literário, mas também com o seu próprio mundo pessoal, principalmente através de entrevistas e ensaios, comecei a perceber se tratar de uma escrita que prefiro denominar “situada”, isto é, aquela em que é possível identificar vozes – vozes estas localizadas especificamente na República Dominicana, na família da autora, na experiência durante os anos de ditadura, na imigração para os Estados Unidos e na condição de “filha do exílio”, expressão cunhada pela Profa. Gláucia Gonçalves, para definir a categoria na qual Alvarez e suas personagens se enquadram. Ser “filha do exílio” conota uma certa passividade em relação ao processo migratório, uma vez que a escolha não fora propriamente desses indivíduos, mas de seus pais que por razões políticas, nesse caso específico, precisaram sair de seus países de origem. No entanto, como “filha”, esses indivíduos sofrem as conseqüências desse movimento e projetam nos seus valores e comportamentos as marcas deixadas pelo deslocamento. Reconheço na escrita de Alvarez elementos comprovadores de que estamos diante de uma escritora cuja família passou pela ditadura na República Dominicana, teve a sua vida transformada por esse regime, sentiu na própria pele a necessidade de imigrar e, conseqüentemente, escreve a partir dessa perspectiva múltipla. Alvarez parece confirmar a afirmação de Amy Kaminsky (1999, p. 81): “[...] o sujeito produzido no e pelo exílio continua a experienciar o mundo através de circunstâncias do exílio, mesmo após muitos anos [...]”.<sup>28</sup>

---

<sup>27</sup> “[...] be able to write about a variety of things that have to do with whatever engages me, or whatever I need to find out more about. And so far it’s happened that there are Latino themes in my work, because that’s so much a part of my background and what I’m interested in and the way that I see the world”.

<sup>28</sup> “[...] the subject produced in and by exile continues to experience the world through the circumstances of exile, even after many years [...]”.

De fato, Alvarez vê a si mesma como uma escritora “híbrida”<sup>29</sup> (JONES, 2000, p. D6). Sua hibridez reside na aproximação de duas culturas, dois mundos, duas línguas, duas experiências. Alvarez produz uma escrita híbrida sobre indivíduos multifacetados, hifenizados, fragmentados e situados no entre-lugar. O conceito de entre-lugar serve para analisar as personagens hifenizadas e deslocadas de Alvarez em sua constante busca por pertencimento e identificação.

O termo entre-lugar foi cunhado originalmente pelo escritor e crítico literário brasileiro Silviano Santiago na década de 1970, no seu célebre ensaio “O entre-lugar do discurso latino-americano”. Santiago (2000, p. 26) referia-se ao espaço não-definido e de transição que o intelectual latino-americano encontrava-se no século XX, conforme o último parágrafo de seu texto:

[e]ntre o sacrifício e o jogo, entre a prisão e a transgressão, entre a submissão ao código e a agressão, entre a obediência e a rebelião, entre a assimilação e a expressão – ali, nesse lugar aparentemente vazio, seu templo e seu lugar de clandestinidade, ali se realiza o ritual antropófago da literatura latino-americana.

Depois de Santiago, vários outros teóricos também discutiram essa idéia e cunharam outros termos, como por exemplo Homi Bhabha com o “espaço intersticial”, Alberto Moreiras com o *tercer espacio* e Walter Mignolo e Serge Gruzinski com o *in-between*. Todos eles estavam se referindo às

[...] “zonas” criadas pelos descentramentos, quando da debilitação dos esquemas cristalizados de unidade, pureza e autenticidade, que vêm testemunhar a heterogeneidade das culturas nacionais no contexto das Américas e deslocar a única referência, atribuída à cultura européia. (HANCIAU, 2005, p. 127).

Percebe-se a necessidade da constituição de um espaço que desestabiliza as estruturas pré-estabelecidas, que se vale da tradição do colonizador europeu, propondo um

---

<sup>29</sup> “I really think of myself as a hybrid”.

novo lugar no qual as diversidades e particularidades serão contempladas. Em sua obra, Julia Alvarez desloca o centro anteriormente masculino e europeu para esse novo espaço, no qual a voz feminina e imigrante passa a ter um lugar de destaque.

Quando Nubia Hanciau (2005, p. 135) pontua que o sujeito hifenizado “[...] é alguém que está in/conscientemente situado entre pelo menos dois mundos, duas culturas, duas línguas e duas definições de subjetividade, constantemente mediando entre elas [...]”, ela extrapola o conceito original de Silviano Santiago, uma vez que ela parece incluir em sua definição aquele sujeito que não tem consciência do lugar que ele ocupa, ao passo que Santiago refere-se pontualmente ao escritor/intelectual latino-americano. Parece-me que aquele imigrante que consegue fazer a ponte entre os dois mundos tem muito mais consciência desse lugar intersticial do que aquele outro que não consegue lidar com o aqui e o ali, o antes e o depois, o passado e o presente. Se estar no entre-lugar é uma opção consciente e política do indivíduo deslocado, é preciso pensar também naquele indivíduo confuso, perdido, que o deslocamento fugiu de seu controle e que perambula nesse novo espaço sem se dar conta do que realmente ele significa. No meu trabalho, considero tanto o intelectual consciente, através da própria autora e de sua personagem Yolanda, como aqueles não-conscientes, no caso os pais e as outras irmãs García.

Alvarez parece adotar um comportamento de negociação, muitas vezes utilizado por imigrantes, que lhes ajuda a mediar seu processo de adaptação na nova terra. A mediação entre os dois mundos, a negociação de seu posicionamento e suas ações, parece-me ser uma estratégia de sobrevivência bem consciente desse indivíduo deslocado. Portanto, é através da negociação e de se encontrar no entre-lugar que este sujeito consegue promover “[...] estratégias de resistência e desenvolvimento, no qual (*sic*) a sutileza e a abertura imperam” (HANCIAU, 2005, p. 137).

A escrita de Alvarez aponta para a busca de um lugar de pertencimento, uma pátria, de um porto seguro a que se possa recorrer, em que seus questionamentos, dúvidas, angústias terão respostas ou serão sanados. Poderia-se pensar que esse qualquer outro lugar constitui um lugar utópico posto que para o sujeito híbrido não há a alternativa de apagamento de sua condição. Para Julia Alvarez e suas personagens, a República Dominicana é o lugar para o qual elas se voltam na tentativa de ali encontrar a chave para os sentimentos dúbios, conflitivos e plenos de indagações. Portanto, ao classificar sua escrita como “situada”, afirmo que ela está enraizada cultural, social e historicamente na República Dominicana. Se a família de Alvarez tivesse partido de qualquer outro ponto geográfico haveria provavelmente outros elementos para marcar tal lugar. Vou mais além também ao acrescentar que sua escrita está, na realidade, situada em um espaço duplo, pois é marcada tanto pelo local de partida quanto o de chegada; ela está tanto na República Dominicana quanto nos Estados Unidos.

Em uma entrevista para Kuan-Hsing Chen, Stuart Hall (2003, p. 415) explica:

Conheço intimamente os dois lugares, mas não pertenço completamente a nenhum deles. E esta é exatamente a experiência diaspórica, longe o suficiente para experimentar o sentimento de exílio e perda, perto o suficiente para entender o enigma de uma “chegada” sempre adiada.

Diferentemente de Hall, tanto Alvarez quanto suas personagens (no caso, as irmãs García) não conhecem intimamente um dos dois lugares, o local de partida, uma vez que a partida para os Estados Unidos ocorrera quando elas ainda eram meninas – propositalmente Yolanda García tinha a mesma idade de Julia Alvarez nesse período, entrecruzando aqui mais uma vez as vidas das duas –, e o contato com a ilha ter se dado apenas através das viagens durante as férias escolares. Um contato mais íntimo somente aconteceu na vida adulta, quando essa condição hifenizada já estava consolidada e apresentava ambigüidades, dúvidas, expectativas. Para Alvarez (*apud* REQUA, 1997, p. 27), essa condição se define da seguinte maneira: “[e]u não sentia como se eu realmente pertencesse à cultura norte-americana e eu



sempre tive uma certa nostalgia de que quando eu voltasse [à República Dominicana] eu iria pertencer, mas eu descobri que também não pertencia àquele lugar”.<sup>30</sup> O sentimento de não-pertencimento experimentado por Alvarez e suas personagens nos leva a refletir também sobre como o retorno à ilha pode responder questões suscitadas pelo distanciamento, pela ausência, e pelo não encontro. O tema do retorno novamente irrompe em minha investigação e será discutido com maior detalhamento no terceiro capítulo.

Embora os primeiros contatos de Julia Alvarez com a tradição literária escrita tenham se dado quase que exclusivamente com a tradição anglo-americana, é interessante ressaltar que ao mesmo tempo em que ela faz parte de uma alternativa a esse cânone, sua escrita já é nacionalmente reconhecida pelo *mainstream* através de diversos prêmios literários. Isso nos leva a pensar no papel desses intelectuais híbridos/marginalizados/hifenizados e de que forma a escrita deles se diferencia dos demais.

O grau de conscientização política e cultural de muitos intelectuais os leva a tentar compreender e questionar a sua própria condição. Ao discorrer sobre o seu próprio exílio de vinte anos, o escritor sul-africano Es’kia Mphahlele (1994, p. 125) afirma que:

Como escritor, o sujeito parece mais que nunca monitorar cada reação ao que acontece com ele. Parece observar de perto a subida e descida do ponteiro, qualquer que seja o instrumento que ele use para medir a intensidade e pressão da experiência. Você é hiperconsciente. Você fica consciente demais de seu crescimento mental, como se estivesse contemplando uma personalidade a se mover diante de seus olhos. É como se você não se surpreendesse ao ter que assistir o seu próprio enterro. Você se sente voltado para dentro de si, ouvindo os fluidos vitais fluírem, cada batida do coração, cada pulsação nas veias.<sup>31</sup>

---

<sup>30</sup> “I didn’t quite feel I ever belonged in this North American culture and I always had this nostalgia that when I went back I’d belong, and then I found out I didn’t belong there either”.

<sup>31</sup> “As a writer, you seem more than ever before to be monitoring every response you make to what happens to you. You seem to be watching closely the rise and fall of the dial – whatever it is- that you use to measure the intensity and pressure of experience. You are hyperconscious. You are too aware of your mental growth, as if you were contemplating a personality moving in front of your eyes. As if it wouldn’t surprise you to have to monitor your own funeral. You seem to be curled up and listening to the juices flow inside you, to every beat of the heart, every pulse in the veins”.

Concordando com Mphahlele, creio poder afirmar que para muitos exilados cujo objeto de trabalho não reflete sobre a experiência diaspórica, o exílio tende a ser mais doloroso, pois eles não se contentam com o distanciamento, não conseguem lidar com a mudança e o novo como situações dicotômicas, que apresentem vantagens e desvantagens e, portanto, sentem-se sempre divididos entre o sentimento de perda e o desejo do retorno. Enquanto o intelectual permite a si mesmo se envolver com os diversos lugares e encará-los como novas possibilidades, reconhecer que o desconforto é algo inerente à sua condição, o exilado não-intelectual se retrai e passa por um sentimento de menos-valia. Sem a visão aguda do artista/intelectual, ele apenas enxerga em si um despatriado, distante fisicamente do lugar de origem e emocionalmente do novo lugar. Há um descompasso entre o que ele sente e o que ele vive, e por não aceitar a sua condição, ele resiste. Segundo Christine Brooke-Rose,

[a] marca distintiva de todo exílio, e particularmente do exílio do escritor [...], é a recusa a ser integrado – a determinação de situar-se fora do espaço, de construir um lugar próprio, diferente do lugar em que os outros à volta se inserem, um lugar diferente dos lugares abandonados e diferente do lugar em que se está. O exílio é definido [...] por uma posição autônoma assumida em relação ao espaço como tal. (*apud* BAUMAN, 2001, p. 237-238).

A citação acima enfatiza a recusa do escritor exilado em se integrar, contradizendo assim meu argumento de que o intelectual se integra de forma mais natural. Na verdade, ao se posicionar em relação à sua condição, o intelectual o faz conscientemente, enquanto o exilado não-intelectual o faz de maneira menos analítica. Por isso, acredito na consciência que o intelectual possui do entre-lugar, não ocorrendo o mesmo com o sujeito não-intelectual. O primeiro encontra-se nele por uma opção política e ciente de suas peculiaridades, dificuldades e possibilidades, já o segundo talvez não se dê conta das implicações políticas do fato de estar ali. Para este, a grande expectativa se resume em fixar em um lugar menos poroso, flexível e instável. No próximo capítulo, discutirei as relações dos membros da família García, analisando a experiência deles no exílio.

## II CHEGADA

**Tia Em:** Por que você não encontra um lugar onde não há nenhum problema?  
**Dorothy:** Um lugar onde não há nenhum problema? Você acha que existe um lugar assim, Toto? Deve existir. Não é um lugar onde você chega de barco ou trem. É longe, muito longe. Atrás da lua, além da chuva.<sup>1</sup>  
(*O Mágico de Oz*)

As experiências vivenciadas no exílio são individuais e únicas, ao passo que para alguns indivíduos a experiência os torna “somados”, multiplicados, possibilitando uma junção da nova cultura com aquela que eles trazem consigo. Para outros, pode ser uma experiência de divisão na qual, alguns, em determinadas situações, chegam, inclusive, a se sentir diminuídos, inferiorizados e menosprezados. Enquanto uns se adaptam facilmente, aprendem a nova língua, procuram viver seguindo as regras e costumes do novo lugar; outros se fecham ao novo e continuam a viver como se ainda estivessem em seu país de origem. Estes últimos evitam qualquer tipo de contato com a comunidade local, continuam a falar suas próprias línguas tanto no âmbito privado quanto público, restringindo sua rede de relacionamentos às pessoas nas mesmas condições e de mesma origem. Em outras palavras, há o deslocamento físico, geográfico, mas não há uma atualização mental e sentimental. A tentativa de perpetuar o passado, continuar com os mesmos velhos costumes, e manter o vínculo com as raízes colabora para a formação de pequenos guetos ou comunidades étnicas. Assim, nas grandes

---

<sup>1</sup> “**Auntie Em:** Why don’t you find a place where there isn’t any trouble.

**Dorothy:** A place where there isn’t any trouble. Do you suppose there is such a place Toto? There must be. It’s not a place you can get to by a boat or a train. It’s far, far away. Behind the moon, beyond the rain.” (Diálogo retirado do filme *O Mágico de Oz*. Disponível em: [www.imdb.com/title/tt0032138/quotes](http://www.imdb.com/title/tt0032138/quotes). Acesso em: 26 jan. 2008.)

idades norte-americanas, é comum encontrar uma *Chinatown*, ou uma *Little Italy*, ou um bairro que a grande maioria de seus moradores seja de origem latino-americana, como o *Washington Heights*, em Nova York que abriga especificamente uma grande comunidade dominicana. Não obstante esses dois extremos, há também um meio termo, um terceiro posicionamento, que seria um ponto de equilíbrio, em que os imigrantes tentam lidar com o novo, desfrutando do que lhes é oferecido, sem cortar relações com as suas origens. Eles fazem uma ponte entre os dois mundos e se permitem gostar do novo sem necessariamente romper com o passado. De fato, há até uma gradação entre esses três grupos e os indivíduos tendem a se mover entre eles, em alguns momentos exaltando o exílio, em outros sofrendo de saudades, ou até mesmo rindo de sua condição.

Há vários aspectos a serem considerados quando se trata da vida dos imigrantes no exílio. Cada um desses aspectos afeta esses indivíduos e influencia de maneira positiva ou negativa a sua adaptação e convivência no novo lugar. Em seus romances, *How the García Girls Lost Their Accents* e *¡Yo!*, Julia Alvarez relata passagens que marcam a experiência de suas personagens nos Estados Unidos, uma vez que a presença de elementos de identificação cultural, como língua, aparência física, costumes, para citar alguns, ajuda a delinear o sentimento desses indivíduos em relação ao novo lugar, assim como contribui para a forma como eles lidarão com a vida no exílio e com a memória do lugar deixado. Enumero aqui alguns pontos percebidos nesses textos: traços físicos das personagens que as distinguem ou não dos indivíduos norte-americanos; a relação com a língua materna e com a nova língua que precisam aprender; a diferença da condição social e financeira da família nos Estados Unidos e na República Dominicana; a convivência com os habitantes do país hospedeiro, seja através de um contato social ou profissional; diferenças entre o homem e a mulher latino-americanos e/ou *Latino(a)s* nos Estados Unidos; as perdas e os ganhos de se viver no exílio; a importância do sentimento de pertencimento ao novo ambiente.

Todas essas questões apontadas acima culminam inicialmente em um sentimento de deslocamento, de não-pertencimento e de insegurança que os imigrantes sentem ao se depararem com as novas e diferentes situações ali e, posteriormente, em uma aprendizagem acerca da necessidade de uma constante negociação entre o velho e o novo, o familiar e o diferente, o aceitável e o viável devido às circunstâncias. Assim, podemos pensar que os romances de Alvarez vão além da questão exclusiva da experiência de suas personagens no exílio e o retorno à República Dominicana, e enfatizam também a luta dos imigrantes para se posicionar em relação ao lugar que consideram sua pátria.

A escritora Cherríe Moraga (1994, p. 301) afirma que “[o]s Estados Unidos é meu país, mas não é minha pátria”.<sup>2</sup> Percebe-se através dessa proposição que ela não apenas diferencia as duas categorias – pátria e país –, como também aponta para o significado que os Estados Unidos têm para ela. Moraga esclarece que país diz respeito a um território político, delimitado geograficamente, onde o indivíduo nasceu ou reside, possui a cidadania e recebe um passaporte, não passando assim por nenhum envolvimento emocional. Ser cidadão de um determinado país acaba sendo uma contingência, por um lado, uma vez que o indivíduo não escolhe onde quer nascer, mas pode vir a ser uma opção. E esta é um ato político por excelência. O indivíduo que opta por residir em um país, o qual ele não sente ser sua pátria, o faz por diversas outras questões que não necessariamente as sentimentais e afetivas.

Diferentemente, para Moraga, ao chamarmos um lugar de “pátria”, sentimentos de afeto e identificação prevalecem. Pátria seria o espaço onde os sentimentos de familiaridade, segurança, proteção e felicidade são vivenciados exponencialmente. Esses sentimentos não dizem respeito à localização geográfica da casa, enquanto espaço físico, mas sim ao espaço onde há pessoas, objetos, situações e até mesmo a presença de um idioma que possibilita ao indivíduo fazer parte desse lugar, onde é tratado como membro e é reconhecido. Decorre

---

<sup>2</sup> “*Los Estados Unidos es mi país, pero no es mi pátria*”.

disso o fato de algumas escritoras *Latinas*, principalmente as *chicanas*, utilizarem a expressão *motherland*, pátria-mãe, para se referirem ao local de origem de seus antepassados, o que também se configura como um ato político, conforme explicação de Rosemary Marangoly George (1999, p. 6) no prefácio do livro *The politics of home: postcolonial relocations and twentieth-century fiction* [A política do lar: relocações pós-coloniais e a ficção do século XX]. A denominação de pátria-mãe torna-se paradoxal, porque ao mesmo tempo em que é uma forma de se situar contra o sistema patriarcal desses países, enfatizando a ligação com o feminino e o laço maternal que as une; a pátria é também uma mãe que em algum momento da história “expulsou”-as de casa. Assim, esse local, que elas acreditam ser o lar, passa a representar um espaço de tensão também. Ele deixa de ser um lugar estável, de proteção, nutrição, acolhimento e referência (GEORGE, 1999, p. 1) e torna-se a terceira margem, o entre-lugar. Ao dar continuidade a sua conceituação sobre o lar, George (1999, p. 9) pontua que

[o]s lares são manifestos nos níveis geográficos, psicológicos e materiais. São lugares que são reconhecidos como tais por aqueles de dentro e aqueles de fora. São lugares de violência e nutrição. Um local que é flexível, que se manifesta de várias formas e ainda onde cada reinvenção parece seguir o padrão básico de inclusões/exclusões. O lar é um lugar para onde se escapar e de onde se escapar. Sua importância está no fato de que não é igualmente disponível a todos. O lar é o lugar desejado pelo qual se disputa e é estabelecido como o domínio exclusivo de poucos. Não é um lugar neutro.<sup>3</sup>

Essa definição demonstra a instabilidade do lar, assim como do entre-lugar. Uma vez que são espaços imaginários, eles não apresentam uma correspondência exata com o mundo não-ficcional. Portanto, ao mesmo tempo em que se deseja estar neles e os indivíduos são atraídos por eles, são também lugares de conflito, de estranhamento e de sofrimento.

---

<sup>3</sup> “Homes are manifest on geographical, psychological and material levels. They are places that are recognized as such by those within and those without. They are places of violence and nurturing. A place that is flexible, that manifests itself in various forms and yet whose every reinvention seems to follow the basic pattern of inclusions/exclusions. Home is a place to escape to and a place to escape from. Its importance lies in the fact that it is not equally available to all. Home is the desired place that is fought for and established as the exclusive domain of a few. It’s not a neutral place”.

Embora Moraga tenha nascido em solo norte-americano e seja também filha de pai norte-americano, para ela, sua pátria é o México. Sua explicação para isso dá-se tanto do ponto de vista histórico, uma vez que parte do território estadunidense pertencera primeiramente ao México e, também, do ponto de vista político:

Como uma *Latina*, como poderia me identificar com aqueles que invadem o solo latino-americano? George Bush não é meu líder. Não o elegi, embora os impostos que pago sirvam para financiar as armas do Exército salvadorenho. Somos uma contradição viva, nós que vivemos nas entranhas do monstro, mas me recuso a ser forçada a me identificar. Sou resultado da invasão. Meu pai é anglo; minha mãe, mexicana. Sou o resultado da dissolução de ligações de sangue e do roubo da língua, e ainda sou uma prova do fracasso dos Estados Unidos de anglicizar por completo seus cidadãos mestiços.<sup>4</sup> (MORAGA, 1994, p. 301).

Nesse relato é possível perceber o posicionamento de Moraga, comungado por várias escritoras *chicanas* e *Latinas*, em relação aos Estados Unidos. Embora sejam cidadãs norte-americanas e tenham ligações familiares e profissionais ali, elas se vêem mais como um “produto” ou “resultado” de um processo exploratório, cujo objetivo era a tomada e expansão territorial, assim como a colonização do povo mexicano. Acredito que tanto Alvarez quanto suas personagens não sentem que estão “nas entranhas do monstro” e tampouco são “produto da invasão”. Na verdade, parece-me que elas têm uma postura menos defensiva em relação aos Estados Unidos, devido ao lugar em que ocupam, e buscam negociar esse entre-lugar a que pertencem.

No início deste capítulo, afirmei que as experiências no exílio são individuais, o que me leva a pensar que dado que cada sujeito vem de um país diferente, com histórias e *backgrounds* diferentes, sua forma de encarar o exílio também far-se-á de modo diferente. No entanto, embora minha discussão possa parecer contraditória nesse momento, penso que tal

---

<sup>4</sup> “How can I, as a *Latina*, identify with those who invade Latin American land? George Bush is not my leader. I did not elect him, although my tax dollars pay for the Salvadoran Army’s guns. We are a living, breathing contradiction, we who live *en las entrañas del monstruo*, but I refuse to be forced to identify. I am the product of invasion. My father is Anglo; my mother, Mexican. I am the result of the dissolution of blood lines and the theft of language, and yet I am a testimony to the failure of the United States to wholly anglicize its *mestizo* citizens”.

individualidade não está tão fortemente caracterizada quando analiso os imigrantes em termos de gênero. Ouso dizer que nesse caso as individualidades ficam menos evidentes quando comparamos a experiência das mulheres com a dos homens no exílio. Odile Ferly (2001, p. 2), no artigo intitulado ““Giving birth to the island””: the construction of the Caribbean in Julia Alvarez’s fiction” [“Dar à luz à ilha”: a construção do Caribe na ficção de Julia Alvarez], explica que:

Embora o exílio geralmente ocasione uma forte sensação de deslocamento, é verdade que para as mulheres a experiência raramente vem a ser totalmente negativa. De fato, as sociedades para as quais elas imigram são muitas vezes tidas como menos machistas do que aquelas de onde elas provêm. Para muitas, o exílio oferece aspectos positivos, visto que ele elimina algumas das pressões sociais do lugar de origem.<sup>5</sup>

Desse modo, a vida das mulheres no exílio passa a ser um desafio duplo, pois além de se depararem com o desconhecido do ponto de vista do estrangeiro, elas também necessitam enfrentar uma nova situação que passará por duas esferas, tanto a pública quanto a privada. Fatima Mujčinović (2004, p. 121) vai mais além nessa discussão e faz um paralelo com a dualidade espacial: “[...] o exílio diz respeito à esfera pública, onde é geralmente mais fácil que a emancipação se realize; enquanto a casa está fortemente conectada à esfera privada, onde as mulheres tornam-se definidas somente em um contexto doméstico”.<sup>6</sup> Se na esfera pública elas poderão ser mais livres, e aqui me refiro à sociedade norte-americana que propaga a liberdade de expressão, na esfera privada elas terão que lidar com a possível não-aceitação dessa nova contingência por parte de seus pares/parentes masculinos. Cabe lembrar que o contrário dessa situação também ocorre. Se o deslocamento dá-se para uma sociedade

---

<sup>5</sup> “Although exile often brings about a strong sense of dislocation, it is true that for women the experience hardly ever turns out to be entirely negative. Indeed, the societies to which they emigrate are often seen as being less sexist than those they come from. For many, exile offers positive aspects, in that it removes some of the social pressures found at home”.

<sup>6</sup> “[...] exile relates to the public sphere, where it is usually easier to realize emancipation; while home is strongly connected to the private sphere, where women become defined only in a domestic context”.



machista e conservadora, as imigrantes passam por um processo discriminatório bem mais acentuado do que os seus pares masculinos.

No caso das personagens de Julia Alvarez não foi o que ocorreu. A afirmação de Ferly se confirma a partir das experiências vivenciadas tanto por Alvarez quanto por suas personagens. Se, por um lado, o exílio deixou marcas de hibridismo em Alvarez, por outro foi através dele que ela se transformou na mulher/escritora/esposa que ela é hoje. No ensaio “La Gringuita” [A gringinha], publicado no livro *Something to Declare*, ao tentar imaginar como poderia ter sido a sua vida se não tivesse deixado a República Dominicana, Alvarez (1999, p. 72-73) revela que

[a] verdade é que eu não poderia nem me imaginar como alguém diferente da pessoa que eu havia me tornado em inglês, uma mulher que escreve livros na língua de Emily Dickinson e Walt Whitman, e também na língua do freguês grosseiro na mercearia e na dos meninos que atiravam pedras no pátio da escola. A língua deles, que agora é a minha língua. Uma mulher que uniu sua vida à vida de um homem que cresceu em uma fazenda em Nebraska, cujos bisavós vieram da Alemanha e desencorajaram seus próprios filhos a falar alemão por causa da antipatia que surgia em seu novo país em relação a qualquer coisa alemã com a deflagração da Primeira Guerra Mundial. Uma mulher que junto ao seu marido agora está procurando por terra na República Dominicana, para que eles possam começar a passar algum tempo na terra de onde ela veio.<sup>7</sup>

Essa auto-percepção aponta para os frutos que foram produzidos no exílio. Nessa fala, Alvarez menciona três aspectos importantes: sua escrita, seu marido e sua postura diante do lugar que ela deixou. Embora aqui não haja uma menção explícita, sabe-se que atualmente Alvarez e seu marido norte-americano são proprietários de uma fazenda na ilha, que além do cultivo do café – possibilitando, portanto, que vários dominicanos possam ali trabalhar – ainda possui escola e biblioteca para a comunidade local. Essa iniciativa de Alvarez, de certa

<sup>7</sup> “The truth was I couldn’t even imagine myself as someone other than the person I had become in English, a woman who writes books in the language of Emily Dickinson and Walt Whitman, and also of the rude shopper in the grocery store and of the boys throwing stones in the schoolyard, their language, which is now my language. A woman who has joined her life with the life of a man who grew up on a farm in Nebraska, whose great-grandparents came over from Germany and discouraged their own children from speaking German because of the antipathy that erupted in their new country towards anything German with the outbreak of World War I. A woman who is now looking for land in the Dominican Republic with her husband, so that they can begin to spend some time in the land she came from”.

forma, parece amenizar sua “culpa” em relação à oportunidade que ela teve de deixar o país durante a ditadura. É digno de nota que ela não passou pelas dificuldades que aqueles que ficaram durante e depois do regime trujillista tiveram que enfrentar. Inclusive a satisfação e desejo da autora de proporcionar aos dominicanos uma vida melhor e mais digna, levando até eles um pouco de informação, cultura e lazer, faz parte desse acerto de contas com o passado. Além disso, essa seria uma forma de aproximação entre os dois mundos de Alvarez: o contato esporádico com a população dominicana e, ao mesmo tempo, o trabalho com a terra que é uma das paixões do seu marido. Cabe aqui considerar que incluir Julia Alvarez entre o “povo” dominicano seria conferir a ela um lugar que não lhe pertence, uma vez que ela própria, conforme mostrado no primeiro capítulo, não se sente totalmente dominicana. Creio que posso inclusive rotulá-la de “desterritorializada”, já que a categoria de “norte-americana” tampouco a define adequadamente.

No romance *García Girls*, tanto Laura García quanto sua filha Yolanda desfrutam das benesses do exílio, principalmente em se tratando os Estados Unidos como uma sociedade mais aberta, menos machista e conservadora que a dominicana. Embora em várias passagens Laura reforce em suas filhas o comportamento preconceituoso dessa sociedade latino-americana em relação às mulheres, ela também percebe que a vida no exílio, nesse país que procura ser exemplo de democracia e liberdade de expressão, lhe proporciona a tão sonhada autonomia. No livro *Reading the body politic: feminist criticism and Latin American women writers* [*A leitura da política do corpo: a crítica feminista e as escritoras latino-americanas*], Amy Kaminsky (1993, p. 39) enfatiza que

[s]eria cruel e ingênuo sugerir que as mulheres não sofrem no exílio, mas elas devem também ter algo particular para ganhar do exílio como mulheres, livres do sexismo opressivo da cultura nativa. A ruptura que a mulher experiencia não é uma retribuição por um lar sempre acolhedor, mas uma

mitose, uma divisão não do eu, mas de dentro do eu, em dois seres distintos – o eu e o duplo – que pode possibilitar a transcendência.<sup>8</sup>

Nos Estados Unidos, Laura deixa de ser apenas a esposa do Dr. Carlos García e passa a ter uma vida mais autônoma, não tão ligada às pressões e imposições sociais. No capítulo “*Daughter of Invention*” [Filha da invenção], a seguinte passagem exemplifica isso:

Mas Laura havia se acostumado à vida aqui. Ela não queria voltar para o velho país onde, sendo uma de la Torre ou não, ela era nada mais que uma esposa e mãe (e fracassada nisso, já que nunca gerou o filho exigido). Melhor ser uma ninguém independente do que uma escrava de primeira linha.<sup>9</sup> (ALVAREZ, 1992b, p. 143).

Essa passagem chama a atenção para um outro aspecto, pois nos Estados Unidos, a pressão para se gerar um filho do sexo masculino é muito menor em relação à pressão sofrida pelas mulheres nos países latino-americanos. No espaço exílico, Laura sofre menos cobrança social por ter gerado apenas filhas. Não posso deixar de salientar, no entanto, que para Carlos essa questão não é tão simples assim. Embora Alvarez não explicito o sentimento do pai – “Ninguém realmente sabia se ele estava secretamente no fundo do seu coração descontente por nunca ter tido um filho [...]”<sup>10</sup> (ALVAREZ, 1992b, p. 40) – a maneira com que Carlos constantemente se refere a esse fato – “[...] Bons touros produzem vacas [...]”<sup>11</sup> (ALVAREZ, 1992b, p. 40) – aponta para uma provável frustração sua. Há uma cobrança implícita em seu desconforto por não ter um filho varão. Essa frustração é parcialmente sanada com o nascimento de um neto. No segundo capítulo do romance, intitulado “*The Kiss*” [O beijo], pode-se perceber a satisfação do avô ao visitar o menino que recebera o seu nome:

<sup>8</sup> “It would be both cruel and naive to suggest that women do not suffer in exile, but they may also have something particular to gain from exile as women, free of the oppressive sexism of the home culture. The rupture a woman experiences is not a rending from an always-nourishing home, but a mitosis, a split not from but within the self, into two distinct beings – the self and the double – that can enable transcendence”.

<sup>9</sup> “But Laura had gotten used to the life here. She did not want to go back to the old country where, de la Torre or not, she was only a wife and a mother (and a failed one at that, since she had never provided the required son). Better an independent nobody than a high-class houseslave”.

<sup>10</sup> “No one really knew if he was secretly displeased in his heart of hearts that he had never had a son [...]”.

<sup>11</sup> “[...] Good bulls sire cows [...]”.

Foi importante que Sofía gerasse um filho. Ele era o primeiro homem nascido na família em duas gerações. De fato, o bebê seria batizado em homenagem ao avô – Carlos – [...] o que o velho nunca esperara com o seu “harém de quatro meninas”, como ele gostava de brincar, seu próprio nome continuaria vivo nesse novo país! [...] Em suas duas visitas, o avô ficara de guarda ao lado do berço o dia todo, falando com o pequeno Carlos. “Charles V; Charles Dickens; Príncipe Charles.” Ele enumerou os nomes dos Charles famosos para incitar ambição genética no menino. [...] Todo o afeto caribenho do avô por um herdeiro macho e por feições nórdicas veio à tona. Agora havia sangue bom na família contra uma possível má escolha por parte de uma de suas mulheres. [...] “Você pode ser presidente, você nasceu aqui,” murmurou o avô. “Você pode ir até à lua, talvez até mesmo para Marte quando você tiver a minha idade”.<sup>12</sup> (ALVAREZ, 1992b, p. 26-27).

No mesmo capítulo, quando Laura se une a Yolanda contra o pai e a defende em relação ao texto que a filha havia escrito para ser lido na escola, há também uma demonstração do novo posicionamento dela. Nos Estados Unidos, ela passa a expressar a sua opinião destemidamente, mesmo que fosse a partir de um ponto de vista que confrontasse ou desafiasse o marido. Ao ser questionada por Carlos se ela permitiria que Yolanda lesse “aquilo” na escola, Laura reage:

As sobrancelhas de Laura pularam para cima, seu queixo caiu. No velho país, qualquer rumor de desafio à autoridade poderia atrair a polícia secreta em seus Volks pretos. Mas aqui era a América. As pessoas podiam falar o que pensavam. “O que tem de errado com o discurso dela?” Laura lhe perguntou.<sup>13</sup> (ALVAREZ, 1992b, p. 145).

A reação de Laura surpreende o marido uma vez que ele está acostumado à submissão e ao silêncio de sua mulher como muitas vezes pode ocorrer com as mulheres latino-americanas. O fato de suas filhas revoltarem-se contra suas atitudes e ordens e terem

---

<sup>12</sup> “It was a big deal that Sofía had had a son. He was the first male born into the family in two generations. In fact, the baby was to be named for the grandfather – Carlos – [...] what the old man had never hoped for with his ‘harem of four girls,’ as he liked to joke, his own name was to be kept going in this new country! [...] During his two visits, the grandfather had stood guard by the crib all day, speaking to little Carlos. ‘Charles the Fifth; Charles Dickens; Prince Charles.’ He enumerated the names of famous Charleses in order to stir up genetic ambition in the boy. [...] All the grandfather’s Caribbean fondness for a male heir and for fair Nordic looks had surfaced. There was now good blood in the family against a future bad choice by one of its women. [...] ‘You can be president, you were born here,’ the grandfather crooned. ‘You can go to the moon, maybe even to Mars by the time you are of my age’”.

<sup>13</sup> “Laura’s eyebrows shot up, her mouth fell open. In the old country, any whisper of a challenge to authority could bring the secret police in their black V.W.’s. But this was America. People could say what they thought. ‘What is wrong with her speech?’ . Laura questioned him”.

suas próprias opiniões ainda é justificável considerando que elas fazem parte de um rol de imigrantes com tendências à assimilação da nova cultura, principalmente em se tratando de adolescentes ainda em processo de formação identitária. Mesmo assim, Carlos se enfurece e não aceita que Yolanda pudesse produzir um texto tão “insubordinado”, “impróprio”<sup>14</sup> e que desrespeitasse seus professores (ALVAREZ, 1992b, p. 145). Para Carlos, “[e]ra muito ruim que sua filha estivesse se rebelando, mas aqui estava a sua própria esposa unindo forças a ela. Em breve ele estaria cercado por uma casa cheia de mulheres norte-americanas independentes”<sup>15</sup> (ALVAREZ, 1992b, p. 145-6). A postura de Carlos nos remete à atitude machista típica dos homens latino-americanos que ainda vêm na relação entre homens e mulheres uma ordem hierárquica, na qual o homem é quem dita as regras e as mulheres obedecem-nas passivamente. É interessante perceber que enquanto para uns o exílio é uma experiência positiva e rica, para outros, como no caso de Carlos, o exílio significou um enfrentamento direto de seus valores, costumes e crenças. Para ele, seria inconcebível qualquer tipo de confronto com a escola, que aqui simboliza um espaço de poder e superioridade, ao qual ele, irônica e, também, culturalmente, se submete. Vale lembrar que o motivo da mudança da família para os Estados Unidos foi o fato de Carlos se opor ao regime ditatorial que dominava a República Dominicana. Desse modo, Mujčinović (2004, p. 120) confirma que

[o] romance sustenta que quando no exílio em um país menos dominado por homens do que o seu próprio, os homens sentem-se incapacitados devido à falta de códigos patriarcais paternalistas e uma rígida hierarquia de classe; por outro lado, a presença menos difundida de patriarcalismo permite às mulheres obter uma experiência libertadora. As normas sociais mais patriarcais garantem representação e reconhecimento aos homens, à medida que seus protocolos reguladores posicionam as mulheres em papéis limitados e não-reconhecidos. Julia Alvarez não infere que a sociedade norte-americana esteja livre das normas patriarcais tradicionais, mas sustenta que a

---

<sup>14</sup> “insubordinate”, “improper”.

<sup>15</sup> “It was bad enough that his daughter was rebelling, but here was his own wife joining forces with her. Soon he would be surrounded by a houseful of independent American women”.

representação e a emancipação das mulheres são mais articuladas na América do que nas sociedades fortemente machistas.<sup>16</sup>

Nesse episódio, vemos de um lado o surgimento de mulheres modernas, independentes, com idéias próprias, enquanto do outro há o protótipo do homem latino-americano, machista, arbitrário, conservador e fechado. Yoyo ainda reforça: “Aqui é a América, papai, América! Você não está mais num país selvagem!”<sup>17</sup> (ALVAREZ, 1992b, p. 146) e põe fim à tensão com o cruel comentário: “De joelhos, Yoyo pensou na pior coisa que poderia dizer ao seu pai. [...] Em um sussurro baixo e desagradável, ela pronunciou o odiado apelido de Trujillo: ‘Chapita! Você não passa de mais um Chapita!’”<sup>18</sup> (ALVAREZ, 1992b, p. 147). Esse desfecho é bastante simbólico para um imigrante dominicano cuja causa da imigração foi justamente a ditadura trujillista; é precisamente quando a sua própria filha se refere a ele alegoricamente como um tirano que Carlos enxerga estar reforçando o mesmo sistema e ideologia repudiados por ele próprio na República Dominicana. O ato de rasgar o discurso de Yoyo e não permitir que ela o leia na escola norte-americana, independente do seu conteúdo crítico – o que demonstra que Yolanda apresenta um posicionamento análogo ao que seu pai apresentava na ilha –, evidencia de maneira irrefutável a involuntária perpetuação da tirania e arbitrariedade de Trujillo em relação ao povo de seu país. Carlos percebe, nesse momento, que sua reação negava todos os ideais e bandeiras pelas quais ele havia acreditado e lutado. Por outro lado, Yolanda não dimensiona o tamanho do sofrimento que ela impinge ao pai, uma vez que ele havia perdido irmãos e amigos durante a ditadura de Trujillo, conforme se pode notar no trecho a seguir:

---

<sup>16</sup> “The novel maintains that when in exile in a less male-dominated country than their own, men feel disempowered due to the lack of patronizing patriarchal codes and strict class hierarchy; on the other hand, the less pervasive presence of patriarchy allows women to gain a liberating experience. The more patriarchal social norms guarantee agency and recognition to men, as their regulatory protocols position women in limited and unrecognized roles. Julia Alvarez does not imply that the U.S. society is rid of traditional patriarchal norms, but she does maintain that women’s agency and emancipation are more pronounced in America than in the strongly macho societies”.

<sup>17</sup> “This is America, Papi, America! You are not in a savage country anymore!”

<sup>18</sup> “On her knees, Yoyo thought of the worst thing she could say to her father. [...] In a low, ugly whisper, she pronounced Trujillo’s hated nickname: ‘Chapita! You’re just another Chapita!’”.

Pelo resto de sua vida, ele seria assombrado por sangue nas ruas e desaparecimentos na calada da noite. Mesmo depois de todos esses anos, ele se encolhia de medo se um Volks preto passasse por ele na rua. Ele temia qualquer pessoa usando uniforme: o fiscal do parquímetro emitindo multas de estacionamento, um vigia de museu se aproximando para pedir-lhe que não chegasse tão perto do seu Goya preferido.<sup>19</sup> (ALVAREZ, 1992b, p. 146-147).

Reforço que a tensão entre pai e filha só se realiza porque a família estava nos Estados Unidos e, em contraposição ao momento vivido na República Dominicana sob o comando de Trujillo, nesse país hospedeiro, tanto a garota Yoyo quanto Carlos podem se expressar livremente. Quanto ao trauma de Carlos, ele reagirá da mesma maneira independente de onde estiver, pois os elementos citados por Alvarez – sangue, carro preto e uniforme –, fazem parte do cotidiano da maioria das pessoas. Mujčinović (2004, p. 116) explica que

[a]s cenas que descrevem os efeitos persecutórios do passado de Carlos são utilizados ao longo do romance para demonstrar a internalização da violência e uma conseqüente paranóia. Por exemplo, a violência nas ruas dominicanas é sobreposta à realidade americana [...]. O eu é para sempre violado e o trauma não diminui com a distância. Enfim, a suposta segurança do exílio é desestabilizada e rompida.<sup>20</sup>

Para Yolanda, no entanto, esse episódio adquire proporções ainda mais significativas porque ela estava descobrindo o mundo da escrita. A atitude contraditória do pai contribui para a desconfiança e falta de credibilidade por parte da filha. Se viver nos Estados Unidos significa liberdade, por que ele tenta controlá-la e silenciá-la? Que homem é esse que um instante refuta um governo ditatorial para o seu país, mas em seguida reproduz o mesmo tipo de padrão dentro da sua própria casa? Esse comportamento seria mais aceitável ou

<sup>19</sup> “For the rest of his life, he would be haunted by blood in the streets and late night disappearances. Even after all these years, he cringed if a black Volkswagen passed him on the street. He feared anyone in uniform: the meter maid giving out parking tickets, a museum guard approaching to tell him not to get too close to his favorite Goya”.

<sup>20</sup> “The scenes describing the haunting effects of Carlos’ past are engaged throughout the novel in order to demonstrate an internalization of violence and a consequent paranoia. For example, the violence on the Dominican streets is superimposed on the American reality [...]. The self is forever violated and the trauma does not diminish with distance. Ultimately, the presupposed safety of exile is destabilized and ruptured”.

esperado se tivesse ocorrido na ilha. John Lechte (1991, p. 80) explica que “[o] exílio assim significa: abrir novas possibilidades, ser capaz de enfrentar novos desafios; mas acima de tudo, significa aceitar a ‘diferença’ e o ‘outro’ – sem destruí-lo, através de violência ou indiferença”.<sup>21</sup> Nesse sentido, Carlos parece não aceitar as diferenças de opinião e de atitude que se tornam visíveis no exílio. Tampouco ele se conforma com o desejo de sua filha de escrever e com a sua própria condição de exilado. Ele não se dá conta de que no exílio suas filhas, em especial Yolanda, por demonstrar uma sensibilidade mais aguçada, estariam expostas a novos desafios e questionamentos e, em consequência disso, reagiriam a eles. Cabe lembrar aqui que esse “outro” a que Lechte se refere não seria exatamente Yolanda, uma vez que ela é filha de Carlos e os “outros”, então, seriam os norte-americanos, também denominados de WASPs, sigla para *White Anglo-Saxon Protestant*. No entanto, acredito que ela possa ser percebida como uma “outra” sim, já que ela é mulher, escritora e híbrida, características que a diferem e distanciam do pai. Em outras palavras, Yolanda sintetiza elementos que a colocam frente a frente com o pai. Oriundo de uma sociedade conservadora e machista, Carlos não reconhece que uma mulher poderia exercer uma profissão que permitisse ao indivíduo tamanha exposição e liberdade. Em uma entrevista concedida a Dwight Garner (1998), Julia Alvarez nos informa sobre o lugar destinado às mulheres na sociedade dominicana, o que, de certa forma, justifica o posicionamento de Carlos em relação a Yolanda. “Venho de uma cultura na qual as mulheres não são estimuladas a falar. [Ao contrário, são estimuladas] a manter suas bocas fechadas, a manter as coisas no âmbito da família, a ser as guardiãs das histórias e a tomar muito cuidado para quem as contam”.<sup>22</sup> A hibridez de Yolanda agride o pai porque ela não se comporta como as mulheres dominicanas,

---

<sup>21</sup> “Exile thus means: to open up new possibilities, to be able to confront new challenges; but most of all, it means coming to terms with ‘difference’ and the ‘other’ – not destroying them, either by violence, or indifference”.

<sup>22</sup> “I come from a culture where women are not encouraged to speak. [Instead, they are encouraged] to keep their mouths shut, to keep things in the family, to be the guardian of the stories and to be very careful who they’re released to”.



submissas, voltadas às atividades domésticas e dedicadas à família. Muitas de suas atitudes decorrem do seu crescimento em meio à sociedade norte-americana. Assim, mesmo com todo o investimento dos pais em manter as tradições e valores da República Dominicana, Yolanda demonstra que ela possui traços marcantes das duas culturas.

Apesar da forte reação de Carlos, o capítulo apresenta um final surpreendente. No dia seguinte, mesmo dia da apresentação de Yoyo na escola, Carlos chega à noite com uma máquina de escrever e presenteia a filha:

Vagarosamente, seu pai subiu a entrada da garagem, uma expressão austera em seu rosto enquanto ele segurava uma enorme e pesada caixa de papelão. [...] Ela escutava enquanto ele lutava para manobrar a caixa através da estreita passagem. Ele chamou por seu nome inúmeras vezes, mas ela não lhe respondeu. [...] “Minha filha, seu pai, ele ama você muito,” ele explicou do pé da escada. “Ele só quer te proteger”. Finalmente, a mãe subiu e implorou a Yoyo para descer e se reconciliar com ele. “Seu pai não teve a intenção de te prejudicar. Você deve perdoá-lo. Sempre é melhor deixar que as coisas do passado sejam esquecidas, não?”<sup>23</sup> (ALVAREZ, 1992b, 149).

A atitude de Carlos aponta tanto para a sua humilhação diante do xingamento proferido por sua filha, quanto para o reconhecimento do talento/vocação/desejo de Yolanda por trilhar o caminho da escrita. Ser comparado a um dos maiores ditadores da História, principalmente aquele que quase lhe tirara a vida e forçara sua família ao exílio, desperta em Carlos a consciência não só da sua própria postura diante das diferenças e dos desafios do exílio, como também possibilita a ele enxergar sua filha.

Essa percepção será novamente retomada por Alvarez no último capítulo do romance subsequente *¡Yo!*, que será analisado de forma mais aprofundada adiante, quando em meio a uma crise existencial de Yolanda diante da não realização da maternidade, Carlos

---

<sup>23</sup> “Slowly, her father came up the driveway, a grim expression on his face as he grappled with a large, heavy cardboard box. [...] She listened as he struggled to maneuver the box through the narrow doorway. He called her name several times, but she did not answer him. [...] ‘My daughter, your father, he love you very much’, he explained from the bottom of the stairs. ‘He just want to protect you’. Finally, her mother came up and pleaded with Yoyo to go down and reconcile with him. ‘Your father did not mean to harm. You must pardon him. Always it is better to let bygones be forgotten, no?’”.

abençoa a filha por sua escolha profissional em detrimento da opção de ter filhos, como pode ser entrevisto no trecho a seguir:

Eu prometi a ela uma benção para tirar qualquer dúvida. Uma história cujos fatos reais não podem ser modificados. Mas posso acrescentar minha própria invenção – isso eu aprendi com Yo. Um novo final pode ser construído a partir daquilo que eu agora sei. [...] E digo, “Minha filha, o futuro chegou e estávamos com tanta pressa de chegar aqui! Deixamos tudo para trás e nos esquecemos de tanta coisa. A nossa família agora está órfã. Meus netos e bisnetos não saberão o caminho de volta a não ser que tenham uma história. Conte-lhes sobre a nossa trajetória. Conte-lhes o coração secreto do seu pai e desfaça os erros do passado. Minha Yo, abrace seu destino. Você tem minha benção, passe-a adiante”.<sup>24</sup> (ALVAREZ, 1997, p. 308-309).

A benção de Carlos abrange vários pontos descritos ao longo dos dois romances de Alvarez. Primeiramente, é uma forma de Carlos se redimir por todas as vezes que reprimiu Yolanda de escrever ou de contar suas histórias, uma vez que estas poderiam comprometê-lo junto à polícia e revelar suas idéias oposicionistas. Em *García Girls*, Yolanda revela ao vizinho que o pai escondia uma arma na casa e, como punição pelo perigo de tamanha revelação, Carlos dá-lhe uma surra:

[...] Isso deve ser tão grave como a vez em que Yoyo contou ao vizinho, o velho general, uma história inventada sobre papai ter uma arma, uma história que acabou sendo verdadeira porque papai tinha realmente uma arma escondida por alguma razão. A babá Milagros denunciou que Yoyo contara ao general aquela história, e ela levou uma surra de cinto, no banheiro, com o chuveiro ligado para ninguém ouvir seus gritos. Depois a mamãe teve que encontrar com o tio Vic no meio da noite com a arma escondida sob sua capa de chuva para que a arma não estivesse na casa caso a polícia aparecesse. Isso foi muito grave. Mamãe ainda se lembra disso e diz que foi a vez que “você quase matou seu pai, Yoyo”.<sup>25</sup> (ALVAREZ, 1992b, p. 198).

<sup>24</sup> “I have promised her a blessing to take the doubt away. A story whose true facts cannot be changed. But I can add my own invention – that much I have learned from Yo. A new ending can be made out of what I now know. [...] And I say, ‘My daughter, the future has come and we were in such a rush to get here! We left everything behind and forgot so much. Ours is now an orphan family. My grandchildren and great grandchildren will not know the way back unless they have a story. Tell them of our journey. Tell them the secret heart of your father and undo the old wrong. My Yo, embrace your destino. You have my blessing, pass it on’”.

<sup>25</sup> “[...] This must be serious like the time Yoyo told their neighbor, the old general, a made-up story about Papi having a gun, a story which turned out to be true because Papi did really have a hidden gun for some reason. The nursemaid Milagros told on Yoyo, telling the general that story, and her parents hit her very hard with a belt in the bathroom, with the shower on so no one could hear her screams. Then Mami had to meet Tío Vic in the middle of the night with the gun hidden under her raincoat so it wouldn’t be on the premises in case the police came. That was very serious. That was the time Mami still talks about when ‘you almost got your father killed, Yoyo’”.

Esse episódio marcara Carlos fortemente a ponto de quarenta anos mais tarde ele ainda ter remorso pelo duro castigo aplicado em Yoyo. Por isso, então, o episódio da benção para “tirar qualquer dúvida”, ocorrido no romance *¡Yo!*. Ele aprovava as histórias inventadas por Yolanda, mas naquele período da vida deles marcado pelo medo da polícia secreta domininicana, o fato de Yoyo “inventar” uma história que pudesse denunciá-lo poderia não ser interpretado como uma história de criança.

Em segundo lugar, Carlos demonstra aceitar as diferenças, ao deixar claro para ela que o fato de ela não ter filhos não é um problema, mesmo que esse comportamento fosse contrário ao esperado pelas tradições familiares dominicanas. Finalmente, é a legitimação do importante papel do escritor como aquele que vai deixar registrada a história de um povo. Carlos, através de uma história que ele próprio inventara, reforça para Yolanda que são as suas narrativas que perpetuarão o legado de sua família, desfazendo mal-entendidos e resgatando o passado. Caberá a ela manter a memória da família viva, assim como a sua heroína Sherazade fazia em relação à sua própria vida. “Ao contar a história do deslocamento [da família], assim como a sua trajetória de vida nos Estados Unidos, Yo tem a capacidade de reintegrar algo que foi perdido”<sup>26</sup> (VÁZQUEZ, 2003, p. 395).

Mesmo que o escritor seja aquele que reintegra e propaga as histórias, é preciso não perder de vista que estamos tratando de uma escritora que traduz o sentimento do indivíduo exilado e a vida no exílio está cercada por dualidades e paradoxos. No início do capítulo “A Regular Revolution”, do romance *García Girls*, Alvarez relata que após quase quatro anos nos Estados Unidos, as meninas ainda não haviam totalmente se ajustado à nova realidade, visto que elas “[...] mudavam de um lado para o outro, esperando ir para casa”<sup>27</sup> (ALVAREZ, 1992b, p. 107) e sentiam que não possuíam “[...] o melhor que os Estados

<sup>26</sup> “By telling the story of their dislocation, as well as their journey through life in the United States, Yo has the ability to reintegrate something that was lost”.

<sup>27</sup> “[...] shifted from foot to foot, waiting to go home”.

Unidos tinham para oferecer”<sup>28</sup> (ALVAREZ, 1992b, p. 107). O estilo de vida que as meninas García levavam no exílio era consideravelmente inferior ao que estavam acostumadas na República Dominicana, já que vinham de uma família abastada e eram filhas de um médico bem conceituado. Além disso, o lado materno pertencia à alta elite dominicana. O pai de Laura mantinha ligações estreitas com os Estados Unidos, tendo inclusive exercido cargo diplomático em Nova York. Ele e sua esposa passavam temporadas na América do Norte ou viajavam apenas para fazerem compras pessoais. Na República Dominicana, as meninas freqüentavam uma escola norte-americana e viviam cercadas de mimos estrangeiros presenteados por seus avós.

A situação descrita acima demonstra que no exílio as diferenças sociais e econômicas são muitas vezes apagadas ou neutralizadas. Os sujeitos que ali se encontram são parcialmente padronizados, embora haja dentro das comunidades étnicas hierarquias e discriminação também. Mesmo ciente dessa hierarquização, penso que o imigrante ao chegar no país hospedeiro, independente de ser rico, pobre, médico, operário, patrão ou empregado, é rotulado da mesma maneira, sendo este sempre o mesmo: “estrangeiro”. No primeiro contato com o país receptor, ainda não há uma diferenciação visível de seus novos habitantes. Não há reconhecimento da importância de sobrenome, diploma ou endereço, fato demonstrado pela ausência de mimo e atenção recebidos pelas meninas García nos Estados Unidos.

O exílio carrega consigo marcas de homogeneização. As diferenças e peculiaridades somente aparecerão após um certo tempo e à medida que os indivíduos começam a participar de forma mais independente e adaptada no cotidiano da sociedade que os recebe, ou se a sociedade que os recebe estiver interessada em desfazer essa homogeneização. Aí, sim, é possível perceber quem é quem e legitimar as diferenças. Enfatizo aqui que a velocidade e naturalidade com que cada imigrante irá se integrar ao novo

---

<sup>28</sup> “[...] the best the United States had to offer”.

lugar dar-se-á a partir de seus objetivos e razões pelas quais ele teve que se deslocar. Aquele indivíduo que saiu de seu país com melhores condições financeiras, sociais e até psicológicas, provavelmente terá uma adaptação menos traumática e mais tranqüila. Já aquele outro que até mesmo sua entrada no país deu-se ilegalmente terá sua experiência marcada por situações constrangedoras e pouco favoráveis a ele. Vale pontuar também que esse *status* pode ser e, na maioria das vezes, é transitório e momentâneo. Por exemplo, um determinado imigrante inicialmente em uma situação de total abandono e solidão na sociedade hospedeira pode, posteriormente, alcançar algum êxito profissional e reverter esse quadro. Porém, há o outro lado dessa moeda que não podemos desprezar. A entrada de imigrantes em qualquer país gera a demanda por empregos e inserção desses indivíduos no mundo do trabalho. Como nem sempre a absorção de todos eles é possível, situações de concorrência no mercado de trabalho acabam gerando sentimentos e atitudes discriminatórias por parte dos cidadãos do país hospedeiro. De certa forma, eles se sentem invadidos. Sentem que o espaço destinado a eles por direito devido à nacionalidade está sendo ocupado por pessoas de fora. Em outras palavras, o estrangeiro tende a receber um tratamento hostil, não pela sua falta de qualificação profissional, mas pela resistência à aceitação e integração do “outro”.

No caso da família García, as meninas são fortemente marcadas pelas diferenças com as quais precisam aprender a lidar. “Tínhamos apenas coisas de segunda mão, casas alugadas uma atrás da outra em bairros católicos da periferia, roupas da Round Robin, uma TV em preto e branco sem ajuste e com chuveiros. Confinadas naquela casinha de subúrbio, as regras eram tão rígidas quanto as regras para as meninas da ilha, mas não havia a ilha para compensar a diferença”<sup>29</sup> (ALVAREZ, 1992b, p. 107). Para completar esse quadro pouco confortável e desesperançoso, nos primeiros anos no exílio, a família não se misturava com os norte-americanos. Segundo relato das meninas, o sobrenome “García de la Torre não

---

<sup>29</sup> “We had only second-hand stuff, rental houses in one redneck Catholic neighborhood after another, clothes at Round Robin, a black and white TV afflicted with wavy lines. Cooped up in those little suburban houses, the rules were as strict as for Island girls, but there was no island to make up the difference”.

significava absolutamente nada para eles [...]”<sup>30</sup> (ALVAREZ, 1992b, p. 108) ao passo que carregar o sobrenome García de la Torre na República Dominicana era sinônimo de riqueza, prestígio, poder, respeito e admiração. Nos Estados Unidos eles eram apenas mais uma família de imigrantes entre pessoas que não davam a mínima importância para suas origens burguesas e elitistas. Eles faziam parte de um grupo cada vez maior que tentava recomeçar a vida na terra das oportunidades, conforme se pode perceber pela afirmação abaixo:

A história do exílio dos García indica que a classe social alta deles perde importância em um contexto estadunidense, tornando a sua adaptação mais difícil e frustrante. Na ilha, sua reputação era baseada no fato de que eram descendentes dos conquistadores brancos; nos Estados Unidos, por outro lado, eles são definidos apenas como imigrantes, ou segundo Laura, “ninguém”.<sup>31</sup> (MUJČINOVIĆ, 2004, p. 118).

Entretanto, e aqui está o grande paradoxo do exílio, se por um lado, as irmãs García já não tinham o mesmo *status* e as mesmas mordomias as quais estavam habituadas na República Dominicana, por outro lado, elas começaram a tirar vantagem do que os Estados Unidos poderiam lhes oferecer e que elas não teriam acesso caso não estivessem se deslocado para lá, como fica demonstrado na fala das irmãs:

Mas, ei, podíamos ser peixes fora d’água, mas pelo menos conseguimos vencer os percalços do nosso dilema e chegar a um final feliz, como diria mamãe. Era uma longa viagem de trem para a nossa escola em Boston e *havia* meninos naquele trem. Aprendemos a falsificar a assinatura da mamãe e íamos a quase todos os lugares, a finais de semana dançantes, finais de semana de futebol e finais de semana de bonecos de neve. Podíamos beijar e não ficar grávidas. Podíamos fumar e nenhuma tia-avó iria nos cheirar e matar. Começamos a tomar gosto pela boa vida adolescente norte-americana, e logo a ilha virou lenda, cara. A ilha era lugar das mulheres preocupadas com unhas e cabelos, acompanhantes para nos vigiar, e meninos chatos com todo o pavoneio machista e camisas desabotoadas e peitos cabeludos com correntes e pequenos crucifixos de ouro. Depois de alguns anos longe de

---

<sup>30</sup> “García de la Torre didn’t mean a thing to them [...]”.

<sup>31</sup> “The story of the Garcías’ exile points out that their upper social class loses significance in a U.S. context, making their adjustment more difficult and frustrating. On the island, their reputation is built on the fact that they are descendants of the white *conquistadores*; in the U.S., on the other hand, they are defined only as immigrants, or as Laura says, ‘nobody’”.

casa, tínhamos *mais* do que nos adaptado.<sup>32</sup> (ALVAREZ, 1992b, p. 108; grifo da autora).

A passagem acima aponta para duas questões importantes e que só ocorrem porque houve o deslocamento físico. A primeira é a imagem que as meninas guardam da ilha. Para elas a República Dominicana representa um lugar de rigidez e controle, onde não há liberdade de escolha nem de expressão. Ali elas tinham que ser vigiadas o tempo todo e a sociedade valorizava apenas a aparência, o *status* social, a tradição familiar, a rede de relacionamentos. Uma vez nos Estados Unidos, elas não só percebem essas diferenças como começam a reivindicá-las. E aí entra a segunda questão, que são os benefícios do exílio. Pelo menos do ponto de vista dessas adolescentes que estão descobrindo a si mesmas e descobrindo também um mundo diferente ao que estavam acostumadas, o exílio proporciona o rompimento com uma tradição que leva as mulheres a serem dependentes, submissas, com o futuro traçado para serem donas de casa e mães-de-família. Para Karen Christian (1997, p. 98),

[...] as meninas expressam seu desdém pela hiperfeminilidade e hipermasculinidade que caracterizam os papéis relacionados a gênero na sociedade dominicana. Nos Estados Unidos, elas descobrem que tais performances são vistas como emblemáticas do excesso do gênero *Latino* e são, portanto, inconsistentes com o projeto de assimilação.<sup>33</sup>

Assim, reforço que o fato de essas meninas terem encontrado no exílio uma sociedade mais aberta, com uma cultura bem diferente da qual haviam sido criadas na República Dominicana, permitiu a elas um distanciamento que resultou em uma diversidade

---

<sup>32</sup> “But hey, we might be fish out of water, but at least we had escaped the horns of our dilemma to a silver lining, as Mami might say. It was a long train ride up to our prep school in Boston, and there *were* guys on that train. We learned to forge Mami’s signature and went just about everywhere, to dance weekends and football weekends and snow sculpture weekends. We could kiss and not get pregnant. We could smoke and no great aunt would smell us and croak. We began to develop a taste for the American teenage good life, and soon, Island was old hat, man. Island was the hair-and-nails crowd, chaperones, and icky boys with all their macho strutting and unbuttoned shirts and hairy chests with gold chains and teensy gold crucifixes. By the end of a couple of years away from home, we had *more* than adjusted”.

<sup>33</sup> “[...] the girls express their disdain for the hyperfemininity and hypermasculinity that characterize gender roles in Dominican society. In the United States, they discover, such performances are judged emblematic of Latina/o gender excess and are thus inconsistent with the project of assimilation”.

de possibilidades. Elas haviam vivenciado a tradição e o rigor das normas do país de origem, mas também a independência e a liberdade do país hospedeiro. Portanto, quando Edward Said (1996, p. 60) afirma que no exílio “[...] há uma perspectiva dupla que nunca enxerga as coisas de forma isolada. Toda situação no novo país necessariamente aproxima-se do seu equivalente no país antigo”,<sup>34</sup> ele está se referindo justamente à percepção do exilado que ocorre baseada na experiência vivenciada em ambos os lugares. No caso do romance *García Girls*, isso se comprova através das inúmeras comparações que a família e, em especial, as meninas fazem entre os dois países. No mesmo capítulo citado acima, “A Regular Revolution”, percebo uma perspectiva diferente da que geralmente acontece. Como de costume e para proporcionar o contato das meninas com a “grande” família na República Dominicana, os pais enviam-nas para a ilha para passar as férias de verão. Em uma dessas viagens, a filha caçula, Sofía, escolhe ficar lá e não retornar aos Estados Unidos com o resto da família. Cabe lembrar que Laura havia dado à filha apenas duas opções: ficar morando com uma tia por um ano na ilha ou voltar a morar na mesma casa que os pais e freqüentar um escola católica local. Ela não poderia voltar para o colégio interno como suas irmãs. Isto seria um castigo pelo fato de Laura ter encontrado maconha em uma bolsa no quarto das filhas e Sofía ter admitido que a droga pertencia a ela. Sofía justifica sua decisão alegando que “[c]omo a mais nova das quatro, ela tinha tido pouquíssima chance de se ligar à ilha antes do abrupto exílio quase uma década atrás. ‘E, além do mais, os Estados Unidos não me fazem feliz’”<sup>35</sup> (ALVAREZ, 1992b, p. 116). Na verdade, sabe-se que não é o fato de ela não estar feliz nos Estados Unidos que a leva a tomar essa atitude, mas por achar que na ilha ela seria menos vigiada do que sozinha com os pais, como ela mesma afirma: “Melhor ter um de uma dúzia de primos como acompanhante, imaginou, do que ficar em casa com mamãe e papai na sua cola e Peter Pan

---

<sup>34</sup> “[...] there is a double perspective that never sees things in isolation. Every scene or situation in the new country necessarily draws on its counterpart in the old country”.

<sup>35</sup> “As the youngest of the four, she had had the least chance to bond to the Island before our abrupt exile almost a decade before. ‘And besides, the States aren’t making me happy’”.



com a mão no seu traseiro”<sup>36</sup> (ALVAREZ, 1992b, p. 116). A perspectiva de Sofía sofre uma inversão porque a família passa a ver a estadia da caçula na ilha como um exílio e os Estados Unidos passam a ser o parâmetro de comparação, como se fossem o “país antigo” descrito por Said. Assim, para se livrar da fiscalização dos pais, Sofía aceita esse inesperado exílio às avessas.

O mais irônico e marcante nesse episódio é que, à primeira vista, para as irmãs, Sofía parecia ter realmente se adaptado muito bem aos costumes locais, especialmente no quesito aparência física:

[Ela] é um só barulho de pulseiras e uma cascata de cachos de salão de beleza elegantemente presos em um dos lados por um grande passador de ouro. Ela escurecera seus cílios com rímel preto para que seus olhos dessem a entender que ela estava ligeiramente surpresa com sua sorte. Fifi – que costumava usar seu cabelo com sua marca registrada, duas tranças de índio que ela prendia nos dias quentes como uma ordenhadora austríaca. Fifi – que sempre fez questão de não usar maquiagem nem se arrumar. Agora ela aparenta a pessoa do *depois* de um desses tratamentos de beleza *antes-depois* que aparecem nas revistas.<sup>37</sup> (ALVAREZ, 1992b, p. 117; grifo da autora).

No entanto, o impacto inicialmente causado nas irmãs é logo dissipado quando Sofía lhes revela que estava tendo um namorico com um dos primos ilegítimos, Manuel Gustavo. De certo modo, essa revelação soa bem reconfortante para as irmãs, porque provava que Sofía não havia sucumbido ao rigor das regras, do controle e da tradição que as meninas associavam à vida na ilha e no qual seus pais depositavam tanta expectativa. Quando se deparou com desafios na República Dominicana, ela foi buscar ajuda na cultura equivalente, que seria do país de origem, de onde ela veio recentemente, os Estados Unidos, e não do seu país de nascimento, para superá-los. Por essa razão, classifico essa atitude de um

---

<sup>36</sup> “Better one of a dozen chaperoned cousins, she figured, than home alone with Mami and Papi breathing down her neck and Peter Pan with his hand on her ass”.

<sup>37</sup> “[She] is a jangle of bangles and a cascade of beauty parlor curls held back on one side very smartly by a big gold barrette. She has darkened her lashes with black mascara so that her eyes stand out as if she were slightly startled at her good luck. Fifi – who used to wear her hair in her trademark, two Indian braids that she pinned up in the heat like an Austrian milkmaid. Fifi – who always made a point of not wearing makeup or fixing herself up. Now she looks like the *after* person in one of those *before-after* makeovers in magazines”.

comportamento “às avessas”. Ao agir contra as regras e padrões dominicanos, Sofia inverte a expectativa que seria natural. Ela rompe com o paradigma imposto pelos pais e familiares. Embora fosse uma estrangeira no país, que a princípio era o hospedeiro, os Estados Unidos, parece que ela sente algum tipo de lealdade a ele e, portanto, seu comportamento não assusta suas irmãs porque elas também partem da mesma perspectiva que ela. Em outras palavras, namorar um primo ilegítimo reforça a transgressão pela rebeldia e pelo desafio. Tanto que a reação das irmãs é de regozijo e alívio:

Exatamente! Nós, irmãs, fizemos o V de vitória umas para as outras. Ainda é uma revolução de guerrilha, afinal de contas! Ficamos com medo de que Fifi estivesse cedendo à pressão familiar e voltando a ser uma boa garota do terceiro mundo. Mas, de jeito nenhum. Ela ainda é A Velha Fifi.<sup>38</sup> (ALVAREZ, 1992b, p. 118).

O período de isolamento na ilha, que deveria servir como uma punição para o mau comportamento da menina, acaba não sendo um castigo tão penoso. Ironicamente, não era a América do Norte que deixaria as meninas independentes, rebeldes, arredias e desafiadoras, mas a ilha com toda sua rigidez e tradição conservadora.

No entanto, se por um lado Sofia não se comporta como uma garota tipicamente dominicana e católica, obedecendo as regras sociais de só namorar acompanhada por algum familiar ou ter relações sexuais após o casamento, por outro lado ela se submete ao comportamento machista e autoritário do namorado, que impõe que tipo de roupa ela deve usar, reprime suas leituras, implica se ela conversa com algum outro rapaz, recusa-se a usar preservativo, dentre outras exigências. Ele passa a moldá-la para que se enquadre nos padrões daquela sociedade. Ele tenta silenciar e dominar aquela menina que estava ali justamente por castigo por ser contra as normas dos pais. Para as irmãs, “[o] amável Manuel é totalmente um

---

<sup>38</sup> “Right on! We sisters give each other the V for victory sign. It’s still a guerrilla revolution after all! We were afraid that Fifi was caving in to family pressure and regressing into some nice third-world girl. But no way. She’s still Ye Olde Fifi”.

tirano, um mini papai e mamãe juntos em um só”<sup>39</sup> (ALVAREZ, 1992b, p. 120) que está corrompendo a irmã caçula.

A partir do comportamento de Manuel Gustavo e de outros primos na República Dominicana, as irmãs García são surpreendidas por uma realidade bastante diferente da que estavam acostumadas. Embora nos Estados Unidos elas fossem criadas sob a supervisão rígida dos pais e com normas rigorosas, elas também tinham contato com a cultura norte-americana, menos machista, conservadora e que tratava as mulheres com mais respeito e igualdade. Dessa maneira, há um choque cultural e um grande estranhamento nessas visitas à ilha, principalmente em relação à ambigüidade nas atitudes dos primos. Nos Estados Unidos, eles se comportam de uma maneira; na República Dominicana a mudança é drástica, contrariando todo o discurso aprendido no exterior. De comportamento semelhante ao de Manuel Gustavo, o primo Mundín, cuja idade regulava com a das meninas, é um claro exemplo dessa contradição: “[q]uando ele está nos Estados Unidos, onde fez o curso preparatório e agora faz a faculdade, ele é um de nós, nosso companheiro. Mas de volta à ilha, ele se apruma e vira macho, alfinetando-nos com a vantagem injusta que ser homem aqui lhe dá”<sup>40</sup> (ALVAREZ, 1992b, p. 127). A crítica na voz das primas sinaliza para o fato de que nos Estados Unidos ele age quase como um norte-americano, não demonstrando a “visão míope do macho”<sup>41</sup> (ALVAREZ, 1992b, p. 129) presente em suas atitudes em solo dominicano. Em casa, no ambiente em que cresceu, ele age como inúmeros homens latino-americanos, relegando as mulheres a uma posição submissa e inferior; ele se porta como um típico garanhão, reforçando a imagem que há nos Estados Unidos do homem latino-americano, descrito por Rose Del Castillo Guilbault (1997, p. 290), no ensaio “Americanization is Tough on ‘Macho’” [A americanização é severa com os machos]. Para a escritora *chicana*, “[o]

<sup>39</sup> “Lovable Manuel is quite the tyrant, a mini Papi and Mami rolled into one”.

<sup>40</sup> “When he’s in the States, where he went to prep school and is now in college, he’s one of us, our buddy. But back on the Island, he struts and turns macho, needling us with the unfair advantage being male here gives him”.

<sup>41</sup> “myopic macho vision”.

macho [latino-] americano é um chauvinista, um bruto, tosco, egoísta, espalhafatoso, cruel, capaz de infligir dor e [é] sexualmente promíscuo”.<sup>42</sup> Essa descrição exarceba-se ao vermos que na República Dominicana, Mundín superprotege as mulheres de sua família, o que difere do tratamento dado às outras mulheres: “Devido à sua educação liberal nos Estados Unidos, e sua promiscuidade lá e aqui, e sua risada impetuosa quando suas primas americanizadas recontam seus infortúnios, sua *própria* irmã tinha que ser pura”<sup>43</sup> (ALVAREZ, 1992b, p. 125; grifo meu). Dois pesos, duas medidas. Duas culturas, dois comportamentos.

Ao narrar esses dois pólos comportamentais de Mundín, parece-me que Alvarez procura enfatizar como o meio social desempenha um papel importante na maneira como o indivíduo vai agir. A imagem do homem como um sedutor, um mulherengo, é perpetuado na República Dominicana como em vários países latino-americanos porque faz parte da nossa cultura que os homens sejam dominadores, sedutores, conquistadores, verdadeiros “Don Juans”. Este é um comportamento socialmente aceito e esperado. Por razões históricas e culturais, no entanto, nos Estados Unidos, essa figura não tem tanta força, tampouco é amplamente aceita no meio social. Não pretendo desprezar aqui o fato de que certamente há homens que agem assim nos Estados Unidos, principalmente nas comunidades mais tradicionais, patriarcais e conservadoras, como a hispânica. Ao mudar suas atitudes de acordo com o lugar onde se encontra geograficamente, Mundín demonstra utilizar-se de uma estratégia de sobrevivência e adaptação. Em cada espaço definido, ele agirá de acordo com as expectativas e normas de um determinado grupo. No livro *The Art of Crossing Cultures* [A arte de atravessar culturas], Craig Storti (1990, p. 95) faz uma análise bastante positiva e elucidativa sobre a dualidade no comportamento dos indivíduos no exterior. Isto, de certa maneira, opera como uma justificativa para determinadas atitudes do rapaz:

---

<sup>42</sup> “The American *macho* is a chauvinist, a brute, uncouth, selfish, loud, abrasive, capable of inflicting pain, and sexually promiscuous”.

<sup>43</sup> “For all his liberal education in the States, and all his sleeping around there and here, and all his eager laughter when his Americanized cousins recount their misadventures, his own sister has to be pure”.

Morar no exterior nos apresenta uma oportunidade única de auto-descoberta e, por meio disso, de auto-aperfeiçoamento. Cada um de nós possui de fato duas personalidades: uma individual que é o produto de circunstâncias particulares de nossas vidas e que é responsável pela maneira como somos diferentes daqueles ao nosso redor e uma personalidade cultural, que é o produto do condicionamento cultural e é responsável pela maneira como somos semelhantes a todos ao nosso redor. E cada uma dessas personalidades (ou aspectos das nossas personalidades) é a fonte de um comportamento sadio ou doentio.<sup>44</sup>

Embora esse trabalho não contemple explorar profundamente o papel dos homens nas sociedades latino-americanas, uma personagem com as características de Mundín instiga a minha curiosidade, pois mostra ter uma capacidade camaleônica para se adaptar sem deixar rastros de divisão interna. Enquanto as irmãs García demonstram estar constantemente fragmentadas e hifenizadas, no entre-lugar das duas culturas às quais foram expostas, Mundín desloca-se entre elas alheio a qualquer incômodo ou questionamento quanto a esse posicionamento duplo e também bastante contraditório. As meninas acabam se sentindo como peixes fora d'água independente do lugar em que se encontram, enquanto o primo assimila as duas culturas de forma mais natural e até mais inconsciente.

Outra questão relevante durante o exílio é o encontro com um novo e desconhecido idioma. Se por um lado, falar mais de um idioma sempre esteve em pauta tanto nas escolas como nos ambientes de trabalho, atualmente mais do que em qualquer outra época da história, ter um conhecimento minimamente instrumental da outra língua faz parte do dia-a-dia da maioria das pessoas globalizadas, seja através das imposições e necessidades do mercado de trabalho, do contato com imigrantes, do fácil acesso aos meios de comunicação, especialmente a Internet. Por outro lado, a experiência de um imigrante pouco ou nada fluente

---

<sup>44</sup> “Living abroad presents us with a unique opportunity for self-discovery and, thereby, for self-improvement. Each of us has in effect two personalities: an individual one that is the product of the particular circumstances of our lives and which accounts for how we are different from those around us and a cultural one which is the product of cultural conditioning and accounts for how we are the same as everyone around us. And each of these personalities (or aspects of our personalities) is the source of wholesome and unwholesome behavior”.

na língua do país que o acolhe pode gerar traumas psicológicos e impedir que sua estadia seja profícua, para ser otimista, ou pelo menos tolerável.

Nos romances de Julia Alvarez analisados aqui, a falta de proficiência no idioma do país hospedeiro, no caso a língua inglesa, gera a desestabilização do pseudopoder masculino, simbolizado pela figura do patriarca, Carlos García. O fato de Laura, sua esposa, ter um domínio da língua inglesa superior ao de seu marido também revela um outro aspecto que o exílio gera: não ter um domínio fluente da língua local implica a infantilização e inferiorização do indivíduo, conforme Storti (1990, p. 87-88) nos aponta:

Relacionada [ao] sentimento de impotência, há a perda da auto-estima que surge com a inabilidade de conversar na língua local. Adultos medianos, articulados – capazes de tantas outras maneiras – que são de repente transformados em mudos virtuais, que conseguem apenas acenar com a cabeça e sorrir ridiculamente quando bem-intencionados nativos monolíngües dirigem-se a eles, acham a experiência aviltante. Pela competência que possuem, eles sentem – e, de certo modo, são – inferiores ao vizinho de três anos que deve ainda estar fazendo xixi na calça, mas ao menos sabe contar até dez.<sup>45</sup>

A comparação de Storti parece-me um tanto hiperbólica, mas não deixa de apontar a dimensão do dano que tal situação pode alcançar. O patriarca Carlos, por exemplo, médico próspero, com reconhecimento e respeito profissional conquistados na República Dominicana, fica limitado a clinicar somente dentro da comunidade *Latina*, já que só consegue se comunicar no seu próprio idioma. Afinal, que norte-americano irá escolher consultar-se com um médico dominicano e, em conseqüência, confiar nele, se médico e paciente não conseguem se comunicar entre si? A falta de competência lingüística contribui para que sua dignidade fique comprometida, fazendo com que em diversas situações Laura tome as rédeas e resolva questões práticas que geralmente são executadas por homens ou, em outros

---

<sup>45</sup> “Related to [the] sense of helplessness is the loss of self-esteem that comes with the inability to converse in the local language. Average, articulate adults – capable in so many other ways – who are suddenly transformed into virtual mutes, who can only nod and smile foolishly when addressed by well-intentioned, monolingual locals, find the experience demeaning. For all their competence, they feel – and in a sense, are – inferior to the three-year-old neighbor child who may still wet his pants but at least knows how to count to ten”.

momentos, cabe a ela servir como mediadora entre Carlos e falantes do inglês. De certo modo, essa “habilidade” confere a Laura um poder momentâneo já que Carlos passa a depender dela para lidar com algumas questões cotidianas e pontuais. As próprias filhas reconhecem a inversão de papéis ao constatarem: “Mamãe era a líder agora que eles moravam nos Estados Unidos. *Ela* havia estudado nos Estados Unidos. *Ela* falava inglês sem um sotaque forte”<sup>46</sup> (ALVAREZ, 1992b, p. 176; grifo da autora). Nesse exemplo, o que nos chama a atenção é que além das filhas ficarem inseguras diante da dependência do pai da tradução delas e da mãe, elas também demonstram vergonha por ele falar inglês precariamente.

Amy Kaminsky (1999, p. 68), no livro *After exile: writing Latin American diaspora* [*Depois do exílio: escrever a diáspora latino-americana*], confirma a relevância de se dominar a língua falada no exílio, pois a

[L]íngua adquire uma repercussão particular no exílio. [...] ser colocado em um lugar onde a língua não é familiar é regressar a um estado de dependência e ser percebido como incompetente intelectualmente. Essa mudança extrema no status social ocorre simultaneamente ao sentimento de deslocamento físico a que está ligada, e isso pode fazer com que até diferenças lingüísticas aparentemente menores repercutam diferenças maiores de prestígio e poder.<sup>47</sup>

Nota-se, portanto, uma discrepância significativa no posicionamento do indivíduo nas diferentes sociedades em que ele transita. Muitas vezes esses lugares não coincidem e um sujeito que antes era o “todo-poderoso”, a referência familiar, o chefe, passa a se situar em um lugar secundário quando um outro sujeito possui algum atributo que o distingue e o eleva em uma determinada situação. No caso da família García, o fato do pai não se comunicar bem na

---

<sup>46</sup> “Mami was the leader now that they lived in the States. *She* had gone to school in the States. *She* spoke English without a heavy accent”.

<sup>47</sup> “Language takes on particular resonance in exile. [...] to be set down in a place where the language is unfamiliar is to be returned to a state of dependency and to be perceived as intellectually incompetent. This extreme shift in social status occurs simultaneously with the sense of physical dislocation to which it is connected, and it can make even apparently minor linguistic differences resonate with major distinctions in prestige and power”.

língua oficial do país hospedeiro faz com que ele não tenha mais a autoridade e o poder que ele possuía na sua terra de origem, já que essas duas “armas” passam também pelo domínio da língua. Dominar a língua do “outro” pode significar estar no mesmo nível de igualdade que ele.

Mesmo sem fazer referência direta ao episódio exposto no romance, em uma entrevista publicada na revista *Glimmer Train Stories*, Alvarez (*apud* CHASAR; PIERCE, 1998, p. 130) revela sua angústia em relação à história da Torre de Babel:

[A história] me amedronta porque estar sem língua é apavorante, estar incapaz de dizer o que você quer dizer. A coisa mais traumática que me aconteceu quando viemos para esse país, embora eu soubesse o inglês de sala de aula, era que os americanos abriam a boca e diziam coisas para mim e eu não sabia o que eles estavam dizendo. E eu não conseguia me explicar para eles. É o complexo de Cassandra também –, você abre a boca e diz alguma coisa e as pessoas acham que você está louca ou que você não faz sentido, e para mim isso é muito alarmante. [...] Então, a Torre de Babel é o pesadelo de todo imigrante.<sup>48</sup>

Esse é um sentimento que acomete a maioria dos imigrantes que não dominam a língua falada no exílio. Soma-se ao enfrentamento com um lugar novo, de cultura, clima, comidas, hábitos diferentes, a impossibilidade de conseguir se comunicar, de se fazer entender e de entender o “outro”. O indivíduo que se vê incapaz de compreender o que as pessoas ao seu redor estão falando se sente totalmente desamparado e perdido. Sentir-se na Torre de Babel desestabiliza o indivíduo porque ele passa a não ter controle sobre si próprio. Ele fica à mercê do outro, depende da boa vontade do outro em querer entendê-lo e ter paciência para ensiná-lo. Sente-se diminuído e humilhado porque todo o seu conhecimento, toda a sua capacidade profissional, social, relacional, perde-se nesse ambiente hostil. Portanto, aprender

---

<sup>48</sup> “It scares me because to be without language is terrifying, to be unable to say what you mean. The most traumatic thing that happened to me when we came to this country, even though I knew classroom English, was that Americans opened their mouths and said things to me and I didn’t know what they were saying. And I couldn’t explain myself to them. It’s the Cassandra complex, too – you open your mouth and you say something and people think you’re mad or that you don’t make sense, and to me that’s very frightening. [...] So the Tower of Babel is, I think, every immigrant’s nightmare”.



a língua falada no país hospedeiro torna-se um meio de sobrevivência (KAMINSKY, 1999, p. 70-71).

Assim como Carlos García percebe-se humilhado por não conseguir se comunicar em inglês nos Estados Unidos, suas filhas também passam por experiências semelhantes. No capítulo “Trespass” [Ofensa], no qual Carla García, a filha mais velha, é a protagonista, ter o domínio da língua desempenha um papel crucial para a adaptação no país hospedeiro e o convívio com os habitantes locais, já que ela se sente marcada por sua inabilidade de compreender e conseguir se expressar em inglês. A percepção dessa dificuldade faz com que ela também passe a comparar a vida pós-novo-idioma com a vida até então passada em espanhol.

Nesse capítulo, há a descrição do episódio em que Carla caminha da escola para casa e é abordada por um homem, nu da cintura para baixo, que a chama de dentro do seu carro. Em um primeiro momento, Carla evita a aproximação, temendo que ele lhe perguntasse alguma informação que ela não conseguiria responder. Na verdade,

Carla morria de medo de que alguém pedisse uma informação a ela, uma vez que tinha se mudado para essa área um pouco antes das aulas começarem, e tudo que sabia com certeza era o caminho do ponto de ônibus para casa. Além disso, seu inglês ainda era apenas um inglês de sala de aula, uma língua estrangeira.<sup>49</sup> (ALVAREZ, 1992b, p. 156).

Junto à sua incapacidade de fornecer apenas uma simples informação, justificada pela falta de vocabulário, há a percepção da sua condição de deslocada, confirmada pela seguinte constatação: “Ela odiava ter que admitir isso, visto que tal admissão provava, sem dúvida, o argumento da gangue de meninos de que ela não pertencia”<sup>50</sup> (ALVAREZ, 1992b, p. 156). A asserção de Kaminsky (1999, p. 58) de que “[...] a língua fornece o meio para

---

<sup>49</sup> “Carla dreaded being asked directions since she had just moved into this area right before school started, and all she knew for sure was the route home from the bus stop. Besides, her English was still just classroom English, a foreign language”.

<sup>50</sup> “She hated having to admit this since such an admission proved, no doubt, the boy gang’s point that she did not belong”.

estabelecer assim como recuperar o sentido de lugar”<sup>51</sup> comprova que Carla precisaria dominar a língua local para que seu sentimento de deslocamento fosse atenuado. Enquanto não conseguisse se comunicar com os falantes locais e não se sentisse segura diante dos contatos verbais, seu desejo de ser aceita não se realizaria, pois o indivíduo toma consciência do seu pertencimento quando o mundo que o cerca lhe é familiar. Dominar a língua possibilita reconhecer esse mundo e, portanto, diminuir a distância entre o que é desconhecido e o que é próximo. Arrisco afirmar que, diferentemente do imigrante adulto, a criança pretende, de fato, se adaptar ao novo ambiente. Parte de um desenvolvimento saudável e sem traumas pode se dar pela inserção da criança nos grupos sociais, através de sua adaptação e da aceitação do grupo.

Para Carla o mal-estar não termina no contato com o homem na rua. Quando chega em casa ela revela à mãe o que havia presenciado e, em seguida, também relata a dois policiais o ocorrido. Novamente, sente-se sozinha e desamparada pois percebe que “[n]ão havia maldade nessa cara, nem tampouco bondade. Nenhum reconhecimento da dificuldade que ela estava sentindo ao tentar descrever o que havia visto com o seu minúsculo vocabulário de inglês”<sup>52</sup> (ALVAREZ, 1992b, p. 162). Carla atribui a sua falta de vocabulário ao fato da família ter se mudado para os Estados Unidos antes que essas habilidades lingüísticas fossem formalmente desenvolvidas na língua materna: “Eles tinham vindo para esse país antes que ela chegasse na puberdade em espanhol, assim muitas das palavras-chave que teria aprendido no último ano, não aprendera”<sup>53</sup> (ALVAREZ, 1992b, p. 163). Essa passagem alude a questões importantes relativas à condição do exilado. Embora não poder falar a língua naquele momento fosse devastador para Carla e, portanto, sua incapacidade produzisse muita angústia e vergonha, parece que a menina se vale de tal deficiência para justificar uma outra

---

<sup>51</sup> “[...] language provides the means to establish as well as to recover a sense of place”.

<sup>52</sup> “There was no meanness in this face, no kindness either. No recognition of the difficulty she was having in trying to describe what she had seen with her tiny English vocabulary.”

<sup>53</sup> “They had come to this country before she had reached puberty in Spanish, so a lot of the key words she would have been picking up in the last year, she had missed.”

incompetência sua, que é a de não conseguir lidar com a transformação física e os novos desafios relacionados à adolescência, já que seu corpo estava passando por alterações comuns entre meninas nessa faixa etária. Ao tentar descrever para os policiais o que ela havia visto, percebe-se o quanto ela ficara abalada:

A visão dos poucos cabelos escuros do homem deixara-a enojada. Lembrou dos pêlos escuros brotando nas suas próprias pernas, das mudanças acontecendo em segredo no seu corpo, transformando-a em uma dessas pessoas adultas. Não é de se admirar que os meninos, de voz aguda e com rostos macios e sem pêlos, odiavam-na. Eles conseguiam perceber que seu corpo já a traía.<sup>54</sup> (ALVAREZ, 1992b, p. 162).

A imagem do cabelo/pêlo ou falta dele é simbólica nessa passagem, uma vez que no corpo dela a sua presença está ligada à transição pela qual está passando. Agora que é uma adolescente, os pêlos nas pernas começam a aparecer e a denunciar que aquele corpo não é mais o de uma menina. A presença deles em Carla contrasta com a calvície do assediador e com a falta de pêlos faciais dos colegas de escola, o que no caso dos meninos, especialmente, revela a diferença no desenvolvimento emocional e físico descompassado dos adolescentes. Isso também remete à falta de vocabulário de Carla que não se lembrava da expressão que designa “careca” em inglês, o que a leva a descrevê-lo de forma ambígua: “Ele tinha quase nada na cabeça”<sup>55</sup> (ALVAREZ, 1992b, p. 161). Somada a isso, há a falta de sensibilidade tanto da mãe quanto do policial para a falta de vocabulário de Carla. Laura, falante fluente de inglês, e o policial, falante nativo do idioma, são insensíveis para perceber a incapacidade lingüística da menina para descrever o que havia acontecido, com descrições, termos, frases precisas e objetivas. Tanto um quanto o outro não perceberam a dimensão do sofrimento psicológico que tal situação poderia provocar, uma vez que Carla ainda é uma pré-adolescente

---

<sup>54</sup> “The sight of the man’s few dark hairs had disgusted her. She thought of her own legs sprouting dark hairs, of the changes going on in secret in her body, turning her into one of these grownup persons. No wonder the high-voiced boys with smooth, hairless cheeks hated her. They could see that her body was already betraying her”.

<sup>55</sup> “He had almost nothing on his head”.

de sétima série do ensino fundamental e uma situação de assédio como esta pode gerar traumas sérios e com conseqüências irreversíveis para a sua vida adulta.

Em um outro capítulo do romance *García Girls*, intitulado “Floor Show” [O show], Alvarez descreve uma situação em que toda a família García havia sido convidada para jantar com os Fannings, um casal de amigos norte-americanos, no restaurante espanhol *El Flamenco*. Espanhol era a língua falada ali, o que leva Carlos a prevenir as meninas de que “[...] [o] espanhol não era uma língua secreta nesse lugar”<sup>56</sup> (ALVAREZ, 1992b, p. 176) e, por conseguinte, os outros clientes poderiam entendê-los. O fato da família não poder e/ou dever falar a sua língua naquele ambiente gera uma situação inusitada já que, de certa forma, a situação se reverte. Desde a chegada da família aos Estados Unidos, eles podiam falar sua língua materna com total liberdade, tanto em termos de volume quanto de conteúdo, uma vez que não eram compreendidos pela maioria das pessoas. Porém, no restaurante, o espanhol volta a ser a língua da esfera pública e, daquele momento em diante, as meninas precisam prestar atenção ao que estavam dizendo.

Nesse capítulo, a filha que se destaca é Sandra. Em uma determinada hora durante o jantar, ela acompanha a Sra. Fanning ao toalete. Lá, ao se olhar no espelho e ver uma menina bonita, reflete: “Por ser bonita, ela não teria que voltar para o lugar de onde veio. O belo falava as duas línguas. O belo pertencia a esse país [...]”<sup>57</sup> (ALVAREZ, 1992b, p. 182). Essa constatação aponta para duas questões importantes que dizem respeito à identidade de Sandra: língua e aparência. Tanto um quanto outro são marcas que separam e diferenciam os indivíduos de um dado local dos estrangeiros. Ambas evidenciam quem é o sujeito e quem é o “outro” em uma sociedade. Quem está no comando e quem é comandado. Quem pertence e quem fica à margem.

---

<sup>56</sup> “[...] Spanish was not a secret language in this place”.

<sup>57</sup> “Being pretty, she would not have to go back to where she came from. Pretty spoke both languages. Pretty belonged in this country [...]”.

Vê-se nessa reflexão a importância que o domínio das duas línguas possui para Sandra. Através da sua percepção, apenas as pessoas bonitas falavam as duas línguas. Será então que Sandra só achava os norte-americanos bonitos e, então, apenas eles falavam as duas línguas? Será que sua família, que não tinha traços anglo-americanos e que não era fluente nas duas línguas, não pertencia àquele lugar? Parece que, para Sandra, beleza e poder são dois atributos que se associavam. Desse modo, o indivíduo que apresenta traços belos e estereotipicamente “norte-americanos”, como pele, cabelos e olhos claros, poderia dominar uma língua estrangeira e, conseqüentemente, pertencer aos Estados Unidos e possuir o direito de permanecer ali. Para a menina, os indivíduos que fisicamente se aproximam dos latino-americanos e não são fluentes no inglês, neste caso, estariam excluídos desse universo. Percebe-se um sentimento de deslocamento, de não-pertencimento e vergonha das suas origens, mas, ao mesmo tempo, um claro desejo de fazer parte daquele mundo. Ela quer se identificar com aquelas pessoas, já que fisicamente possui traços semelhantes. Ao se olhar no espelho e se achar bonita, parece encontrar a senha para os sentimentos de pertencimento e aceitação almejados por muitos estrangeiros. É importante ressaltar que de sua família, Sandra é a que mais apresenta traços similares aos do povo norte-americano, com pele clara, olhos azuis e cabelos loiros, conforme descrição da mãe, “[...] Sandi herdou os belos traços, olhos azuis, pele lisa e delicada, como pêssego [...]”<sup>58</sup> (ALVAREZ, 1992b, p. 52). Por essa razão, ela imagina-se pertencente mais aos Estados Unidos do que o restante de sua família, que fisicamente difere desse estereótipo. Na verdade, Sandra é uma personagem duplamente deslocada, porque fisicamente ela pertence a um lugar, a um grupo, mas original e psicologicamente a outro. Essa situação torna-se ambígua, já que a “diferente” Sandra sempre se destacara em meio à sua família e, portanto, queria “[...] ser mais morena como suas irmãs”<sup>59</sup> (ALVAREZ, 1992b, p. 52). Para pertencer à República Dominicana e se identificar

---

<sup>58</sup> “[...] Sandi got the fine looks, blue eyes, peaches and ice cream skin [...]”.

<sup>59</sup> “[...] wanted to be darker complected like her sisters”.

com a sua família, ela queria ter feições mais morenas, mas nos Estados Unidos, isso se inverte já que as pessoas são mais claras como ela, gerando uma sensação de conforto e pertencimento.

Percebemos aqui que a necessidade que Sandra tem de se parecer fisicamente com os norte-americanos indica uma falta de identificação com os seus próprios pares. Ela quer ter a mesma aparência daqueles que considera superiores. Parece estar perdida em relação à sua identidade e aos seus parâmetros de beleza. Paula Moya (2001, p. 101) esclarece que “[...] as específicas características morfológicas visíveis que carregamos em nossos corpos têm muito a ver com a maneira como somos tratados, como vemos e avaliamos os outros, como passamos a interpretar o mundo social, e, finalmente, com quem nos identificamos”.<sup>60</sup>

Ao observar como seus pais se comportavam durante o jantar, como se os Fannings estivessem fazendo um favor ao convidá-los para estarem ali; ao presenciar seu pai sendo beijado pela esposa do colega e olhar para baixo sentindo-se envergonhado e inferiorizado; assim como através da postura da mãe de não permitir que elas repetissem a comida, tampouco aceitassem as bonecas presenteadas pela Sra. Fanning, e por seu pai não ter condições financeiras de ter “[...] a honra de pagar”<sup>61</sup> (ALVAREZ, 1992b, p. 189), Sandi “[...] sentiu-se superior aos seus pais: ela conseguia perceber que eles eram pessoas insignificantes comparadas a esses Fannings”<sup>62</sup> (ALVAREZ, 1992b, p. 184). Essa noite vivenciada por Sandi remonta ao texto de Richard Rodriguez (1996, p. 43), “Aria: A Memoir of a Bilingual Childhood” [Ária: memória de uma infância bilíngüe], quando o autor se refere ao inglês precário de seus pais: “Era desconcertante ouvir meus pais lutarem com o inglês. Ao ouvi-los,

---

<sup>60</sup> “[...] the particular visible morphological characteristics we carry around on our bodies have a great deal to do with how we are treated, how we see and evaluate others, how we come to interpret the social world, and, ultimately, whom we identify with”.

<sup>61</sup> “[...] the honor of paying”.

<sup>62</sup> “[...] felt beyond either of her parents: she could tell that they were small people compared to these Fannings”.

eu ficava nervoso, e minha confiança, que se agarrava à proteção e poder deles, diminuía”.<sup>63</sup> Embora Rodriguez faça referência exclusivamente ao fato de seus pais não serem muito fluentes e, em consequência disso, ele se sentir inseguro em relação à competência deles no papel de pais – proteger, prover, ensinar – e, também por duvidar se eles conseguiriam viver em um lugar de idioma estrangeiro, essa passagem reflete justamente o mesmo sentimento de Sandra, uma vez que ela se sentiu envergonhada não só pela falta de competência lingüística, em especial de seu pai, mas também por se achar inferior aos Fannings financeira e socialmente. Em resumo, Sandra personifica o sujeito em busca de pertencimento, através da semelhança física, social, financeira e lingüística.

No exílio, a presença do indivíduo estrangeiro é percebida de diversas formas. Se, por um lado, há as dificuldades reais do dia-a-dia no que concerne às diferenças culturais, lingüísticas e sociais, por outro, e de igual valia, deve-se refletir sobre uma questão mais subjetiva que diz respeito à influência que o estrangeiro/imigrante exerce sobre essas pessoas que convivem com eles. Se, em um primeiro momento, volta-se o olhar para as implicações práticas e palpáveis da presença do estrangeiro na sociedade hospedeira, em um segundo, através de pequenos e quase imperceptíveis gestos de colaboração e boa convivência, e também do partilhamento com seus “hóspedes” de diferentes visões de mundo, laços afetivos são construídos e fortalecidos, sejam eles fundamentados nas diferenças culturais, lingüísticas e étnicas, ou mesmo nas afinidades e semelhanças por gênero, idade, profissão e experiência de vida.

O romance *¡Yo!*, que dá continuidade à saga da família García, elabora as diferentes maneiras pelas quais a filha Yolanda, já adulta, interage com determinados indivíduos nos Estados Unidos e na República Dominicana. Nesse momento, meu foco é apenas analisar aquelas passagens em que as relações ocorreram no exílio. O texto é uma

---

<sup>63</sup> “It was unsettling to hear my parents struggle with English. Hearing them, I’d grow nervous, and my clutching trust in their protection and power would be weakened”.

coletânea de dezesseis histórias, divididas em capítulos, sobre episódios vivenciados por Yolanda e narradas a partir do ponto de vista das pessoas que interagem com ela. Essas interações ocorrem em diversos níveis, seja em um relacionamento amoroso, acadêmico ou meramente de negócios. Primeiramente, o que salta aos olhos do leitor é como se dá a construção da personagem através da memória das pessoas. Segundo Claire Messud (1997, p. 9), “[o] romance dedica-se (com êxito) ao retrato tri-dimensional totalmente preenchido de Yolanda García. Mas chega a esse retrato através de vozes de homens e mulheres que aparecem apenas brevemente e que, em alguns momentos, têm uma ligação sutil com seu foco”.<sup>64</sup> Através dessas visões fragmentadas, permeadas por diferenças culturais, sociais e econômicas, chega-se a uma Yolanda que, na maioria das vezes, se mostra superficial, arrogante, insegura, egoísta e prepotente. Já de início, no prólogo, há a reação de suas irmãs em relação ao livro que Yolanda acaba de publicar. Suas personagens se espelham na sua família, o que revolta suas irmãs. A mais nova, Sofía, desabafa: “Sinto como se toda a minha vida estivesse perdendo espaço para a ficção”<sup>65</sup> (ALVAREZ, 1997, p. 5). Para a família de Yolanda, sua escrita representa uma superexposição de cada membro. Mesmo sabendo que é ficção, que vários fatos são criados e ressignificados, eles se vêem e se identificam com o texto e sentem que Yolanda está tentando se vingar da família, uma vez que ela própria não tem a “sua” família (marido e filhos). Sofía conclui: “Mas sei que o que mais a machuca é ser deixada de fora de uma história de família”<sup>66</sup> (ALVAREZ, 1997, p. 11).

No entanto, é relevante pontuar aqui outro fator que marca o mal-estar da família García em relação ao livro de Yolanda. É possível afirmar que Yolanda vive um outro exílio que se dá no âmbito familiar. Ela destoa do resto da família, porque resolve trilhar um caminho muito diferente do que aquele esperado e cristalizado na tradição latino-americana.

---

<sup>64</sup> “The novel is (successfully) devoted to the fully shaded, three-dimensional portrait of Yolanda García. But it achieves this portrait through the voices of men and women who appear only briefly and who, in some instances, have but a tenuous connection to their focus”.

<sup>65</sup> “I feel like my whole life is losing ground to fiction”.

<sup>66</sup> “But I know what hurts her most is to be left out of a family story”.



Yolanda escolhe uma trajetória pouco comum para mulheres acostumadas aos ofícios domésticos. Ela escolhe ter uma profissão, e não uma profissão tradicionalmente feminina, mas uma que é reveladora, desafiadora e bastante incômoda: a de escritora. De acordo com David T. Mitchell (1999, p. 170-171), “[...] as experiências de Yolanda nos Estados Unidos forneceram a ela um contexto politizado de consciência de classe que perturba o estilo de vida antes naturalizado dominicano da família”.<sup>67</sup> Desse modo, o incômodo sentido pelos García passa pela exposição a que Yolanda não se furta e que resulta de uma escrita que desvela os aspectos obscuros, mal-explicados, mal-elaborados, que a família pretende deixar de lado, adormecidos e intatos. Ao ficcionalizar a família, ela traz à tona segredos e verdades que as famílias normalmente escondem em nome da auto-preservação e sobrevivência.

A afirmação do poeta egípcio, naturalizado francês, Edmond Jabès (1993, p. 1), “[o] estrangeiro te permite ser você mesmo ao te tornar um estrangeiro”,<sup>68</sup> aponta para uma forte identificação que os indivíduos do país hospedeiro passam a ter com os estrangeiros. Ao compararmos os indivíduos nascidos em um determinado local com os estrangeiros, podemos perceber nitidamente quem é quem, já que o segundo grupo destaca-se pelo não-pertencimento, pela não-identificação, pela diferença. Quando o olhar se desloca e os indivíduos “pertencentes” ao local passam a olhar os estrangeiros como “seres humanos” iguais a eles, a identificação se concretiza porque tanto os membros de um grupo quanto os membros do outro ficam suscetíveis a adversidades. Há a constatação de que os dois grupos podem estar em situações desvantajosas ou inferiores, dependendo onde se encontram. Esse lugar deixa de ser exclusivamente do “outro”, do marginal, do diferente. É uma condição transitória também pois os papéis podem se inverter devido aos contextos nos quais se encontram.

Segundo Craig Storti (1990, p. 93-94),

---

<sup>67</sup> “[...] Yolanda’s experiences in the United States provide her with a politicized context of class consciousness that troubles the family’s once naturalized Dominican lifestyle”.

<sup>68</sup> “The foreigner allows you to be yourself by making a foreigner of you”.

[L]ogo que começamos a compreender a cultura, no entanto, aprendemos o que é apropriado e o que não é, e, conseqüentemente, aprendemos a liberar nossos instintos e nossa personalidade. O alívio que sentimos é enorme, e as pessoas locais, não por acaso, acham muito mais fácil estarem conosco. [...] Os indivíduos nativos sofrem uma metamorfose semelhante logo que começamos a compreender a sua cultura: ou seja, eles também se tornam si mesmos. Eles foram sempre assim, claro, mas não conosco. Até que conheçamos uma cultura local razoavelmente bem, não podemos ter certeza, ao lidar com os indivíduos, quais dos seus comportamentos são comandados pela cultura e quais são peculiares a eles enquanto indivíduos.<sup>69</sup>

A fala de Storti reflete o processo de reconhecimento do “outro” que só ocorre em movimento, podendo ser notado a partir da expressão “metamorfose”, que apontaria para o transitório de toda relação entre estrangeiros e nativos. Tal reconhecimento é uma via de mão dupla porque é no contato com o estrangeiro que o nativo toma consciência de um outro lado de si mesmo, até então não percebido graças aos preconceitos, encobridores da alteridade. É relevante também lembrar que ao considerarmos que identidade é algo que conferimos ao outro, partindo sempre de um olhar subjetivo, na visão do estrangeiro, a identidade dos nativos é fixa e imutável, ou seja, eles sempre foram dessa maneira. Logo, o estrangeiro não consegue perceber as “metamorfoses” pelas quais os nativos também passam. As referências feitas aqui à condição dos “indivíduos nativos” como vantajosa ou superior apontam para o sujeito nascido e situado na sociedade norte-americana que acredita estar em um nível acima das demais sociedades, principalmente daquelas exportadoras de maior número de imigrantes ilegais, como os países latino-americanos e africanos.

Ao longo de *¡Yo!*, há um deslocamento do olhar. Outras personagens, menos íntimas de Yolanda, passam a narrar suas experiências também. As duas passagens escolhidas para serem analisadas aqui ilustram um certo poder “social” exercido por Yolanda que

---

<sup>69</sup> “Once we begin to understand the culture, however, we learn what is appropriate and what is not and accordingly release our grip on our instincts and let our personalities loose. The relief we feel is enormous, and the local people, not incidentally, find it much easier to be with us. [...] The natives undergo a similar metamorphosis once we begin to understand their culture: that is, they too become themselves. They have been that all along, of course, but not to us. Until we know the local culture reasonably well, we can never be sure, in our dealings with individuals, which behaviors of theirs are mandated by the culture and which are peculiar to them as individuals”.

acarreta a mudança de algum aspecto das vidas desses indivíduos, e que, conseqüentemente, aproxima a personagem das pessoas que, à primeira vista, estão distantes dela histórica, social e culturalmente. Essa constatação chega a ser surpreendente e até mesmo irônica, porque quando crianças e adolescentes, após o deslocamento para o exílio, Yolanda e suas irmãs se sentiam bastante inferiorizadas e humilhadas. Essa mudança, tanto no sentimento de não-pertencimento quanto na postura de imigrantes, forte na adolescência das meninas, toma uma outra dimensão quando elas se tornam adultas porque além do longo tempo de permanência nos Estados Unidos, elas desenvolveram uma vida bastante similar à vida de qualquer indivíduo daquele lugar. Não afirmo, com isso, que elas assimilaram totalmente a cultura norte-americana e que os questionamentos ou incertezas acerca de questões como identidade e pertencimento, por exemplo, desapareceram. Apenas pondero que, mesmo havendo diferenças físicas e culturais, elas buscaram encontrar um caminho mais equilibrado, onde cabe uma negociação entre esses diferentes lugares e elas mesmas.

O primeiro exemplo é o da interação entre Yolanda e a proprietária do apartamento que aluga, Marie Beaudry, descrito no capítulo “The landlady – confrontation” [A proprietária – confronto]. Nos contatos iniciais, Yolanda desperta suspeita e estranhamento. Ela personifica o novo, o diferente, o inusitado. Entretanto, à medida que Yolanda se mostra interessada e disponível, esse sentimento se transforma em respeito, confiança e convivência. Marie passa a ver Yolanda menos como estrangeira e mais como mulher. Há uma aproximação entre elas baseada na semelhança de gênero. Elas falavam a mesma “língua”, elas se identificavam nos questionamentos, desejos, expectativas que são específicos do gênero feminino. E aí podemos pensar na maternidade, nas mudanças hormonais, nas relações pessoais e profissionais com os homens em uma sociedade dominada por eles. A interação entre Yolanda e a proprietária inicia-se com a primeira ida de Yolanda à casa que está para ser alugada. Logo no início do capítulo, há a primeira identificação que

funciona como uma forma de quebrar a barreira entre essas duas “estranhas”. Quando Yolanda afirma que gosta de casas antigas, a proprietária observa: “Estou gostando muito mais dela, então eu revelo um pouco da verdade. ‘[Eu] não moraria em nenhum outro lugar’”<sup>70</sup> (ALVAREZ, 1997, p. 153). Deixar “vazar” um pouco de verdade aponta para uma confiança que se constrói entre elas. Através de um comentário banal, a proprietária vê em Yolanda não só gosto semelhante, mas uma conexão. A narrativa surpreende porque, nesse primeiro momento, em que Marie está mostrando a casa para a inquilina em potencial, ela recorda episódios vivenciados naquele lugar e começa a dar um novo sentido para eles. São lembranças de uma vida conjugal com um homem agressivo, que não só a agredia verbal e fisicamente, como também se relacionava com outras mulheres e abusava sexualmente da filha. Lembranças do que ela poderia ter sido, constatações de toda uma relação abusiva, desrespeitosa e opressiva. Uma das primeiras perguntas que Yolanda lhe faz a respeito da casa: “Você foi feliz aqui?”<sup>71</sup> (ALVAREZ, 1997, p. 154) soa a princípio como peculiar e indiscreta, mas ultrapassa a peculiaridade para desencadear um processo de retomada do passado, elaboração e construção de novos sentidos. As presenças de Yolanda e de uma amiga, Tammy, nas imediações da casa, somadas a pequenas coisas que elas fazem como, por exemplo, jogar um pózinho no jardim, com a justificativa de que serve para proteger o lugar, fortalecem Marie e deixam-na mais segura e amparada. De alguma maneira, elas mostram a Marie que há um outro mundo além daquele no qual ela vive e conhece e em que, até esse encontro, havia se fechado. Embora ela tenha vergonha de interagir com Yolanda e a amiga, como também de participar de atividades sociais da cidade, dada sua aparência física, mais de vinte quilos acima do peso, e seu baixo nível escolar, ela reconhece como sua vida mudou com a chegada dessas mulheres, conforme ela revela:

---

<sup>70</sup> “I’m liking her a lot more, so I leak out a little of the truth. ‘Wouldn’t live anywhere else myself’”.

<sup>71</sup> “Has this been a happy place for you?”.

A verdade é que elas estão aqui há apenas duas semanas e sabem de coisas sobre a cidade que eu nunca soube. Sempre recuso [os convites], porque imagino que vou apenas me sentir mais gorda e mais ignorante perto de toda aquela gente da faculdade. Mas só de pensar que posso fazer outras coisas além de ansiar impacientemente por Clair me faz sentir melhor do que me sinto há anos. [...] E não sei se são os pós mágicos ou apenas o fato dessas garotas estarem por aqui há duas semanas, mas eu me dou conta de que tenho uma boca.<sup>72</sup> (ALVAREZ, 1997, p. 157-158).

Marie começa a reagir ao marido violento e percebe que, quando Yolanda vai embora incomodada com as brigas do casal, ela já está ligada a essa mulher estrangeira, sozinha e diferente: “Algumas vezes ela fica fora a noite toda, e fico acordada no sofá-cama ou na cadeira de balanço no quarto da Emily e da Dawn, apenas esperando pelo barulho daquele Toyota, como se a minha vida dependesse da volta dela para casa”<sup>73</sup> (ALVAREZ, 1997, p. 160). Embora Marie chegue a ter uma recaída e aceite a volta do marido, a história caminha para um desfecho surpreendente, desencadeado por Yolanda. Primeiro Yolanda demanda de Marie uma reação por Clair ter destruído seus textos. Posteriormente, Yolanda revela a ela que Clair molesta sexualmente a filha deles. As palavras de Yolanda: “Você merece coisa melhor, você sabe disso”<sup>74</sup> (ALVAREZ, 1997, p. 166), e “Marie, você tem que acordar. Converse com a sua filha Dawn”<sup>75</sup> (ALVAREZ, 1997, p. 168) – cada vez mais falam ao coração de Marie. Ela passa a perceber a importância de uma mudança concreta na sua postura em relação ao marido. Por suas filhas, ela precisa quebrar a dominação de Clair, como ela mesma afirma: “De vez em quando eu me sinto pra baixo, imaginando como vou continuar seguindo, mas tudo que preciso fazer é passar pelo quarto das meninas e ganho mais gás”<sup>76</sup> (ALVAREZ, 1997, p. 168). Percebe-se, em muitos casos, que as mulheres permanecem

---

<sup>72</sup> “Truth is, they’ve only been here two weeks and know things about this town I never knew. I always say no, cause I figure I’ll just feel fatter and more ignorant around all those college people. But just thinking I can do things besides hankering after Clair makes me feel the best I’ve felt in years. [...] And I don’t know if it’s the magic powders or just having those girls around two weeks now, but I find I have a mouth”.

<sup>73</sup> “Sometimes she stays away all night, and I lie awake on the sofa bed or in the rocker in Emily and Dawn’s room just waiting for the sound of that Toyota like my life depended on her coming back home”.

<sup>74</sup> “You deserve better, you know”.

<sup>75</sup> “Marie, you’ve got to wake up. Talk to your Dawn”.

<sup>76</sup> “Every once in a while I get this sinking feeling, wondering how I’m going to keep going, but all I got to do is pass by the girls’ bedroom and I get new gasoline”.

em relacionamentos altamente destrutivos e violentos por causa dos filhos, neste caso são os próprios filhos que assumem o papel de fortalecer e assinalar constantemente a urgência em romper um paradigma relacional negativo. Não se pode deixar de enfatizar aqui novamente que, embora Marie se apegue às filhas para dar conta da sua atitude e justificá-la, a presença de Yolanda é essencial para o desencadeamento dessa percepção. Em algumas passagens, Marie usa uma imagem bastante hiperbólica para descrever a maneira pela qual Yolanda influencia seu modo de ver: “[...] é como se ela tivesse me virado de cabeça para baixo e lançado meu coração para fora da minha boca”<sup>77</sup> (ALVAREZ, 1997, p. 168). Assim, é possível pensar que o mais relevante não é o fato de Marie não querer conviver mais com Clair, mas sim o de conseguir perceber a possibilidade de viver sem ele e, ao mesmo tempo, de poder ser um indivíduo autônomo, com vontade própria, desvinculado de uma relação doentia e cega.

Se, à primeira vista, a identificação inicial entre membros do mesmo grupo, seja ele étnico, racial ou mesmo geográfico, isto é, pessoas com o mesmo passado cultural, mesmas experiências, mesma língua, soa como um comportamento mais natural, é justamente o contato com o estrangeiro que desperta uma outra forma de identificação, pautada na diferença. É na percepção do “outro” que o “eu” acaba voltando o olhar sobre si e se questionando. Em “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”, Jacques Lacan (1996, p. 255) indaga: “[q]ual é pois esse outro a quem sou mais ligado que a mim, visto que no seio mais consentido de minha identidade a mim mesmo, é ele quem me agita?”. Essa questão pode nos ajudar a entender o incômodo e a metamorfose em Marie que só foi possível graças ao contato com Yolanda, a ponto de Marie temer a sua própria transformação. A narradora nos informa, quando decide abandonar o marido e arrumar um emprego, sobre a reação de Yolanda: “Agora ela está olhando direto para mim como se estivesse tentando

---

<sup>77</sup> “[...] it’s like she’s turned me upside down and shook my heart out of my mouth”.

entender se eu tenho isso em mim. E me amedronta muito ver que ela acredita em mim”<sup>78</sup> (ALVAREZ, 1997, p. 167). Quando Marie percebe que Yolanda aposta nela, ou seja, que o “outro” acredita que ela é forte o suficiente para sair dessa situação, sua visão sobre esse “outro” se transforma. Há agitação, mas há também confiança. E essa confiança tem um *status* duplamente significativo porque passa pela não-semelhança cultural entre elas, demonstrando que esse contato dos indivíduos do país hospedeiro com o estrangeiro e sua transformação dão-se da maneira teorizada por Storti (1990, p. 94):

Logo que nos deparamos com outro parâmetro de referência, no entanto, começamos a ver o que nunca conseguimos antes. Quando percebemos o comportamento incomum de um estrangeiro, estamos naquele momento percebendo nosso próprio comportamento também. Somente percebemos uma diferença (algo incomum) com referência a uma norma ou padrão (o comum), e essa norma a qual nos referimos é invariavelmente nosso próprio comportamento. Por isso, é que é através do contato diário com os costumes e hábitos de pessoas de uma cultura estrangeira, que nossa atenção fica repetidamente focada em nossos próprios costumes e hábitos; que ao encontrar outra cultura, nós, simultaneamente e pela primeira vez, encontramos a nossa própria.<sup>79</sup>

O confronto entre o “eu” e esse “outro” que suscita tantos sentimentos contraditórios e intrigantes aparece novamente em um outro capítulo, intitulado “The Student – variation” [O aluno – uma variação]. O contato de Yolanda com um aluno de produção de texto, Lou Castellucci, passa por um viés bastante singular. Se, por um lado, Lou matricula-se nessa disciplina com a intenção de chamar a atenção de uma moça, Penny Ross, por quem ele é apaixonado desde os tempos do colegial, por outro, se revela um aluno interessado por literatura e um escritor digno de ser plagiado pela própria professora e incentivadora. Através do suporte de Yolanda, durante suas aulas, e do retorno dos textos corrigidos, percebe-se que

---

<sup>78</sup> “Now she’s looking straight at me like she’s trying to figure out if I got it in me. And it scares me half to death to see she believes me”.

<sup>79</sup> “Once we encounter another frame of reference, however, we begin to see what we never could before. When we notice the unusual behavior of a foreigner, we are at that moment noticing our own behavior as well. We only notice a difference (something unusual) in reference to a norm or standard (the usual) and that norm we refer to is invariably our own behavior. Thus it is that through daily contact with the customs and habits of people from a foreign culture, our attention is repeatedly focused on our own customs and habits; that in encountering another culture, we simultaneously and for the first time encounter our own”.

Lou passa de um aluno inseguro e despreparado, cujos textos não passam de imitações de histórias para a televisão e cinema, para um escritor em potencial e mais confiante em si, conforme a passagem a seguir:

Lou tinha finalmente dominado esse jogo de história, e ele estava em uma onda de vitória agora. Escrevia história atrás de história, essa tal de Yo estava tratando isso quase como um Hemingway ou algo parecido. Os garotos da turma devolviam suas histórias com aqueles desenhos de carinhas sorrindo, mencionando que essa ou aquela parte estava bem legal.<sup>80</sup> (ALVAREZ, 1997, p. 173).

O incentivo da professora aliado à aceitação dos colegas faz com que Lou se sinta à vontade para escrever sobre assuntos mais pessoais e delicados. De histórias fictícias, corriqueiras, caracterizadas por temas banais, Lou finalmente aborda um assunto que parecia ser um fantasma em sua vida: o fato de seu pai biológico ter deixado sua casa e de ter sido então criado pelo tio Harvey, que, na realidade, era o namorado de sua mãe. A coragem para abordar esse tema surge com um *feedback* de Yolanda: “[...] as histórias são pessoais”<sup>81</sup> (ALVAREZ, 1997, p. 172, grifo da autora). Isto é, Yolanda incita-o a escrever sobre tópicos ligados à sua própria vida, assuntos que ele conhecia, dominava e não apenas temas inventados. Essa recomendação de Yolanda nos remete tanto ao seu próprio processo de escrita como o da autora Julia Alvarez. Afinal, ao dar vida à professora Yo, Alvarez está escrevendo sobre a sua experiência também como professora e escritora. Através dessa passagem, por exemplo, é possível perceber claramente o entrelaçamento da vida da escritora com a de sua personagem, característica marcante da obra de Alvarez. Suas personagens refletem não só suas próprias experiências, como também seus valores, posicionamentos, questionamentos e angústias. Essa passagem, portanto, reforça a opinião da crítica de que Yolanda seria o *alter ego* da autora, como será discutido adiante.

---

<sup>80</sup> “Lou had finally gotten the hang of this story game, and he was on a wining streak now. Story after story he wrote, this Yo lady was treating it like Hemingway in the rough or something. Kids in class returned his stories with smiley faces, going on and on about how this or that part was really awesome”.

<sup>81</sup> “[...] stories are personal”.



Ao seguir as recomendações passadas por Yolanda sobre o processo da escrita, Lou é levado a perceber que

[...] o incrível era que você podia escrever uma história sobre perda e sentir como se tivesse ganhado. E uma outra coisa ele tinha aprendido ao escrever essas histórias. Tinha que se expor mais. Afinal, havia se arriscado com esse curso, e tinha sido bem legal. Ele iria convidar essa tal de Penny para jantar, e se ela estivesse saindo com outra pessoa, tudo bem, mas ainda assim a convidaria. Aceitaria o emprego que haviam oferecido a ele, mesmo que não fosse em uma empresa importante da qual seus amigos tivessem ouvido falar.<sup>82</sup> (ALVAREZ, 1997, p. 174).

A escrita transforma Lou. Ele descobre que ela é capaz de proporcionar sentimentos que lhe conferem poder, confiança, coragem. Se, por um lado, ele se arriscou ao optar por uma disciplina que fosse de uma outra área que não a de seu curso de ciência da computação, por outro, ele escolhe justamente uma matéria que trabalha com a linguagem. Interessante pensar que embora uma disciplina de produção de texto não seja uma matéria diretamente relacionada ao curso de ciência da computação, ao optar por fazê-la, e ser bem sucedido nela, Lou descobre as diversas outras possibilidades que o mundo da linguagem pode lhe oferecer. Associado a esse novo horizonte que a escrita lhe proporciona, ele, ao escrever, também passa a sentir a mesma satisfação propiciada pelo esporte. Para Lou: “Escrever era o novo jogo que ele queria aprender a jogar”<sup>83</sup> (ALVAREZ, 1997, p. 171).

O primeiro contato entre Lou e Yolanda é meramente acadêmico: ele não passa de um aluno que descobre seu potencial para a escrita, e ela, uma professora que está à procura de estabilidade profissional. Ao longo do texto, entretanto, percebe-se que a vida de Lou toma um rumo pouco glamouroso. Embora tenha conseguido casar-se com Penny, sua vida profissional não seguiu o curso esperado, e seu casamento perdeu o sentido. A mudança

---

<sup>82</sup> “[...] the amazing thing was you could write a story about losing and feel like you’d won. And one other thing he had learned writing these stories. He had to put himself out there more. After all, he’d taken a chance with this course, and it had been pretty terrific. He would ask this Penny girl out to dinner, and if she was dating someone else, let her up and say so. He would take the job he’d been offered even if it wasn’t a big-time company his friends had heard of”.

<sup>83</sup> “Writing was the new game he wanted to learn to play”.

decisiva ocorre cinco anos mais tarde, durante o encontro de ex-alunos da universidade. Lou compra um livro de Yolanda e, ao lê-lo, descobre que ela havia plagiado um de seus textos. Embora ele se sinta ultrajado e até intencione denunciá-la, as informações que o chefe do departamento de Inglês lhe fornece sobre a professora – que “[e]la teria estabilidade no emprego, [...] tinha acabado de publicar um novo livro [...] e parecia feliz aqui agora”<sup>84</sup> (ALVAREZ, 1997, p. 183) – causam forte impacto em Lou. Ele parece sentir uma certa cumplicidade com Yolanda, pois sabia que para uma jovem professora estrangeira a condição em que se encontrava não era nada fácil. O professor inclusive acrescenta que “[...] fazer parte de uma minoria em New Hampshire não é nada agradável”<sup>85</sup> (ALVAREZ, 1997, p. 183). Desse modo, Lou percebe que seu texto havia contribuído para a realização profissional de Yolanda e sua aceitação naquele universo hostil e pouco acolhedor para mulheres e estrangeiros. Essa constatação faz com que ele, inclusive, ressignifique seu relacionamento com Penny. Ela também não se sentia muito à vontade naquele ambiente. “Ele pensou em como Yolanda havia dito que seus alunos a haviam salvado, e pensou em que poderia fazer para deixar Penny mais feliz”<sup>86</sup> (ALVAREZ, 1997, p. 185). Na volta para casa, Penny lê o texto de Yolanda/Lou e não só gosta do que lê como comenta: “‘O texto se arrisca, se é isso o que você quer dizer. É isso que amei nele.’ Ela estava defendendo aquela história como se fosse o pequeno Louie ou algo parecido”<sup>87</sup> (ALVAREZ, 1997, p. 185). Através da história escrita/plagiada por Yolanda, o casal se comunica e resgata um sentimento perdido ao longo dos anos de convivência. Essa passagem é marcante porque, se, por um lado, Lou depara-se com um crime, o plágio de um texto, por outro, é justamente o fato de ela ter plagiado e publicado esse texto que faz com que Lou e a esposa se conectem novamente. Se Lou tivesse

---

<sup>84</sup> “She’s up for tenure [...]. She’s published a new book [...] and she seems happy here now”.

<sup>85</sup> “[...] being a minority in New Hampshire is no picnic”.

<sup>86</sup> “He thought of how Yolanda had said her students had saved her, and he wondered what he could do to make Penny happier”.

<sup>87</sup> “‘It took risks, if that’s what you mean. That’s what I loved about it.’ She was defending the story as if it were little Louie or something”.

apenas pedido a Penny que lesse a “sua história”, certamente o efeito não teria sido o mesmo que a leitura do “texto de Yolanda” proporcionaria. A reação de Penny mostra a Lou que em “seu texto” havia algo de universal, algo que tocava as pessoas de alguma forma (SIRIAS, 2001, p. 102). Lou opta por não denunciar Yolanda e, de certa maneira, perdoá-la porque percebe que o sucesso de sua história só fora possível graças à mestria da professora, assim como a motivação dessa atitude de Yolanda havia sido a pressão de um sistema que demanda que os professores universitários publiquem incessantemente. Portanto, concordo com Dottie Kraft (1997, p. 166) ao afirmar que Yolanda “[...] alcança aqueles ao redor dela e os toca de maneiras sutis”.<sup>88</sup> As vidas dessas duas pessoas citadas aqui são transformadas a partir do contato com Yolanda e o fato de ela não pertencer inicialmente ao mundo delas amplia o significado das transformações, pois estas passam também pela percepção e compreensão de um mundo multiétnico, mais abrangente que aquele em que tanto Marie quanto Lou estavam inseridos.

Todas as passagens analisadas acima demonstram que o exílio apresenta pontos negativos e positivos e, muitas vezes, ao colocá-los em uma balança, os negativos são mais enfatizados e lembrados porque os positivos acabam sendo internalizados sem sofrimento nem desgaste. Se, por um lado, a família García foi “bem recebida” nos Estados Unidos, em contraposição à sua permanência na ilha que era considerada ameaçadora e perigosa pelo governo, por outro lado, eles eram apenas mais uma família de imigrantes nas estatísticas daquele país. No capítulo “Floor Show” já mencionado anteriormente, há um episódio bastante significativo que reflete um dos vários sentimentos comuns entre os indivíduos que estão fora de seu país. No momento em que toda a família está dentro do táxi, a caminho do restaurante para se encontrar com o casal de amigos norte-americanos, Sandra parece vivenciar um momento epifânico. Ele ocorre logo após o pai dizer ao porteiro que precisava

---

<sup>88</sup> “[...] reaches out to those around her and touches them in subtle ways”.

de um táxi naquela noite, ao invés de dispensar a oferta e ir para o ponto de ônibus como de costume:

Sandi percebeu com angústia uma das coisas de que ela estava sentindo falta nos últimos meses. Era precisamente esse tipo de atenção especial dada a eles. Em casa sempre havia um chofer para abrir a porta ou um jardineiro tirando chapéu e meia dúzia de empregadas e babás agindo como se a saúde e o bem-estar das crianças da família de la Torre-García fossem de grande interesse público. É claro, geralmente eram os meninos de la Torre, não as meninas, que recebiam atenção especial. Todavia, como portadoras do nome de la Torre, as meninas foram criadas para se sentirem importantes.<sup>89</sup> (ALVAREZ, 1992b, p. 174).

Ao elaborar a memória desse evento, o narrador já adulto, sob o ponto de vista da menina, aponta três descobertas. Uma é a percepção da menina de que pertencer a uma família rica, respeitada e conhecida tem suas vantagens. Ela sente falta do tratamento cheio de mimos, das atenções, regalias e luxo que tinham na ilha. A segunda descoberta é a diferença de tratamento dispensado aos homens e mulheres na República Dominicana. A terceira é de que a família García não era diferente das demais. Eles não são mais importantes porque carregam um dado sobrenome. Isso só acontece porque o distanciamento e a ausência permitem que eles sejam expostos a outras realidades. A mudança para um outro país pode ser a fonte da dor e da angústia para os membros dessa família na medida em que precisa lidar com situações às quais não estão acostumados e que claramente evidenciam que eles não são mais tão superiores social e financeiramente quanto eram na ilha. Desse modo, o que o olhar de uma menina ainda bastante ingênua percebeu de diferente e angustiante, que é a ausência das facilidades e vantagens práticas do dia-a-dia, para nós, críticos, significa algo muito maior, que é a hierarquia social evidenciada nesse contexto. Retomo aqui a discussão de

---

<sup>89</sup> “Sandi realized with a pang one of the things that had been missing in the last few months. It was precisely this kind of special attention paid to them. At home there had always been a chauffeur opening a car door or a gardener tipping his hat and a half dozen maids and nursemaids acting as if the health and well-being of the de la Torre-García children were of wide public concern. Of course, it was usually the de la Torre boys, not the girls, who came in for special consideration. Still, as bearers of the de la Torre name, the girls were made to feel important”.

Fatima Mujčinović (2004, p. 118-119) sobre a ambigüidade e contradição que a diferença de classes suscita na família García:

A emigração deles para os Estados Unidos leva-os a uma mobilidade social descendente porque eles entram no sistema econômico norte-americano sem nenhum poder econômico, o maior determinante de posicionamento de classe. Entretanto, eles ainda têm capital cultural – refinamento social e cultural e educação – que normalmente é uma indicação que pertencem à alta sociedade. Com esse duplo posicionamento social, a identificação [da família] quanto à classe torna-se ambivalente e confusa, o que geralmente ocorre no caso de exilados de uma posição superior que perdem potência financeira no local da imigração.<sup>90</sup>

Essas novas situações os obrigam a encarar a nova condição diante deles a partir de um prisma mais realista. No exílio, especialmente nos Estados Unidos, eles pertencem a um sistema no qual os imigrantes são considerados intrusos. A escola, por exemplo, é um espaço onde essa discriminação mostra-se mais forte e violenta, uma vez que crianças e adolescentes tendem a ser sinceros e a não medir as conseqüências de atos ou palavras. Na passagem a seguir, vê-se o tratamento dispensado a Carla, narrado no capítulo “Trespass”:

Todos os dias no *playground* e nos corredores de sua nova escola, uma gangue de meninos a importunava, chamando-a de nomes feios, alguns dos quais ela ouvira da vizinha do apartamento que eles haviam alugado na cidade. Fora da vista das freiras, os meninos atiravam pedras em Carla, mirando seus pés para que não ficasse nenhuma marca. “Volte para o lugar de onde veio, sua *spic*<sup>91</sup> suja!”<sup>92</sup> (ALVAREZ, 1992b, p. 153).

Percebe-se como não apenas Carla, mas também os outros membros de sua família, através dos xingamentos da vizinha, são vítimas de discriminação e agressões verbais e até físicas. A partir do momento em que os meninos mandam que ela volte para o seu lugar

---

<sup>90</sup> “Their emigration to the U.S. brings them a downward social mobility because they enter the U.S. economic system with no economic power, the major determinant of class positioning. However, they still have cultural capital – social and cultural refinement and education – which is usually a hallmark of a high-class society. With this double social positioning, their class identification becomes ambivalent and confusing, which often happens in the case of exiles from an upper-class rank that lose financial potency in the immigrant location”.

<sup>91</sup> *Spic* é uma forma extremamente pejorativa e ofensiva de se referir aos imigrantes *Latinos*.

<sup>92</sup> “Every day on the playground and in the halls of her new school, a gang of boys chased after her, calling her names, some of which she had heard before from the old lady neighbor in the apartment they had rented in the city. Out of the sight of the nuns, the boys pelted at Carla with stones, aiming them at her feet so there would be no bruises. ‘Go back to where you came from, you dirty spic!’”.

de origem, comprovamos como o estrangeiro, muitas vezes, é mal recebido e incompreendido no país hospedeiro. Chega a ser irônica a utilização das expressões “país anfitrião” e “país receptor” em alguns textos críticos culturais, uma vez que ambas denotam que esses indivíduos foram recebidos como convidados e de braços abertos, quando na realidade nem sempre é assim. Por essa razão, ao longo desse trabalho optei por usar apenas o termo “país hospedeiro”, pois não concordo com a visão idealizada e otimista de que esses países recebem seus “hóspedes”/imigrantes com a mesma disposição e abertura que recebem alguns turistas e visitantes. Ressalto, ainda, que o tratamento dispensado aos indivíduos procedentes de países ricos, na sua maioria europeus, que não possuem um estigma migratório é diferenciado, e que os imigrantes, principalmente aqueles que trabalharão em serviços menos prestigiados, são, na sua maioria, também discriminados, humilhados e desrespeitados.

Os dois últimos parágrafos do capítulo resumem o trauma psicológico que a atitude desses meninos deixou em Carla:

Mas seus rostos não desapareceriam tão rápido da vida de Carla. Eles violavam seus sonhos e momentos em que estava acordada. Algumas vezes quando acordava no escuro, eles se encontravam empoleirados ao pé de sua cama, um grupo horrível de caras travessas, meninos sem corpos, cantando sem palavras, “Vá embora! Vá embora!” [...] Então, para não vê-los, Carla fechava os olhos e desejava que desaparecessem. Naquela escuridão que criara ao manter seus olhos fechados, rezava, começando com o nome das suas próprias irmãs, por todos aqueles que ela queria que Deus olhasse com carinho, aqui e lá em casa. A lista aparentemente infinita de nomes familiares faria com que voltasse a dormir com um sentimento de segurança, de um mundo ainda habitado por aqueles que a amavam.<sup>93</sup> (ALVAREZ, 1992b, p. 164-165)

Acredito que o sentimento de Carla no exílio ilustra o sentimento de milhares de imigrantes que não conseguem se desligar do país natal. Provavelmente, tanto a menina como

---

<sup>93</sup> “But their faces did not fade as fast from Carla’s life. They trespassed in her dreams and in her waking moments. Sometimes when she woke in the dark, they were perched at the foot of her bed, a grim chorus of urchin faces, boys without bodies, chanting without words, ‘Go back! Go back!’ [...] So as not to see them, Carla would close her eyes and wish them gone. In that dark she created by keeping her eyes shut, she would pray, beginning with the names of her own sisters, for all those she wanted God to especially care for, here and back home. The seemingly endless list of familiar names would coax her back to sleep with a feeling of safety, of a world still peopled by those who loved her”.

tantos outros imigrantes se sentiriam mais em “casa” se estivessem em sua terra natal, cercados por parentes e pessoas que nutrem afeto por eles, como descrito na última frase da citação acima. Não posso deixar de reconhecer, no entanto, que essa é uma visão bastante romântica, uma vez que a terra natal não é o tal paraíso idealizado pelos imigrantes no exílio. A expectativa gerada neste local acaba por ser uma válvula de escape para que os imigrantes consigam dar conta da distância e da possibilidade de uma estadia definitiva.

No caso de Carla, especificamente com base na passagem supracitada, posso afirmar que o “sentimento de segurança” ao qual o narrador se refere ainda estava diretamente relacionado às pessoas que ficaram na República Dominicana. A mudança para os Estados Unidos era bastante recente e o “familiar” até aquele momento ainda estava localizado no país de origem. Com o passar do tempo, os membros da família García tornam-se cada vez mais integrados à cultura norte-americana, o “sentimento de segurança” se desloca e os Estados Unidos recebem novos significados. Em outras palavras, nos primeiros anos de exílio da família García, a República Dominicana era o local do afeto e da segurança, mas os Estados Unidos passam a ocupar esse lugar à medida que as meninas, em especial, vivem experiências marcantes ali.

O exílio gera também no indivíduo uma busca constante por algo que ele sente que perdeu e gostaria de resgatar. De alguma forma, ele está sempre na expectativa de encontrar esse “algo”, como se fosse a resposta para as suas angústias, dúvidas, medos e tantos outros sentimentos que surgem quando se distanciam do que lhe é familiar e lhe transmite segurança. Nos primeiros parágrafos desse mesmo capítulo, “Trespas”, a família está reunida para comemorar um ano da mudança para os Estados Unidos. Todos os seus membros – os pais e as quatro filhas – comemoram a data com um jantar familiar. Como de costume em aniversários, eles sopram as velas do bolo e todos têm que fazer um pedido. Carla pergunta:

O que você deseja na primeira celebração do dia em que você perdeu tudo? [...] Ela deveria fazer um esforço e não desejar o que ela sempre desejava quando estava com saudades. Mas somente essa última vez, ela se permitiria. “Querido Deus,” [...] “Permita que voltemos para casa, por favor,” ela meio rezava e meio desejava.<sup>94</sup> (ALVAREZ, 1992b, p. 150).

Esse questionamento reflete o sentimento de perda gerado pelo exílio. A pergunta de Carla confirma claramente que eles perderam tudo, absolutamente tudo que, para ela, eles não possuem nos Estados Unidos, expressando, desse modo, o seu desejo de voltar para a ilha. Conforme explica Julia Kristeva (1994, p. 17), o estrangeiro “[...] não se consola é por ter abandonado uma época de sua vida.” É como se o passado tivesse sido marcado apenas por momentos felizes e tranquilos. O motivo da saída, as ameaças sofridas, as situações temerosas devido à perseguição do governo ditatorial, entre outras dificuldades, ficam como que apagados diante dos novos desafios. E os bons momentos no exílio também ficam relegados a um plano desprezível. Assim, a vontade de Carla alude à idéia de que a República Dominicana, mesmo com todos os problemas, parece ser melhor que os Estados Unidos. A ilha, para ela, apresenta-se como um lugar onde nada é uma ameaça, um paraíso perdido que ela gostaria de recuperar. Novamente enfatizo que à medida que as meninas crescem e o contato com a República Dominicana passa a ser mais esporádico, a idéia que construíram da ilha toma outras proporções. Ainda há a esperança e a expectativa de lá encontrar a resposta para os questionamentos, buscas e angústias, como enfocarei no próximo capítulo, mas há também um envolvimento menos emocional e, conseqüentemente, mais distante e realista.

Embora o exílio tenda a ser visto como um lugar marcado por experiências penosas, dolorosas e que deixam seqüelas irremediáveis, não é minha intenção afirmar que os Estados Unidos são apenas o lugar de chegada, o país que os recebeu e que, em contrapartida, a ilha é a pátria dessa família, não apenas o país, voltando ao texto de Moraga. A

---

<sup>94</sup> “What do you wish for on the first celebration of the day you lost everything? [...] She should make an effort and not wish for what she always wished for in her homesickness. But just this last time, she would let herself. ‘Dear God,’ she began. [...] ‘Let us please go back home, please,’ she half prayed and half wished”.



complexidade da mudança para o exílio e o dia-a-dia longe da terra natal apontam para várias questões que permeiam a experiência dos exilados. Por isso, a pergunta paira no ar: qual é a pátria dessas pessoas? Indicar a República Dominicana como resposta não resolve a questão, já que por estarem há tanto tempo fora de lá, muitas experiências positivas também foram vivenciadas no exílio. Portanto, o exílio passa a ser um lugar de momentos e recordações alegres e, conseqüentemente, passa a ser também a sua pátria/casa. Tal constatação mais uma vez reforça que esses indivíduos são sujeitos hifenizados, situados no entre-lugar, gerando neles a necessidade de se situarem e de descobrirem de fato quem são e a que lugar pertencem. Em *Imaginary homelands: essays and criticism, 1981-1991* [Pátrias imaginárias: ensaios e crítica, 1981-1991], Salman Rushdie (1991, p. 17) consegue classificar esses sujeitos, ao explicar que “[p]or ter nascido no outro lado do mundo, somos homens traduzidos. Supõe-se normalmente que algo sempre se perde na tradução; eu me prendo obstinadamente à noção de que se pode também ganhar algo”.<sup>95</sup>

Logo, é possível afirmar que um dos grandes ganhos do exílio é a consciência e a compreensão que a condição de exilado pode proporcionar. O indivíduo passa a perceber as diferenças, as vantagens e desvantagens de sua condição. Ciente dessas possibilidades, o teórico palestino Edward Said (2003, p. 59, grifo do autor) afirma que

[e]mbora talvez pareça estranho falar dos prazeres do exílio, há certas coisas positivas para se dizer sobre algumas de suas condições. Ver o “mundo inteiro como uma terra estrangeira” possibilita a originalidade da visão. A maioria das pessoas tem consciência de uma cultura, um cenário, um país; os exilados têm consciência de pelo menos dois desses aspectos, e essa pluralidade de visão dá origem a uma consciência de dimensões simultâneas, uma consciência que [...] é *contrapontística*.

Esse posicionamento aponta para a possibilidade de mudar o foco geralmente dado ao exílio como uma experiência dolorosa, traumática e conflituosa para uma visão mais

---

<sup>95</sup> “Having been borne across the world, we are translated men. It is normally supposed that something always gets lost in translation; I cling, obstinately, to the notion that something can also be gained”.

positiva, que, no entanto, só pode ser alcançada através de uma possível leitura contrapontual de ambas as sociedades das quais esses indivíduos fazem parte. As narrativas sobre a família García demonstram essa capacidade múltipla. O exílio permite que elas se situem entre dois países, duas culturas, duas línguas, dois mundos, e até quem sabe, duas pátrias, e reforça a fragmentação dos eus. Ainda assim, mais que as perdas e dores no/do exílio, esse estado duplo possibilita inúmeros ganhos para o indivíduo que resolve refletir sobre isso, principalmente aquele que escreve sobre a experiência do exílio, como é o caso de Yolanda e de sua criadora Julia Alvarez. Ambas as escritoras, personagem e autora, podem transitar entre esses dois lugares, o que é de extrema relevância para a sobrevivência. Agora, a aceitação da diversidade e a capacidade de se colocar no lugar do “outro” passam a integrar o passaporte para a convivência em meio a tanta diferença, e os textos *García Girls* e *¡Yo!*, conforme demonstrei nesse capítulo, são exemplos disso. No capítulo seguinte, dentre outros assuntos, acompanharemos Yolanda em sua volta à ilha.

### III RETORNO

Home is the place where, when you have to go there,  
They have to take you in...  
(Robert Frost)

Uma das principais questões com a qual o exilado precisa lidar é a do retorno àquele lugar a que ele um dia primeiramente chamou de “lar”. Se, por um lado, a volta à sua terra natal pode significar um reencontro com o seu passado, suas origens, raízes e família, por outro, o indivíduo que passou por uma experiência no exterior já não é mais o mesmo que havia deixado o local de origem, sendo, portanto, também um estrangeiro no seu próprio país, conforme formulação de Julia Kristeva anteriormente citada. Após o período distante do seu “primeiro lar”, ele passa a apresentar marcas peculiares de um sujeito que passou por experiências como um forasteiro no país que o acolheu, como também não mais se sente totalmente à vontade no seu local de origem. Utilizo aqui o conceito de estranhamento [*unhomeliness*] explorado por Homi Bhabha (1998, p. 29-30), em *O local da cultura*, que afirma que este

[...] é a condição das iniciações extraterritoriais e interculturais. Estar estranho ao lar [*unhomed*] não é estar sem-casa [*homeless*]; de modo análogo, não se pode classificar o “estranho” [*unhomely*] de forma simplista dentro da divisão familiar da vida social em esferas privada e pública. [...] Os recessos do espaço doméstico tornam-se os lugares das invasões mais intrincadas da história. Nesse deslocamento, as fronteiras entre casa e mundo se confundem e, estranhamente, o privado e o público tornam-se parte um do outro, forçando sobre nós uma visão que é tão dividida quanto desnorteadora.

Ao longo dos romances analisados nesse trabalho, *How the García Girls Lost their Accents* e *¡Yo!*, percebe-se a busca incessante das irmãs García por identidade, assim como a constante tentativa de descobrir o lugar onde seja possível se sentir em casa (*homed*), onde o mundo seja mais familiar (*homely*) e onde o sentimento de estranhamento, comum a todo estrangeiro, seja amenizado. Analisarei a personagem de Yolanda mais detalhadamente, pois parece-me que, dentre as quatro filhas, ela é a que mais encarna o sujeito movente, situado em um espaço fronteiro, em um entre-lugar e, portanto, mais dividido e desnortado, conforme explica Bhabha.

Para pensar nas causas que levam o imigrante a querer retornar à sua terra natal, é preciso considerar que muitos exilados não conseguem se desligar de seus países de origem e tentam viver no exílio uma vida bastante similar à que tinham anteriormente. Eles se fecham ao novo, procurando interagir apenas com aquelas pessoas que passaram pela mesma experiência e estão na mesma condição, recusando-se até, muitas vezes, a aprender o idioma do país hospedeiro. De certa forma, eles passam a cultivar um vazio imaginário e insubstituível e, assim, desprezam os possíveis ganhos que o exílio pode proporcionar. Esse “paraíso perdido” é uma criação estratégica dos imigrantes. A idealização de que o lugar “paradisíaco” de origem serve como instrumento de conforto, esperança e preenchimento de uma lacuna, contribuindo assim para que eles não desfaçam os elos com o passado, como também não se apeguem ou se comprometam demais com o lugar que habitam no presente.

A volta ao lugar de origem, portanto, significa para o imigrante uma forma de descobrir um espaço no qual se enquadre e onde ele reconhece o seu lar. Porém, ele percebe que esse lugar que gostaria de chamar de “lar” é muito mais complexo do que meramente o reconhecimento de uma localização geográfica e física. O retorno, desse modo, implica um posicionamento cercado por incertezas e questionamentos. Não há uma identificação imediata, como se havia esperado, gerando nesse indivíduo a necessidade constante de ir e vir.

A própria Julia Alvarez (1998a, p. 132, grifo da autora) atesta essa premissa ao explicar a composição de *García Girls*: “Decidi que não queria um *Bildungsroman* tradicional, com o avanço do tempo e o crescimento da personagem. Eu queria que o leitor pensasse como se fosse um imigrante, retornando eternamente”.<sup>1</sup> Assim, com a autoridade de uma imigrante que freqüentemente faz esse caminho de volta, Alvarez reconhece que o voltar é um movimento permanente e inesgotável. A ordem dos capítulos em ambos os romances analisados aqui retrata essa constante “volta” no tempo, ora passado nos Estados Unidos, ora na República Dominicana. Os textos apresentam estruturas que não obedecem a uma seqüência cronológica e linear, sendo assim um reflexo da memória do imigrante, que oscila entre o lugar de origem e o de exílio. Vale lembrar que, nas passagens que narram as experiências no exílio, destaca-se o tratamento recebido ali, ao serem vistos como forasteiros ou *spics* tanto pelos vizinhos quanto pelos colegas de escola, por exemplo, e o sentimento que os acomete de serem “diferentes” ao retornarem à República Dominicana. O sentimento de deslocamento e não-pertencimento passa a ser biespacial, já que ocorre nos dois lugares.

Antes de voltarmos ao texto literário, cabe ponderar sobre uma questão importante para o qual o texto de Alvarez aponta que é o constante processo de rememoração pelo qual tanto a escritora quanto a personagem Yolanda utilizam ao narrar as lembranças de acontecimentos e sentimentos gravados em suas memórias. De acordo com Michael Pollak (1989, p. 13), no artigo intitulado “Memória, esquecimento, silêncio”,

[...] ao contarmos nossa vida, em geral tentamos estabelecer uma certa coerência por meio de laços lógicos entre acontecimentos-chaves (que aparecem então de uma forma cada vez mais solidificada e estereotipada), e de uma continuidade, resultante da ordenação cronológica. Através desse trabalho de reconstrução de si mesmo o indivíduo tende a definir seu lugar social e suas relações com os outros.

---

<sup>1</sup> “I decided I didn’t want the traditional *Bildungsroman*, with time going forward and the character growing up. I wanted the reader to be thinking like an immigrant, forever going back”.

Embora o texto de Alvarez não obedeça à ordem cronológica convencional, com as lembranças narradas da infância à idade adulta, ele certamente pretende chegar à definição do “lugar social” do indivíduo que remete às suas memórias como tentativa de autocompreensão, principalmente do sujeito imigrante, que não tem este lugar claramente definido. Vale destacar também que, dado o caráter de transitoriedade da memória, conforme afirmação de Andreas Huyssen (2000, p. 37) – “[a] memória é sempre transitória, notoriamente não confiável e passível de esquecimento; em suma, ela é humana e social” – o indivíduo utiliza suas lembranças segundo interesses pontuais e específicos ao longo de sua narrativa, ocorrendo assim incoerências, contradições, fragmentações. A narrativa fragmentada sempre presente no processo de rememoração e na escrita autobiográfica é fator crucial para o entendimento deste processo, já que não é possível manter a memória congelada, imutável e isenta de qualquer influência ou esquecimento. Assim, é preciso constantemente considerar o distanciamento temporal existente entre o fato vivido e o fato narrado, assim como as mudanças vividas pelo sujeito narrador/“rememorador”. No caso de Yolanda, sabemos que há tanto o distanciamento temporal quanto o físico, como podemos constatar na análise a seguir.

No primeiro e talvez mais simbólico capítulo de *García Girls*, “Antojos” [O desejo], narra-se a visita de Yolanda já adulta à República Dominicana, após cinco anos longe de lá. Logo nos primeiros parágrafos, há uma passagem em que a personagem sopra as velas de um bolo e faz um pedido.

Ela se inclina para frente e fecha os olhos. Há tanta coisa que ela quer que fica difícil escolher um único desejo. Houve muitas paradas no caminho nos últimos vinte e nove anos desde que sua família deixou essa ilha para trás. Ela e suas irmãs levaram vidas tão turbulentas — tantos maridos, casas, empregos, caminhos errados. Mas veja suas primas, mulheres com lares e autoridade em suas vozes. Permita que essa seja a minha casa.<sup>2</sup> (ALVAREZ, 1992b, p. 11).

---

<sup>2</sup> “She leans forward and shuts her eyes. There is so much she wants, it is hard to single out one wish. There have been too many stops on the road of the last twenty-nine years since her family left this island behind. She and her

Esse pedido de Yolanda traduz a esperança que ela deposita na visita à terra natal. Ela espera encontrar ali o “paraíso” que perdeu ao se tornar uma imigrante, o “lar” que tampouco encontrou no exílio, como ela mesma percebe mais adiante: “[p]arada aqui sozinha, ela acredita nunca ter se sentido em casa nos Estados Unidos, nunca”<sup>3</sup> (ALVAREZ, 1992b, p. 12). Além disso, ela parece sentir que na ilha poderá levar uma vida normal, menos “turbulenta” e, como suas primas, ter “autoridade em sua voz”, encontrando sentido e direção para sua vida. Para Yolanda, suas primas aparentemente representavam o protótipo das mulheres perfeitas, já que eram casadas, tinham famílias e levavam uma vida bastante pacata no mesmo lugar em que sempre viveram. Diferentemente das irmãs García, as primas não precisaram sair às pressas da República Dominicana, não foram desafiadas por uma língua estrangeira, por costumes diferentes, por situações desconhecidas e desconfortáveis, devido a isso a impressão de serem “perfeitas”, de não terem problemas e de terem constituído suas respectivas famílias, fato que não se deu com Yolanda. No entanto, sabemos que Yolanda fez as suas próprias escolhas ao renunciar a marido e filhos em prol de uma profissão. De certa maneira, enquanto suas primas sucumbiam à pressão familiar de uma sociedade patriarcal, Yolanda estava seguindo um caminho escolhido por ela própria que trilhava desde criança sem interferências familiares: contar histórias. Porém, se, por um lado, Yolanda rompe com os laços e tradições familiares ao escolher seguir uma carreira que contraria as expectativas de uma sociedade machista, conservadora e que, de certo modo, determina o futuro de suas mulheres, por outro, os temas que ela escolhe para os seus livros dizem respeito justamente à (sua) família. Essa escolha acaba por ser bastante delicada, uma vez que suas irmãs e mãe, principalmente, sentem-se expostas, criticadas e ultrajadas pelas narrativas de Yolanda. No primeiro capítulo de *¡Yo!*, deparamo-nos com as reclamações das irmãs logo após Yolanda

---

sisters have led such turbulent lives – so many husbands, homes, jobs, wrong turns among them. But look at her cousins, women with households and authority in their voices. Let this turn out to be my home”.

<sup>3</sup> “Standing here in the quiet, she believes she has never felt at home in the States, never”.

lançar um novo livro. Sofía diz: “Não vou admitir todo mundo criticando a família”<sup>4</sup> (ALVAREZ, 1997, p. 5) e Sandra, que não quer que Yolanda saiba de sua gravidez, enfatiza: “Simplesmente não quero que meu bebê se torne mais um personagem ficcional qualquer”<sup>5</sup> (ALVAREZ, 1997, p. 7). Esses protestos familiares simbolizam tanto a falta de sensibilidade das irmãs em relação à escolha profissional de Yolanda quanto a necessidade de colocar panos quentes em determinados assuntos e, conseqüentemente, não serem expostas à crítica e opinião públicas.

Assim, considerando essa sucessão de incidentes e desencontros, Yolanda personifica esse sujeito movente, fronteiro, também ao regressar à ilha e acreditar que poderá recuperar sua possível identidade dominicana, seu passado, sua pátria. Seu desejo incontrolável de comer goiabas, como demonstrado nos trechos: “[m]al posso esperar para comer goiaba”,<sup>6</sup> “[p]arece haver uma fartura [de frutas] aqui para comer –, exceto goiabas”,<sup>7</sup> “[n]enhuma dominicana estaria de carro na rua a esta hora pegando goiabas”<sup>8</sup> (ALVAREZ, 1992b, p. 22), metaforicamente representa o próprio desejo seu, de suas irmãs e de todos os exilados de encontrar sua identidade e descobrir onde seu lar se encontra, o lugar no qual seja possível se sentir em casa, em tudo seja mais familiar. Heather Rosario-Sievert (1997a, p. 132) explica que Yolanda

[...] parte pela estrada como os pícaros de antigamente para satisfazer seus desejos. Ela procura por uma fruta, goiaba, que na sua tradução para os Estados Unidos é difícil de se obter. Seu santo desejou goiabas durante sua ausência da terra natal. Sua busca pela fruta e pelo seu Eu não será fácil, ela fora avisada.<sup>9</sup>

Rosario-Sievert (1997a, p. 131) ainda define *antojos* como

<sup>4</sup> “I just won’t have everyone criticizing the family”.

<sup>5</sup> “I just don’t want my baby to become fictional fodder”.

<sup>6</sup> “I can’t wait to eat some guavas”.

<sup>7</sup> “There seems to be plenty [of fruit] here to eat – except for guavas”.

<sup>8</sup> “No *dominicana* with a car would be out at this hour getting *guayabas*”.

<sup>9</sup> “[...] sets out on the road in the tradition of the *pícaros* of old to satisfy her cravings. She seeks a fruit that, in her translation, to the United States, has been hard to obtain, *guavas*. Her *santo* has craved guavas in her absence from the mother country. Her quest for fruit and for Self will not be an easy one; she has been warned”.



[...] desejos metafísicos demandados por um santo que quer algo. É a sensação que ocorre quando a pessoa em questão é tomada por um espírito do outro mundo, da mesma forma que as demandas da língua materna exercem sua influência e afetam o controle da língua recém aprendida.<sup>10</sup>

No próprio romance, temos tanto a voz da dona da casa que tenta de forma bastante simplista e nada mística explicar o termo, quanto a voz de uma empregada mais idosa, cuja origem rural confere-lhe autoridade sobre o assunto. Para Tía Carmen: “[u]m *antojo* é como um desejo por algo que você tem que comer”,<sup>11</sup> enquanto que para a empregada “[n]o interior, dizemos que uma pessoa tem um *antojo* quando alguém é possuído por um santo que quer alguma coisa”<sup>12</sup> (ALVAREZ, 1992b, p. 8; grifo da autora). Pela diferença das definições, nota-se que a senhora ligada ao campo percebe o termo *antojo* de uma forma sobrenatural, atribuindo a uma entidade um desejo incontrolável que ela quer que se realize. Já para a tia, membro da alta sociedade dominicana e católica, *antojo* seria também um desejo incontrolável, como o das mulheres grávidas, explicável pela condição, embora banal, e sem relação qualquer com outras crenças ou religiões. Assim, ao dar voz a uma mulher da classe trabalhadora para explicar talvez o termo mais relevante do texto, já que este dá nome ao título do primeiro capítulo do romance e parece ser o sentimento que move a personagem Yolanda, Julia Alvarez está também valorizando a crença e a cultura da classe menos favorecida, esta que é comumente silenciada pela elite que muitas vezes não aceita suas crenças e valores por serem desconhecidas, inexplicáveis, não-científicas e ligadas à magia, *candomblé* e outras práticas.

Ainda no primeiro capítulo do romance, encontramos uma Yolanda que, diferentemente de uma mulher dominicana, não parece entender a dinâmica local. Yolanda logo manifesta o desejo de viajar de carro sozinha pelo país, contrariando as recomendações

<sup>10</sup> “[...] metaphysical cravings demanded by *un santo* who wants something; it is the feeling that occurs when the person in question is overtaken by a spirit of the other world, much in the way that demands of the mother tongue exert their influence and affect the control of the newly learned language”.

<sup>11</sup> “An *antojo* is like a craving for something you have to eat”.

<sup>12</sup> “In my *campo* we say a person has an *antojo* when they are taken over by *un santo* who wants something”.

das tias, que desaprovam tal idéia: “‘Aqui não é os Estados Unidos,’ diz Tia Flor, com um sorriso astuto. ‘Uma mulher simplesmente não viaja sozinha nesse país. Especialmente nos dias de hoje’”<sup>13</sup> (ALVAREZ, 1992b, p. 9). Se, por um lado, vemos que a família trata Yolanda como uma menina indefesa, desprotegida e despreparada, por outro, vemos uma Yolanda que passou a maior parte de sua vida imersa em uma cultura em que as mulheres são predominantemente incentivadas a serem independentes desde cedo e a exercerem os mesmos papéis que os homens. “Na língua e cultura novas [em contraste com a primeira língua e cultura], as mulheres viajam sozinhas, os obstáculos podem ser superados, os perigos podem ser mais supostos do que reais”<sup>14</sup> (ROSARIO-SIEVERT, 1997a, p. 132). Essa Yolanda “americanizada” e disposta a lutar para realizar seus desejos, seus *antojos*, não enxerga as limitações culturais impostas às mulheres latino-americanas, e tampouco os parentes na República Dominicana reconhecem a possibilidade de Yolanda não ser como eles. Por isso, esse tratamento de infantilização e controle. Segundo Ibis Gómez-Vega (1999, p. 96), “[...] a dominicana que retorna está quebrando as tradições culturais dominicanas ao se comportar como uma americana, e é aí que o deslocamento de Yolanda novamente torna-se evidente”.<sup>15</sup> No artigo “New ways of telling: Latinas’ narratives of exile and return” [Novas formas de contar: narrativas *Latinas* de exílio e retorno], Jacqueline Stefanko (1996, p. 55) complementa esse raciocínio afirmando que “Yolanda tenta resolver a ambivalência inerente a um diálogo como esse [diálogo entre a tia e a empregada sobre o termo *antojo*, mencionado na nota 9] ao reinventar a palavra para transmitir seu desejo pelo lar”.<sup>16</sup> Yolanda apropria-se do termo *antojo* para enfatizar não apenas seu desejo pelas goiabas, mas justificar a viagem pelo

<sup>13</sup> “‘This is not the States,’ Tía Flor says, with a knowing smile. ‘A woman just doesn’t travel alone in this country. Especially these days’”.

<sup>14</sup> “In the new language and culture [em contraste à primeira língua e cultura], women do travel alone; obstacles can be overcome; dangers may be more perceived than real”.

<sup>15</sup> “[...] the returning *dominicana* is breaking Dominican cultural mores by behaving like an *americana*, and this is where Yolanda’s displacement once again becomes evident”.

<sup>16</sup> “Yolanda attempts to resolve the ambivalence inherent to such a dialogue by re-inventing the word to convey her desire for home”.

interior da ilha e, assim, tentar resolver tanto o desejo físico quanto um desejo emocional e visceral que diz respeito ao encontro de seu provável lugar, seu lar possível.

Durante essa curta viagem pelo interior do país para encontrar as tão desejadas goiabas, o pneu do carro que Yolanda conduzia fura e ao vê-la precisando de socorro, dois trabalhadores rurais aproximam-se dela para ajudá-la. Ao se ver diante desses homens, potencialmente ameaçadores, conforme descreve um deles: “Em qualquer outro lugar, Yolanda o acharia extremamente atraente, mas aqui em uma estrada isolada, com o céu escurecendo a cada segundo, sua boa aparência parece perigosa, um chamariz para pegá-la descuidada”<sup>17</sup> (ALVAREZ, 1992b, p. 20), Yolanda, inesperadamente, marca seu lugar de origem, apresentando-se como oriunda dos Estados Unidos:

O homem mais escuro estreita seus olhos e estuda Yolanda por um momento. “Americana?” ele pergunta, sem saber exatamente o que ela era. Ela estava assustada demais para levar adiante qualquer estratégia, mas agora um caminho se abriu diante dela. Ela aperta suas mãos sobre o peito – sente o coração saltar – e acena com a cabeça. Então, como se a afirmação fizesse sua língua se soltar, ela começa a falar, em inglês, umas poucas palavras, inicialmente de desculpas, e então um grande fluxo de explicações [...].<sup>18</sup> (ALVAREZ, 1992b, p. 20).

A reação ou “estratégia” de Yolanda de se apresentar como uma estrangeira, marcadamente uma norte-americana, demonstra dois aspectos significativos de sua condição: primeiro, a necessidade de se colocar em uma posição privilegiada e superior, compreensível a uma estrangeira que não soubesse como agir em determinada situação. Ser uma norte-americana conferia a ela mais poder; afinal os Estados Unidos eram o país dominante e, durante os anos no exílio, ela havia aprendido que “[...] tudo que fosse ‘americano’ era melhor

<sup>17</sup> “Anywhere else, Yolanda would find him extremely attractive, but here on a lonely road, with the sky growing darker by seconds, his good looks seem dangerous, a lure to catch her off her guard”.

<sup>18</sup> “The darker man narrows his eyes and studies Yolanda a moment. “¿Americana?” he asks her, as if not quite sure what to make of her. She has been too frightened to carry out any strategy, but now a road is opening before her. She clasps her hands on her chest – she can feel her heart pounding – and nods. Then as if the admission itself loosens her tongue, she begins to speak, English, a few words, of apology at first, then a great flood of explanation [...]”.

que qualquer coisa dominicana”<sup>19</sup> (GÓMEZ-VEGA, 1999, p. 94). Segundo, ao não reconhecer aqueles homens como trabalhadores inofensivos que estavam apenas sendo gentis ao se prontificarem a ajudá-la, ela enfatiza as diferenças de classe daquela sociedade e a própria condição de sua família. Percebe-se, pois, que não há muita interação entre a elite e os camponeses. Gómez-Vega (1999, p. 94) conclui que

[e]la não é apenas alguém que retorna à casa após um longo exílio, mas é também uma mulher dominicana de classe alta, cujo dinheiro a impede de se aproximar dos trabalhadores pobres de seu país. Para ela, esses trabalhadores são diferentes demais para não parecerem perigosos.<sup>20</sup>

Através das passagens descritas acima, observa-se a dificuldade de Yolanda em nomear para si um único lar: a República Dominicana ou os Estados Unidos. Há lares, há lugares de encontro dessa pátria imaginária. Para cada experiência, para cada momento, um lugar físico é denominado lar. Podemos ir mais além e reforçar que, para o sujeito híbrido, o lar encontra-se no local do afeto, conforme o título do artigo de Kenneth Parker (1993), citado no primeiro capítulo, nos lembra: “Home is where the heart... lies”, e não no lugar geográfico em que se nasceu ou em que se reside. Para Fatima Mujčinović (2004, p. 108), o lar “[...] recebe um significado da matriz cultural que informa e influencia a identidade do sujeito – o ambiente social familiar da família, amigos, comunidade, e as práticas sociais – e está associado aos sentimentos de enraizamento, pertencimento e segurança”.<sup>21</sup> Yolanda procura em seu país de origem a resposta para a sua busca, porque ela acreditava que ali se encontrava essa matriz cultural à qual Mujčinović se refere. Porém, fica visível diante de seu comportamento na ilha e em uma provável situação de perigo, que na República Dominicana ela também se sente como uma estrangeira, ela também não se enquadra. Pode-se concluir, a

<sup>19</sup> “[...] all things ‘American’ were better than anything Dominican”.

<sup>20</sup> “She is not only someone returning home from a long exile but she is also an upper class Dominican woman whose family money protects her from meeting the working poor of her country. To her, the working men are too different not to appear dangerous”.

<sup>21</sup> “[...] receives a signification of the cultural matrix that informs and affects one’s identity – the familiar social milieu of family, friends, community, and cultural practices – and is associated with the feelings of rootedness, belonging, and security”.

partir dessa constatação, que se sentir em casa/lar passa antes por um estado de espírito, não se relacionando diretamente, como poderíamos esperar, ao espaço físico. Utilizo a explicação de Patricia Goldblatt ([s.d.], p. 133; grifo da autora) sobre como as crianças exiladas reagem ao retornarem ao local de origem para confirmar esse aspecto subjetivo do conceito de lar:

Essas crianças exiladas, perdidas e buscantes, como a própria Alvarez, que foram forçadas a sair de sua terra natal, aprendem que seu *lar* deve estar dentro delas, já que apenas sua imaginação está livre de violação. Ao voltarem para casa, elas enfrentam e devem aceitar as mudanças que naturalmente resultam com o tempo. Elas descobrem um mundo que se transformou ou um mundo que não está mais de acordo com a sua nova sensibilidade. O estimado *lar* agora só permanece na memória, como um *antojo*, pois deixa de existir na realidade.<sup>22</sup>

Vale aqui ressaltar que o sentimento de deslocamento de Yolanda reflete a ambigüidade da própria Julia Alvarez. No artigo “Julia Alvarez: Dominican American storyteller” [Julia Alvarez: contadora de histórias *Dominican American*], Stephanie Prescott (1999, p. 32) ao comentar a infância de Alvarez na República Dominicana cita a própria autora:

Nesse paraíso, Alvarez “odiava os livros, a escola, qualquer coisa que tivesse a ver com trabalho.” Ao mesmo tempo, ela amava todas as coisas americanas. Ela esperava ansiosamente pelos presentes trazidos por seus avós quando eles retornavam de viagens a Nova York. Seu café da manhã predileto eram *corn flakes*. [...] Assim, a fuga de sua família para os Estados Unidos em 1960 foi para Alvarez um pedido atendido: Ela era “uma menina americana, finalmente voltando para casa”.<sup>23</sup>

Enquanto Yolanda expressa a ambigüidade do seu sentimento e da sua condição já adulta e durante um momento de desconforto e ameaça, Alvarez exprime o mesmo com

---

<sup>22</sup> “Those lost and searching exiled children, like Alvarez herself, who have been forced from their birthplaces, learn that their *home* must reside within, for only their imaginations are safe from violation. For, when they return home, they confront and must accept the changes that have naturally accrued with time. They discover a world that has been transformed or a world that no longer accords to their new sensibilities. The treasured *home* now only persists in memories, in an ‘antojo,’ for it no longer exists in reality”.

<sup>23</sup> “In such a paradise, Alvarez ‘hated books, school, anything that had to do with work.’ At the same time, she loved all things American. She waited eagerly for the gifts her grandparents would deliver when they returned from trips to New York. Her favorite breakfast was corn flakes. [...] Thus, her family’s escape to the United States in 1960 was, to Alvarez, a prayer answered: She was ‘an American girl, coming home at last’”.

apenas dez anos de idade. Ao cruzar essas duas falas, percebe-se primeiramente uma contradição na descrição da ilha: é um “paraíso”, mas a menina Julia gostava na verdade das coisas que vinham de fora, como os presentes e as comidas norte-americanas. Desse modo, o exílio familiar significou nada menos do que a volta para esse lugar de identificação e admiração, afinal ela se sentia de fato como uma norte-americana. A ida para os Estados Unidos, o lar já querido na República Dominicana, não confirma o sentimento cultivado na ilha e o desejo de estar em um lugar em que pudesse se sentir em casa. A dubiedade do sentimento de ambas, Yolanda e Alvarez, evidencia a própria ambigüidade do exilado. Os Estados Unidos e tudo que ele representa e disponibiliza para as pessoas parece ser muito mais atraente à distância e ao ser comparado com a República Dominicana. Aparentemente é fácil dizer que o lar é os Estados Unidos, quando o indivíduo ainda não viveu lá e não passou por situações de constrangimento, preconceito, exclusão. Em ambos os casos, há menos um sentimento imutável e definitivo do que uma reação espontânea e momentânea.

Edward Said (1996, p. 49) afirma que

[o] exílio, portanto, existe em um estado mediano, nem completamente sintonizado com o novo ambiente nem plenamente desvincilhado do antigo, cercado de meios-envolvimentos e meios-desligamentos, nostálgico e sentimental por um lado, um assimilado experiente ou um excluído secreto por outro.<sup>24</sup>

Percebe-se que o exilado não tem apenas um lugar que possa chamar de seu, não pertence a somente um local definido e único, o que o torna um sujeito fronteiriço, fragmentado, já que seus valores, costumes e crenças dividem-no em sujeitos pré e pós-exílio. Devido à complexidade da mudança para o exílio, do dia-a-dia longe da terra natal e dessa busca constante, situação por excelência associada à condição do exilado, a noção de pátria torna-se muito mais opaca.

---

<sup>24</sup> “The exile therefore exists in a median state, neither completely at one with the new setting nor fully disencumbered of the old, beset with half-involvements and half-detachments, nostalgic and sentimental on one level, an adept mimic or a secret outcast on another”.

É possível notar, finalmente, que o texto não fornece uma solução definitiva para essa busca, mas aponta para a possibilidade da negociação e também para a condição marginalizada do exilado. “A visão da fronteira possibilita-nos apreender a arbitrariedade suprema da própria fronteira, das separações e inferiorizações forçadas” (FLORES; YÚDICE, 1992, p. 84). Cabe aqui pensar que a condição fronteiriça do exilado possibilita a percepção de sua própria condição em relação aos dois lugares aos quais ele se refere. Uma das características desse lugar fronteiriço é exatamente a de ser um espaço onde sentimentos contraditórios e paradoxais se expõem. Embora tanto a República Dominicana quanto os Estados Unidos apresentem aspectos positivos e negativos e sejam sempre pensados em perspectiva, a percepção do exilado, no caso, as irmãs García, está diretamente ligada aos acontecimentos e sentimentos que elas vivenciam em cada um deles. Daí o fato de o imigrante estar sempre voltando, sempre buscando, sempre desejando, e nunca encontrando uma resposta, um lugar, uma definição. Estar na fronteira diz respeito justamente a essa condição de estar entre dois espaços, duas situações, duas possibilidades.

Yolanda acreditava poder resgatar sua ‘identidade’ ao retornar ao local de sua origem, ao convívio com seus parentes, ao contato com o lugar, seus habitantes, as comidas, as tradições, o dia-a-dia. Ela tentou atualizar sua memória e levar uma vida que se aproximaria daquela de qualquer outro habitante da ilha, projeto desde já fracassado. Alvarez, com sua escrita, produz, portanto, uma personagem mais desestabilizada do que ela própria. Em *García Girls*, tomamos conhecimento dos primeiros passos de Yolanda García no mundo das letras, através do texto que ela escreve para um evento na escola, como já discuti amplamente no segundo capítulo. Vemos também a Yolanda, dedicada estudante universitária do curso de inglês, como ela mesma se define: “[e]u era a famosa aluna superpreparada; eu precisava ter um lápis reserva para que pudesse sempre escrever quando necessário”<sup>25</sup>

---

<sup>25</sup> “I was the proverbially overprepared student; I had to have a standby writing utensil”.

(ALVAREZ, 1992b, p. 90), que escreve sonetos de amor e logo começa a se aventurar pelo mundo da poesia e da escrita como profissão. E, finalmente, já no romance *¡Yo!*, deparamo-nos primeiramente com a Yolanda estudante-escritora, que não consegue terminar seus estudos sem a interferência de um relacionamento amoroso conturbado para alterar seus planos e a insistência de um professor universitário de poesia para que ela não desista de seguir a carreira acadêmica; e em seguida com a Yolanda também (e somente) escritora que retorna à ilha com o propósito exclusivo de escrever seus livros.

Segundo Rosario-Sievert (1997a, p. 132), “[...] em todo o romance *García Girls*, há vários casos de identidades e personalidades em crise, e as crises geralmente têm como base a língua”.<sup>26</sup> O capítulo “Joe” é um claro exemplo das dificuldades encontradas pelo indivíduo bilíngüe e bicultural, no caso, Yolanda, para se relacionar na nova língua por ele adquirida no país hospedeiro. Trata-se também da relação conflituosa de Yolanda com as duas línguas e a forma como ela passa a lidar com o mundo e consigo mesma tendo ambas as línguas como alternativa. A primeira questão a ser discutida aqui refere-se ao título do capítulo e apelido de Yolanda nos Estados Unidos. A palavra “Joe” é a aproximação sonora encontrada no inglês para a forma reduzida em espanhol do nome de Yolanda – “Yo”. É importante lembrar que o termo “yo”, título de um dos romances analisados neste trabalho, *¡Yo!*, refere-se, em espanhol, ao pronome pessoal para a primeira pessoa do singular, eu, assim como a um dos apelidos de Yolanda também em espanhol. Digo em espanhol, porque ao ser pronunciado em inglês, o termo transforma-se em “joe”, como explicação acima. A utilização do termo nos romances está carregada de ambigüidades e multiplicidade de interpretações, pois ele tanto pode se referir carinhosamente a Yolanda, como fazia sua família, por exemplo, quanto a esse “eu” (yo) que Yolanda procura construir na sua constante busca identitária. No caso do romance *¡Yo!*, narrado por dezesseis pessoas ligadas a Yolanda

---

<sup>26</sup> “[...] throughout the *García Girls*, there are various instances of identities and personalities in crisis, and the crises often have language at their root”.



e não por ela própria, não há nenhuma fala diretamente dita por ela, o que nos leva a perceber que todos os “eus” que aparecem ao longo do texto são “eus” construídos por outros, a partir das suas memórias e não “eus” percebidos pela própria personagem. Ela não se posiciona enquanto “eu, Yolanda”, mas sim como um “eu” visto e lembrado por outros, já que cada capítulo apresenta uma história passada entre a personagem-narradora e ela. Assim, o título do romance refere-se a uma Yolanda fragmentada, porém múltipla, pela variedade de pontos de vista, como também pela sua complexidade enquanto um sujeito híbrido, movente e bicultural.

Chamar Yolanda de “Joe”, nome pouco comum para mulheres, coloca a personagem em uma posição dúbia, desfeminizada (ROSARIO-SIEVERT, 1997a, p. 132), refletindo novamente a sua própria condição exílica cercada de dúvidas, questionamentos, contradições. Se “Joe” não esclarece o gênero do indivíduo que recebe essa denominação, tampouco Yolanda consegue se definir e posicionar entre as duas culturas e duas línguas nas quais ela vive. Quem é ela, afinal? Suas máscaras vão aparecendo ou caindo conforme suas necessidades e vontades.

Para o marido norte-americano John, Joe é forma simplificada de “Joe-lan-dah”, conforme sua pronúncia americanizada do nome Yolanda. Em uma passagem pseudo-romântica e poética, em que o casal brincava de rimar palavras com seus nomes, John não consegue encontrar nenhuma palavra que rime com “Yolanda”. Diante do insucesso, Yolanda sugere Joe, conforme ela mesma exemplifica, rima com “doe, roe, buffalo” (ALVAREZ, 1992b, p. 71). Insatisfeitos com a evolução da brincadeira, Yolanda sugere uma outra possibilidade, que seria rimar *I* com *sky*, traduzindo assim dois termos em espanhol *yo* e *cielo*. John, porém, rejeita a idéia de Yolanda, pois queria que a rima fosse com Joe e não com alguma palavra desconhecida do seu limitado universo “monolíngüe”. De acordo com M. M. Adjarian (2004, p. 124), essa passagem

[...] sugere que o monolíngüe, monocultural John não consegue aceitar Yolanda/Yo/Joe como a mulher multifacetada, multicultural que ela é. Ele deve construir ativamente uma identidade para ela usando uma palavra que tanto domestica quanto rebaixa o que ele não compreende.<sup>27</sup>

Isso equivale a dizer que ele não aceita que Yolanda recorra à sua língua materna, não aceita uma mulher bilíngüe, bicultural, lançando mão de um outro recurso, uma outra língua, no caso, para dar continuidade a uma simples brincadeira. Para Yolanda, na verdade, ela “[...] estava correndo, como os loucos, para a segurança de sua primeira língua, onde o orgulhosamente monolíngüe John não poderia alcançá-la, mesmo se ele tentasse”<sup>28</sup> (ALVAREZ, 1992b, p. 72). Ela foge do campo de ação e alcance dele e corre para o conforto e a segurança de seu apelido em espanhol, na língua em que se sente mais segura, como se ao pronunciar “Yo”, ela fosse transportada para um mundo em que nada lhe atingiria ou ameaçaria. O mundo da língua materna, em questão, seria o mundo em que o perigo ficaria de fora, o mundo em que o acesso só fosse permitido àqueles que também soubessem o mesmo código. E o fato de John não ter acesso a esse mundo suscita em Yolanda alívio, já que ali ela poderia ser ela mesma, ela estaria em controle da situação. No entanto, há também o aparecimento de uma certa consciência da falta de sintonia desse relacionamento e da sua própria postura submissa e conciliatória para poder viver bem com o marido. Diante da rima em espanhol, John retruca com um “[o]que você precisa é de um maldito psiquiatra!”<sup>29</sup> o que leva Yolanda ao seguinte comportamento:

Ela disse aquilo apenas porque eles eram diferentes, aquilo não era motivo para fazê-la se sentir louca por ser ela mesma. No final das contas, ele era simplesmente tão louco quanto ela. Meu Deus! ela pensou. Estou começando a falar igual a ele! Ela riu, ainda meio apaixonada por ele. “Okay, okay,” ela admitiu. “Nós dois somos loucos. Então, vamos os dois ao psiquiatra”. Ela

<sup>27</sup> “[...] suggests that the monolingual, monocultural John cannot accept Yolanda/Yo/Joe as the multifaceted, multicultural woman she is. He must actively construct an identity for her using a word that both domesticates and demeans what he does not understand”.

<sup>28</sup> “[...] was running, like the mad, into the safety of her first tongue, where the proudly monolingual John could not catch her, even if he tried”.

<sup>29</sup> “[w]hat you need is a goddam shrink!”.

recuou, adotando a língua dele apenas para convencê-lo.<sup>30</sup> (ALVAREZ, 1992b, p. 73).

Usar o idioma do “outro” para agradá-lo, para não criar conflito, para convencê-lo a fazer algo, para manipulá-lo, para conseguir lidar com ele, entre outras tantas razões, são estratégias para se adaptar e comunicar com o “outro”. Ao voltar à língua de John, Yolanda não está apenas se adaptando ou cedendo, mas também enfatizando para ele que o opressor/colonizador ainda tem mais poder que o oprimido/colonizado. A língua dele vence e a vontade dele impera. Yolanda não tenta convencê-lo nem mostrar a ele que o fato de ela usar a sua primeira língua não demonstra qualquer sinal de insanidade ou desequilíbrio; muito pelo contrário, esta é uma prática bastante comum exercida por qualquer estrangeiro. A língua materna funciona como um escudo, uma proteção, uma saída. Não utilizá-la e manter-se sempre ligado à língua do “outro” é ignorar a sua identidade primária. Ao recorrer a ela, o estrangeiro está, de fato, se resguardando, mas também se auto-afirmando e definindo seu espaço. Em outras palavras, ele está mostrando uma capacidade peculiar ao indivíduo bilíngüe que é a de ser flexível, de poder ir e vir também lingüisticamente. O sujeito que aceita duas línguas, reconhece-se como um sujeito no entre-lugar. No episódio acima, Yolanda recua como uma estratégia de sobrevivência no jogo relacional. Naquele momento, ela não se dispõe a travar um embate com John, seja por ter a consciência desse lugar duplo que ocupa, seja por medo de desagradar seu parceiro e, em conseqüência, fracassar sentimentalmente. Sabemos ao longo do romance que os relacionamentos amorosos da protagonista não têm sido longos, duradouros e nem promissores e vemos que é isso que ocorre posteriormente entre ela e John.

---

<sup>30</sup> “She said that just because they were different, that was no reason to make her feel crazy for being her own person. He was just as crazy as she was if push came to shove. My God! she thought. I’m starting to talk like him! Push comes to shove! She laughed, still half in love with him. ‘Okay, okay,’ she conceded. ‘We’re both crazy. So, let’s both go see a shrink.’ She winced, taking on his language only to convince him”.

Percebemos no decurso do capítulo a deterioração do relacionamento dos dois. Além da questão lingüística, evidente na falta de sensibilidade e abertura de John para lidar com sua esposa bilíngüe, as expectativas sexuais de cada um deles também aparecem como um ponto de discórdia. Eles não conseguem estabelecer outras formas de comunicação não-verbal. Sexualmente eles também falam línguas diferentes. John não percebe que Yolanda apresenta barreiras para lidar com o sexo. Ele ignora a sua origem dominicana e católica, que pouco ou nada ensina as mulheres sobre sexo e muito menos as estimula a ter relações prazerosas. Embora Yolanda e suas irmãs tenham chegado aos Estados Unidos ainda crianças, pré-adolescentes, elas haviam freqüentado colégios internos católicos escolhidos criteriosamente por seus pais, e toda a educação extra-escolar dada a elas era dentro dos mais tradicionais princípios da conservadora cultura dominicana. Ibis Gómez-Vega (1999, p. 91) confirma minhas palavras ao afirmar que

[o] problema de Yolanda com os homens surge da consciência de que fala uma língua diferente da língua dos homens pelos quais ela se apaixonou, mas a língua também está associada ao conhecimento e experiência carnal, duas áreas da qual a católica menina dominicana não domina muito bem.<sup>31</sup>

O descompasso sentimental existente entre eles leva Yolanda a abandonar o marido e voltar para a casa dos pais, para o aconchego daqueles que falam a mesma língua que ela, para o ambiente mais familiar e seguro que havia no seu mundo pouco estável e fixo. Lá, porém, ela dá sinais claros de desequilíbrio mental. “Ela falava demais, tagarelava o tempo todo. Falava dormindo, falava enquanto comia [...]. Falava usando comparações, falava por charadas. [...] Ela citava versos famosos de poesia e as frases de abertura dos clássicos”<sup>32</sup> (ALVAREZ, 1992b, p. 79). Esse pequeno excerto é bastante simbólico, porque mostra a

<sup>31</sup> “Yolanda’s problem with men springs from her awareness that she speaks a language different from the language of the men with whom she falls in love, but language is also associated with carnal knowledge and experience, two areas in which the Catholic Dominican girl is not well versed”.

<sup>32</sup> “She talked too much, yakked all the time. She talked in her sleep, she talked when she ate [...]. She talked in comparisons, she spoke in riddles. [...] She quoted famous lines of poetry and the opening sentences of the classics”.

necessidade de Yolanda de se expressar, de falar mesmo que de forma desorganizada, como a própria construção do romance, e ininterrupta, como se até aquele momento ela tivesse sido silenciada de várias formas. O romance *García Girls* é dividido em três partes, seguindo uma cronologia inversa. A primeira compreende os anos de 1972 a 1989, a segunda parte vai de 1960 a 1970. e a terceira de 1956 a 1960. Não só a ordem das partes é inversa, mas também a organização de cada capítulo dentro destas partes. Desse modo, o primeiro capítulo do romance ocorre em 1989 e o último em 1972. Outro elemento relevante dessa construção é a alternância das vozes narrativas. Para cada capítulo há um narrador diferente, ora uma das filhas, ora um dos pais. Porém, percebe-se que dentre todas estas vozes, destaca-se a de Yolanda, pois dos 15 capítulos ela narra 10 deles. Tanto a ordem dos capítulos quanto a alternância das vozes do romance apontam para um exercício de reconstrução da memória. À medida que os fatos são narrados, as lembranças vêm à tona e são registradas. Devido a isso, então, tem-se a ausência de uma cronologia linear e definida.

Precisamente no capítulo acima citado, “Joe”, as falas de Yolanda não seguiam uma ordem lógica e coerente. Era como se um botão houvesse sido acionado, desencadeando a liberação de todo o conhecimento literário armazenado em sua memória. O fato de recorrer à literatura, não apenas na referência a autores clássicos e passagens de seus textos, mas também na forma com que ela faz estas referências: comparações, charadas, cantos, rimas, fluxos de consciência – “Yo citava acertada e equivocadamente, afundando-se nos fluxos alagados de sua consciência”<sup>33</sup> (ALVAREZ, 1992b, p. 80) – demonstra a possível segurança que Yolanda encontrava nesse universo literário, ou seja, para a personagem, a literatura configurava-se como uma zona de conforto e de possível estabilidade e resposta aos seus questionamentos. Recitar, cantar, citar em voz alta repetidamente aponta para um

---

<sup>33</sup> “Yo quoted and misquoted, drowning in the flooded streams of her consciousness”.

autoproceto de elaboração e exorcismo, como se a repetição fosse a garantia de que ela encontraria alguma resposta.

Já o seu relacionamento com o marido John, tendo em vista que ele não aceitava suas diferenças culturais e lingüísticas e desejava que ela se ajustasse e se adequasse ao seu limitado mundo, leva-me a afirmar que Yolanda fora completamente dominada e silenciada por um típico WASP, personificado pelo norte-americano. Segundo Stefanko (1996, p. 60), “[a] língua transversal que Yolanda utiliza faz com que John a classifique como louca. A diferença entre eles e o seu poder como um homem anglo-americano branco ameaça dividir Yolanda”.<sup>34</sup> Essa divisão psicológica manifesta-se também no bilhete que Yolanda deixa para John ao sair de casa e cujo conteúdo gera um certo repúdio por parte de Yolanda, já que ela não suportava mais esse sentimento/personalidade/identidade fragmentad(a)o:

*Vou para a casa dos meus pais até que minha cabeça-barra-corção desanuvie. Ela revisou o bilhete: Estou precisando de um pouco de espaço, um pouco de tempo, até que minha cabeça-barra-corção-barra-alma – Não, não, não, não queria se dividir mais, três pessoas em uma Yo.*<sup>35</sup> (ALVAREZ, 1992b, p. 78; grifo da autora).

O fim do relacionamento com John evidencia mais um fracasso amoroso de Yolanda, associado à incapacidade para se comunicar com homens norte-americanos e também à imaturidade e falta de “conhecimento e experiência carnal” suficientes para levar seus relacionamentos adiante. Seu desenvolvimento sexual e relacional não tinha ocorrido no mesmo ritmo e maneira do desenvolvimento das mulheres norte-americanas, o que causa estranhamento tanto a esses homens acostumados com um outro tipo de mulher quanto a Yolanda que vem de uma cultura na qual os homens ditam as regras na cama também.

---

<sup>34</sup> “Yolanda’s transversal of language results in John’s condemnation of her as crazy. Their difference and his power as a white Anglo-American male threatens to split Yolanda”.

<sup>35</sup> “I’m going to my folks till my head-slash-heart clear. She revised the note: I’m needing some space, some time, until my head-slash-heart-slash-soul – No, no, no, she didn’t want to divide herself anymore, three persons in one Yo”.

Em um episódio quando ainda era uma estudante universitária, por exemplo, ela demonstra dificuldades para compreender metáforas e alusões a sexo escritas por um colega em um exercício feito para a aula de inglês. “Seu conhecimento de inglês é bom o bastante para permitir que ela tire boas notas nas aulas, mas ela não consegue entender muito bem a língua quando esta é usada com nuances de significados”<sup>36</sup> (GÓMEZ-VEGA, 1999, p. 91). Esse fato novamente nos remete à rígida educação que as irmãs García receberam dentro de casa e na escola secundária, sem explicações nem acesso a qualquer tipo de informação sobre o assunto.

Nos Estados Unidos, Yolanda não tinha grupos de amigas com quem ela poderia discutir as mudanças no seu corpo, e as meninas que ela conhece na ilha são apenas amigas de verão ou suas primas, não os tipos de amigas a quem boas meninas católicas fariam essas perguntas. As americanas na escola nem mesmo conversam com as dominicanas, e aquelas que conversam com elas não são amigas muito próximas para se fazer essas perguntas. Desse modo, a sexualidade de Yolanda é influenciada por sua habilidade ou inabilidade para usar a língua inglesa, e seus relacionamentos com os homens são influenciados da mesma forma.<sup>37</sup> (GÓMEZ-VEGA, 1999, p. 92).

As palavras finais do bilhete para John retratam a angústia e o sofrimento sentidos por Yolanda. Elas falam para além da dor da separação. Na verdade, são palavras que dizem respeito ao desespero e inquietação do sujeito deslocado. Yolanda não quer mais se sentir dividida, não compreendida, estrangeira. O fracasso do relacionamento com o marido metaforiza a condição exílica, em que o sujeito exilado sente-se perdido e confuso. Como ocorreu com Yolanda em relação a John, o exilado também não consegue se comunicar, também sofre com a insensibilidade daqueles que não aceitam nem compreendem sua

---

<sup>36</sup> “Her knowledge of English is good enough to let her make good grades in her classes, but she cannot really understand the language when it is used with hidden shades of meaning”.

<sup>37</sup> “In the United States, Yolanda has no group of friends with whom she can discuss the changes in her body, and the girls whom she knows in the Island are only summer friends or cousins, not the types of friends of whom proper Catholic girls would ask such questions. The American girls at school do not even speak to the Dominican girls, and the ones who speak to them are not good enough friends to be asked those questions. Thus, Yolanda’s sexuality is influenced by her ability or inability to use the English language, and her relationships with men are likewise influenced”.

condição dupla, também se angustia com a fragmentação interior inerente ao seu estado. O forte desejo pelo retorno surge como consequência dessa angústia, angústia essa causada pelo confronto com um lugar desconhecido, com uma língua que está se apreendendo, com costumes e hábitos diferentes, com todas as novidades e diferenças existentes no país hospedeiro, que muitas vezes são bastante sutis, mas que são marcantes e incômodas para quem não as conhece e é forçado a fazer parte desse universo. Retornar ao suposto lar pode, desse modo, significar a eliminação desse sentimento.

Como vimos acima, o exílio desencadeou em Yolanda um período de desequilíbrio mental que culminou na sua internação em um hospital psiquiátrico. O romance *García Girls* nos revela que outra irmã, Sandra, também precisou ser internada devido a distúrbios emocionais e dificuldade para lidar com o seu corpo e sua realidade no exílio. Adjarian (2004, p. 122) explica que

[t]odos os membros da família sofrem tanto pessoal quanto socialmente como resultado de ter que fugir de um país literalmente comprado e controlado por um homem. Entretanto, o conflito entre capital e memória se encena mais dramaticamente nos colapsos nervosos sofridos por duas filhas de Carlos, Sandi e Yolanda. Embora o dinheiro possa ter encorajado o esquecimento da família e recompensado os desejos sociais (socializados) dos García, o trauma duplo de doutrinação no sonho americano e o exílio forçado se manifesta nos corpos adultos e nas vidas (eróticas) de Sandi e Yolanda.<sup>38</sup>

A crise de Sandra foi causada pelo desejo obsessivo por um corpo magro. Vale lembrar que no auge dos anos 1960, quando a magérrima modelo Twiggy destacava-se como o maior ícone de beleza ocidental, as meninas da família García estavam em plena adolescência e descoberta de seus corpos. Sandra recusa-se veementemente a comer, refletindo precocemente a ditadura da cultura ocidental que regia que para serem bonitas e

---

<sup>38</sup> “All family members suffer both personally and socially as a result of having to flee a country literally bought up and controlled by one man. However, the conflict between capital and memory plays itself out most dramatically in the breakdowns suffered by two of Carlos’s daughters, Sandi and Yolanda. Although money may have encouraged family forgetfulness and gratified the Garcías’ social(ized) desires, a double trauma of indoctrination into the American dream and of forced exile manifests in the adult bodies and (erotic) lives of Sandi and Yolanda”.



atraentes as mulheres deveriam ser magras. Para o psiquiatra, Laura descreve o quadro anoréxico da filha como uma “dieta louca”,<sup>39</sup> já que ela “[...] queria se parecer com aquelas modelos magricelas”<sup>40</sup> (ALVAREZ, 1992b, p. 51), e ressalta: “Sandi estava um palito”<sup>41</sup> (ALVAREZ, 1992b, p. 54).

Semelhante ao comportamento delirante de Yolanda que passava o tempo citando versos e frases de livros clássicos, Sandi lia compulsivamente, conforme a descrição de Laura:

“[...] ela não largava um livro, lia, lia, lia. Era tudo o que fazia.” [...] “Tinha listas e listas de livros para ler. Achamos em seu diário. Depois que terminava um, ela o riscava da lista. Finalmente, nos disse por quê não podia parar de ler. Ela não tinha muito tempo de sobra. Tinha que ler todos as grandes obras da humanidade porque logo” – a mãe tomou coragem para dizer isso – “ela não seria humana”.<sup>42</sup> (ALVAREZ, 1992b, p. 54).

Vemos que Sandi manifesta seu desejo através de uma simultânea rejeição de comida e devoração de livros. Esse comportamento doentio, obsessivo e descontrolado como o de Yolanda, a escritora da família, no qual ambas se apropriam das palavras alheias, nos mostra a dependência da linguagem por parte das irmãs (ADJARIAN, 2004, p. 123). Embora o comportamento de uma seja o inverso do da outra, uma devora as palavras enquanto a outra as expõe, em ambos os casos elas utilizam exatamente o recurso apreendido no exílio para exteriorizarem aquilo que as incomoda. E Sandi, como Yolanda também, recorre aos clássicos do gênero masculino, porém apenas os europeus – as leituras de Sandi abrangem não só as obras de Dante, Homero, Cervantes e Calderón de la Barca, como também de Freud, Darwin, Nietzsche e Erikson –, enquanto Yolanda cita autores norte-americanos como Robert Frost, William Carlos Williams e Wallace Stevens. É relevante pensar nas falas de ambas as irmãs e o que revelam sobre seus valores e opiniões. Por que os clássicos? Por que apenas autores

<sup>39</sup> “crazy diet”.

<sup>40</sup> “[...] wanted to look like those twiggy models”.

<sup>41</sup> “Sandi was a toothpick”.

<sup>42</sup> “[...] she wouldn’t put a book down, read, read, read. That’s all she did’. [...] ‘She had lists and lists of books to read. We found them in her journal. After she finished one, she crossed it off the list. Finally, she told us why she couldn’t stop reading. She didn’t have much time left. She had to read all the great works of man because soon’ – the mother got up her courage to say it – ‘she wouldn’t be human’”.

masculinos? Por que recorrer à literatura do “outro”? Sabemos que tanto Alvarez quanto as irmãs García, especialmente Yolanda, foram iniciadas no campo literário nos Estados Unidos e sofreram imensa influência em seus trabalhos, razão pela qual Yolanda em mais de uma passagem faz menção a eles. Porém, ao citar autores canônicos norte-americanos ou europeus e do sexo masculino, elas estão justamente reforçando a crença na supremacia dos WASPs. Em seus momentos de delírio, tanto Yolanda quanto Sandra explicitam a submissão à literatura do colonizador e reforçam a condição de “outra” no país hospedeiro. O fato das listas conterem apenas nomes de autores masculinos evidencia o sentimento de inferioridade de ambas, não reconhecendo que as mulheres já estavam conseguindo alcançar os homens em vários aspectos, inclusive no literário. Esse fato revela também o quanto o patriarcalismo e a supremacia masculina ainda predominavam no inconsciente das irmãs. Embora elas já estivessem nos Estados Unidos há mais de uma década, elas não conseguiram se desvencilhar da força que o sexo oposto exercia sobre elas.

Sandra personifica as mulheres que já foram em algum momento subjugadas e inferiorizadas pelo poderio masculino. Devo apontar também que essa manifestação de Sandra a respeito da dominação masculina tem como base não apenas o fato de ser mulher em uma sociedade machista e patriarcal, como a dominicana, mas também o trauma deixado pela ditadura do General Trujillo. Não há como apagar as lembranças e imposições inculcadas por esse ditador, que exigia, por exemplo, que todas as casas dominicanas tivessem seu retrato na parede e que o tratassem como “pai” ou “benfeitor”. Em relação às mulheres, o comportamento de Trujillo era também bastante perverso e tirânico. Sabe-se que ele escolhia a dedo as jovens mulheres com as quais gostaria de se relacionar e, caso a família se manifestasse contra, havia represálias graves e violentas, fazendo com que essas moças fossem literalmente forçadas a serem entregues ao tirano para seu deleite. Embora as meninas García fossem jovens demais para carregarem as marcas da tirania e crueldade de Trujillo e

não sofreram diretamente nenhum tipo de intimidação por parte dele ou de seus capangas, não há como separá-las do contexto histórico que as levou para o exílio, tampouco como desprezar o quanto seus pais, especialmente Carlos, ficara fortemente traumatizado, como exemplificado no capítulo anterior. De acordo com Mujčinović (2004, p. 13),

[...] o passado assombrador sempre retorna para desordenar e romper o presente enunciativo, causando mais perplexidade em se auto-definir. O trauma duplica-se e torna-se transmissível à medida que a vitimização política entrelaça-se à opressão cultural e essa camada de trauma é passada para as novas gerações. Dessa maneira, o condicionamento geopolítico continua a deixar sua marca no processo de formação identitária apesar das mediações temporais e espaciais.<sup>43</sup>

Portanto, no caso de Sandra, os traumas deixados pelo regime trujillista e presentes na figura paterna foram transmitidos para a próxima geração, fazendo com que no exílio eles se manifestassem através da leitura compulsiva e do distúrbio alimentar. De fato, a leitura de autores consagrados masculinos inconscientemente revela o medo de Sandra de se opor a esse mundo comandado pelos homens e a perpetuação de um modelo imposto quando ainda era criança. Romper com esse paradigma exigiria mais tempo no exílio, mais segurança e confiança, duas características notoriamente complexas e difíceis de serem desenvolvidas por indivíduos que vivem no exílio, e um corpo supostamente menos frágil. Vale lembrar que embora o corpo de Sandra estivesse naquele momento bastante debilitado pela anorexia, era também um corpo já fragilizado devido à sua preocupação em se manter magra conforme os padrões culturais e sociais presentes na sociedade norte-americana na segunda metade do século XX. A anorexia desenvolvida pela menina também se manifesta lingüisticamente. Há algumas menções à linguagem de Sandra na explicação metafórica que Laura fornece ao médico para justificar a internação da filha em um hospital psiquiátrico: “[...] ela está

---

<sup>43</sup> “[...] the haunting past always returns to displace and rupture the enunciative present, causing more perplexity in self-definition. The trauma becomes doubled and transmissible as political victimization intertwines with cultural oppression and this layering of trauma is passed on to new generations. In this fashion, the geopolitical conditioning continues to assert its mark in the process of identity formation in spite of temporal and spatial mediations”.

fazendo uns sons horríveis como se ela fosse um zoológico”<sup>44</sup> (ALVAREZ, 1992b, p. 55). Percebe-se aí, primeiro, o incômodo familiar que a condição de Sandra acarreta. Para os pais, as dietas rígidas que Sandra seguia, aliadas ao fato dela não emitir sons compreensíveis são sinais claros de que a filha não está no seu mais perfeito juízo. Segundo, o distúrbio, a princípio apenas alimentar, acaba afetando uma outra área neurológica, demonstrando como a linguagem, uma das capacidades mais importantes desenvolvidas pelo ser humano, também pode regredir a um estágio primitivo, semelhante a dos animais, como manifestação de um estado interno. A incapacidade de emitir frases inteiras, coerentes e “humanas” reflete a impossibilidade e a não aceitação por parte de Sandra de se inserir e se manter em um mundo complexo, no qual as pessoas são forçadas a seguir certos padrões de comportamento e de estética.

Em relação à leitura compulsiva, comportamento que também gera um grande mal-estar nos pais, Sandra explica o porquê: “Ela nos disse que estava sendo expulsa da raça humana. Ela estava se transformando em um macaco”<sup>45</sup> (ALVAREZ, 1992b, p. 54). Aqui, vemos o processo psíquico de regressão, conforme mencionado acima, pelo qual a personagem passa. A volta ao estágio mais primitivo do ser humano, um comportamento bastante instintivo, revela a busca de uma vida menos complexa e conflituosa e o apego às leituras marca o seu medo de se perder, de perder uma certa lucidez, de se distanciar do mundo real. As leituras das obras dos maiores pensadores universais simbolizam a ligação com o mundo humano, racional e concreto. Sandra encontra na leitura uma estratégia de sobrevivência e uma forma de não se entregar totalmente à loucura. Esse comportamento também aponta para a condição inferiorizada do imigrante em terra estrangeira. Como Sandra, inúmeros imigrantes também sentem-se próximos de um estado primitivo, como “macacos” mesmo, por não se encaixarem no padrão do país que os recebe. No caso dos latino-

---

<sup>44</sup> “[...] she’s making these awful sounds like she’s a zoo”.

<sup>45</sup> “She told us that she was being turned out of the human race. She was becoming a monkey”.

americanos nos Estados Unidos, há a questão racial, como também a financeira e a lingüística. Todas elas contribuem para um sentimento de baixa auto-estima, inadequação e não-pertencimento.

Nos parágrafos finais do capítulo “The Blood of the Conquistadores” [O sangue dos conquistadores] de *García Girls*, Alvarez narra os últimos dias da família García na República Dominicana, antes da viagem para o exílio. Esses momentos são relembrados através da narrativa da empregada, a haitiana Chucha, que havia ficado na ilha. Chucha descreve precisamente a partida, o choro das meninas, sua preocupação com o futuro delas, e suas obrigações futuras como o cuidado com a casa e os preparativos para a viagem de outros membros do clã. Como uma espécie de benzedeira e feiticeira, Chucha também reza pela família e prevê como será a nova vida, conforme ela recorda:

Nos quartos das meninas, lembro-me de cada uma delas como um certo peso, agora no meu coração, agora nos meus ombros, agora na minha cabeça ou pés. Sinto suas perdas se empilhando como terra atirada a um caixão após ter sido colocado na cova. Vejo o futuro delas, a difícil vida pela frente. Serão assombradas pelo que lembram e não lembram. Mas elas têm espírito. Elas inventarão o que for preciso para sobreviver.<sup>46</sup> (ALVAREZ, 1992b, p. 223).

Essa fala de Chucha é um prenúncio do que aconteceria com a família no exílio. Há várias questões marcantes aí, como as perdas, a vida difícil que as espera, as lembranças e os esquecimentos causados pelo tempo e distância, e a possível solução de se inventar algo para sobreviver. Se, em um primeiro momento, temos uma Chucha pessimista em relação ao futuro das meninas, logo em seguida, na última frase, seu tom já toma um rumo mais otimista. “Inventar algo para sobreviver” passa a ser uma estratégia crucial na vida do imigrante e que aparece nos romances de Alvarez através das “invenções” de Laura e a escrita de Yolanda,

---

<sup>46</sup> “In the girls’ rooms I remember each one as a certain heaviness, now in my heart, now in my shoulders, now in my head or feet; I feel their losses pile up like dirt thrown on a box after it has been lowered into the earth. I see their future, the troublesome life ahead. They will be haunted by what they do and don’t remember. But they have spirit in them. They will invent what they need to survive”.

para citar alguns exemplos. Segundo Karen Christian (1997, p. 177), “[e]ssa necessidade de invenção é o legado dos imigrantes, uma vez que o acesso à sua terra natal e à cultura ancestral, que eles consideram como a fonte e fundação de sua história, é limitado ou inexistente”.<sup>47</sup>

No caso de Laura, a necessidade de suas invenções dizem menos respeito ao seu passado e à sua condição de imigrante, como ocorre com suas filhas, mas refere-se diretamente à diferente posição social da mulher nos dois países, como já discuti no capítulo anterior. Nos Estados Unidos, além de enfrentar verbalmente o marido, o que já é um grande avanço dentro da perspectiva machista e patriarcal da qual fazia parte, Laura começa a inventar pequenos equipamentos que facilitariam a vida das mães estadunidenses. Ela volta toda a sua atenção para essa atividade, mesmo sem obter qualquer sucesso. Na verdade, sua intenção era tornar-se tão importante e conhecida quanto fora na República Dominicana. Novamente aqui aparece a questão do sobrenome e da procedência familiar. Ser uma García de la Torre abria portas na ilha, ou melhor, apenas a menção do sobrenome já era o suficiente para que as pessoas reconhecessem que estavam diante de alguém de prestígio. Nos Estados Unidos, esse sobrenome não significava absolutamente nada, por isso então a idéia de inventar algo para que ali, longe da pátria, fosse também reconhecida.

Que mal ela podia fazer e, além do mais, precisava do reconhecimento. Ela recebia isso automaticamente no velho país por ser uma de la Torre. “García de la Torre”, Laura pronunciaria cuidadosamente, dando seu nome de solteira assim como o de casada quando eles chegaram. Mas os sorrisos inexpressivos nunca haviam ouvido o seu nome. Ela lhes mostraria. Provaria para esses americanos o que uma mulher inteligente poderia fazer com um lápis e um bloco de papel.<sup>48</sup> (ALVAREZ, 1992b, p. 139).

---

<sup>47</sup> “This necessity of invention is the legacy of immigrants, for access to their homeland and ancestral culture, which they view as the source and foundation of their history, is limited or nonexistent”.

<sup>48</sup> “What harm could she do, and besides, she needed the acknowledgement. It had come to her automatically in the old country from being a de la Torre. ‘García de la Torre’, Laura would enunciate carefully, giving her maiden as well as married name when they first arrived. But the blank smiles had never heard of her name. She would show them. She would prove to these Americans what a smart woman could do with a pencil and pad”.

Para Laura, a sobrevivência no exílio teria que remeter a algo que lhe fosse de alguma maneira familiar. Ela precisava ser alvo de atenções, de se destacar de algum modo. Assim, nada mais apropriado do que inventar um objeto que atingisse o lado consumista das mulheres norte-americanas, e que também fosse direcionado para o bem-estar e conforto delas. Mujčinović (2004, p. 46) pontua também um desejo de Laura por sua independência financeira, assim como por um deslocamento da esfera privada para a pública. Ela queria ser produtiva também fora do âmbito doméstico. “Seu desejo de aparecer com uma invenção próspera para o mercado consumidor norte-americano reflete sua necessidade de participar ativamente na esfera pública e obter poder econômico e reputação social”.<sup>49</sup>

No exílio, Laura percebeu que as mulheres também eram reconhecidas por papéis desempenhados fora da esfera familiar. Na República Dominicana, o valor da mulher ainda se restringia ao de boa mãe, dona de casa, esposa. A mulher ainda vivia à sombra do marido e se em algum momento ela alcançasse algum lugar de destaque, este se limitaria aos muros de sua casa. Nos Estados Unidos, pós-guerra, essa perspectiva já estava ultrapassada. As mulheres eram obrigadas a enfrentar o mercado de trabalho, a sustentarem seus filhos e a si mesmas, e a participarem do mundo externo. As mulheres norte-americanas buscavam não só sua independência financeira, mas também sua igualdade social com reconhecimento e respeito. Laura passou a ver naquele modelo a possibilidade de ser como essas mulheres, por isso tamanho afincamento para que suas invenções fossem aceitas.

Retomo à citação de Karen Christian de que “a necessidade de invenção é o legado dos imigrantes” para discutir como Yolanda também inventa uma atividade para si – a escrita – para sobreviver ao/no exílio, dar conta da sua condição de exilada e se aproximar da República Dominicana. As palavras passam a preencher a vida de Yolanda e, ao invés de recorrer ao mundo externo para obter as respostas, ela aposta na sua imaginação e na sua

---

<sup>49</sup> “Her desire to come up with a successful invention for the consumerist U.S. market reflects her need to take an active part in the public sphere and earn her own economic power and social reputation”.

capacidade de criação. Novamente cabe lembrar que “a família” é a temática mais utilizada por Yolanda, dado que nos remete a essa questão apontada por Christian que concerne à cultura ancestral. Escrever sobre a própria família é uma forma de se recuperar o passado, não apenas aquele construído e vivido por seus ancestrais e lembrado de geração em geração, mas também o seu próprio passado vivenciado nos anos pré-exílio.

No capítulo “The teacher” [O professor], do romance *¡Yo!*, através do ponto de vista do professor de poesia Garfield, assistimos o conflito de Yolanda para se posicionar diante de sua escrita, para assumir a escrita como uma profissão e abrir mão de outras possíveis atividades, como o de professora universitária. Garfield apresenta-nos uma aluna exemplar, cujos trabalhos “[...] ressoavam com *insight* e paixão”<sup>50</sup> (ALVAREZ, 1997, p. 73) e cujo inglês era “[...] impecável. Embora ainda exibindo um leve sotaque [...], ela tinha um domínio intuitivo típico do falante da língua de Milton e Chaucer e Shakespeare”<sup>51</sup> (ALVAREZ, 1997, p. 74). O professor faz uma retrospectiva dos últimos 15 anos em que estivera em contato com Yolanda, lembrando das várias vezes em que ela recorre a ele para que escreva cartas de recomendação para ela ingressar em um programa de pós-graduação. Porém, as cartas nunca chegam aos seus destinos finais, ora ela abandona o curso por uma paixão, ora ela resolve ir para a República Dominicana para lutar em uma revolução. Todos os contatos com Yolanda são marcados pela forte insistência de Garfield para que ela siga a carreira acadêmica, mas são tentativas frustradas por ela se esquivar dos compromissos, conforme se pode perceber no trecho abaixo:

O curso de pós-graduação era uma ótima idéia para a senhorita García. Ele havia desencorajado sua preocupação com “oficina de texto”, um campo delicado, para não dizer outra coisa. O indivíduo sempre poderia escrever em paralelo, caso quisesse, mas ele deveria ser instruído em algo substancial. [...] “Sempre achei que suas análises e trabalhos eram material de pós-graduação. Em relação ao passado, acabou. Todos nós cometemos erros. O

<sup>50</sup> “[...] sang with insight and passion”.

<sup>51</sup> “[...] flawless. Though still sporting a slight accent [...] she had a native’s intuitive grasp of the language of Milton and Chaucer and Shakespeare”.



desafio está em seguir adiante. ‘Lutar, procurar, encontrar, e nunca ceder’”, concluiu, citando Tennyson.<sup>52</sup> (ALVAREZ, 1997, p. 80).

A fala do professor é bastante reveladora e manipuladora. Ele tenta convencer Yolanda da importância de terminar um curso de pós-graduação. Se, por um lado, sua opinião tem um caráter elogioso e incentivador, por outro, Garfield apresenta um tom preconceitoso e depreciativo em relação à escolha de Yolanda em ser uma escritora, apontando constantemente a sua habilidade enquanto crítica literária e deixando a escrita para as horas vagas. Percebe-se, assim, que há a imposição do professor em ditar para Yolanda o que seria melhor para ela. Ao mesmo tempo em que emite a sua opinião porque ela sempre recorre a ele para escrever as cartas, ele se deixa levar por um desejo seu, por uma frustração sua de não conseguir escrever o seu próprio livro, “[...] o livro sobre a descoberta vitoriana do épico em forma reduzida que ele nunca tinha escrito [...]”<sup>53</sup> (ALVAREZ, 1997, p. 80).

Ao longo do capítulo, Yolanda entra em contato com Garfield outras vezes para que ele lesse seus textos e desse sua opinião. Ele, em contrapartida, continuava insistindo que ela entrasse no programa de doutorado. Esse vaivém sem fim, (movimento oscilatório de ir e vir, também associado à condição de imigrante, de pedidos, encontros, poemas, sugestões, cartas não entregues, chega ao seu fim quando Yolanda decide seguir o conselho de Garfield e entrar em um programa de doutoramento. Nesse último encontro com a aluna, no entanto, Garfield percebe que agira errado durante todos esses anos em que havia insistido para que ela se transformasse em uma acadêmica e deixasse sua escrita de lado. Ele percebe que ela decidira entrar no doutorado por razões suas (de Garfield) e não por suas próprias razões, por vocação ou desejo exclusivamente seu e sim para atender às expectativas dos outros. Ao rasgar a carta de recomendação e lhe devolver todos os manuscritos enviados para sua

<sup>52</sup> “Graduate school was a marvelous idea for Miss García. He had discouraged her preoccupation with ‘creative writing,’ a soft field to say the least. One could always write on the side if one wished, but one had to be trained in something substantial. [...] ‘I always thought your analyses and papers were graduate school material. As for the past, it’s over. We all make mistakes. The challenge is to keep moving. ‘To strive, to seek, to find, and not to yield,’” he concluded, quoting Tennyson”.

<sup>53</sup> “[...] the book on the Victorian discovery of the epic in diminished form he had never written [...]”.

apreciação, Garfield afirma: “Você tem material suficiente para um livro, dois livros. Essa é a sua tarefa, senhorita García. Ligue para mim quando estiver pronta para que eu dê uma olhada na sua versão final”<sup>54</sup> (ALVAREZ, 1997, p. 96). Embora sua primeira reação seja de se opor, de manter o discurso sobre a necessidade de se ter um título de Ph.D. para se obter um bom emprego, Garfield insiste na sua falta de escolha. Yolanda deve seguir a carreira como escritora e caso encerrado.

Esse capítulo funciona como um divisor de águas, porque é nele que Yolanda recebe um aval consistente e confiável sobre sua capacidade literária. Embora o professor aja contrariamente por mais de uma década, insistindo em um outro caminho para Yolanda e por questões que não diziam respeito diretamente a ela, percebe-se que o fato de Yolanda não conseguir concluir seus estudos, não seguir os aconselhamentos dados por Garfield, já demonstra a sua própria escolha em relação à sua carreira. Durante todos esses anos, Yolanda não deixou a escrita de lado, tanto que ela havia produzido material suficiente para dois livros. Por isso, acredito que o movimento de inconstância da personagem aponta muito mais para conflitos internos que dizem respeito à sua condição de imigrante do que para conflitos em relação a que rumo profissional tomar. A ida à República Dominicana para participar de uma revolução também revela uma busca por algo que estivesse relacionado à sua origem. Estar em contato com seu país natal acaba sendo uma tentativa de descoberta, de auto-conhecimento e de compreensão.

Em *García Girls*, havia os freqüentes retornos nas férias, e posteriormente, ou inicialmente se obedecermos a seqüência do próprio romance, o desejo de busca identitária é metaforizado pelo desejo pelas goiabas. Em *¡Yo!*, temos os retornos com o objetivo claro e explícito de se isolar do mundo e encontrar fonte de inspiração para escrever, conforme

---

<sup>54</sup> “You’ve got enough material there for a book, two books. That’s your assignment, Miss García. Call me when you are ready for me to look at your final draft”.

explicação dada pelo tio, Don Mundín, ao seu empregado a respeito da ida de Yolanda para a sua casa de campo: “Ela quer isolamento, ela quer inspiração”<sup>55</sup> (ALVAREZ, 1997, p. 114).

Desse modo, percebe-se que a escrita de Yolanda, seja ela descontínua, fragmentada como sua própria condição, seja ela sistematizada e disciplinada quando já está mais madura, fomenta a busca por uma identidade e possibilita a compreensão de seu não-lugar e/ou entre-lugar, que é seu papel de escritora nesse universo complexo, sua hibridez. Se, por um lado, há o retorno físico, a ida à República Dominicana, o passeio de carro à procura de goiabas, as temporadas na casa de campo de Don Mundín para poder escrever, há as outras inúmeras voltas que se dão no processo da escrita. Todas as vezes que Yolanda senta para escrever, que exerce a sua profissão/vocação, ela está fazendo o mesmo exercício de retorno. Tanto o retorno físico quanto o retorno “virtual” no papel não esgotam a busca, mas garantem a sua continuação. Deixar de procurar, dar essa busca por esgotada, e, até quem sabe, encontrar as respostas na realidade não resolvem as questões subjetivas levantadas com a imigração. Retornar e escrever são tentativas de compreensão da identidade. Ela não quer encontrar as respostas, mas acreditar que elas existem e ter certeza de que lhe é permitido continuar a procura.

Embora Yolanda tenha começado a escrever suas primeiras linhas nos Estados Unidos e tomado como modelo autores canônicos, como Walt Whitman, Robert Frost, Rainer Maria Rilke e Wallace Stevens, é interessante pensar nesse retorno à ilha também como um desejo inconsciente de se distanciar de formas mais conhecidas e tradicionais e, conseqüentemente, mais praticadas por ela no exílio e, portanto, tentar se aproximar de algum modelo literário mais ligado às suas origens ou, quem sabe, mais individual, com a sua cara. Nesse caso, vale pensar que a “cara” da escrita de Yolanda seria como ela: multifacetada e híbrida. Segundo Adjarian (2004, p. 124),

---

<sup>55</sup> “She wants solitude, she wants inspiration”.

[...] Yolanda é o objeto da hegemonia masculina (branca) da língua e literatura que esses escritores representam, que pode ser parte da razão pela qual ela não consegue fundir suas vidas lingüísticas. Ela não tem um modelo que a ensinara de outra forma. E seu meio não a encorajou a seguir uma vocação natural para a experimentação.<sup>56</sup>

Assim, já adulta, Yolanda parece perceber essa possibilidade e ao querer se isolar na ilha, tenta escapar desse padrão. Seria, talvez, uma tentativa de deixar de escrever como uma pseudo-norte-americana e passar a escrever como uma *Dominican-American*.

Outra possibilidade para a escolha da ilha para escrever seu livro, o que de forma alguma exclui a primeira aqui exposta, é, como já foi dito anteriormente, a busca por uma compreensão maior de sua condição e de onde seria o seu lar. Em outras palavras, esses retornos significam para Yolanda, justamente nos momentos em que ela está escrevendo um livro, isolamento, distanciamento, tranqüilidade e inspiração que o lar poderia lhe proporcionar. Acredito que, para Yolanda, escrever na República Dominicana passa por uma questão mais simbólica. Ao resolver se instalar no andar mais alto da casa de Don Mundín, “[...] um quarto como uma torre, com janelas para os quatro lados [...]”<sup>57</sup> (ALVAREZ, 1997, p. 117) para que pudesse contemplar a paisagem da ilha, Yolanda demonstra sua necessidade de estar de alguma forma próxima àquele cenário. Não bastava apenas estar na ilha, mas era preciso também “ver” a ilha de onde ela estivesse. Ouso dizer que tamanha necessidade parece ser uma forma de saciar o desejo por todo o tempo em que ela estivera distante daquele lugar, como se precisasse “devorar” tudo aquilo que estava à sua disposição, pois, talvez, fosse essa a sua única oportunidade. Vejo nessa atitude uma Yolanda faminta pela paisagem, pela proximidade com a terra, pelos habitantes mais típicos (menos influenciados por coisas estrangeiras), motivo pela qual ela também se isola do centro urbano, mesmo que dominicano.

---

<sup>56</sup> “[...] Yolanda is the subject of the (white) masculinist hegemony of language and literature these writers represent, which may account for part of the reason she cannot seem to merge her linguistic lives. She has no model that has taught her otherwise. And her environment has not encouraged her to follow a natural inclination toward experimentation”.

<sup>57</sup> “[...] a tower room with windows on all four sides [...]”.

Contudo, não posso deixar de perceber que também há um sentimento de superioridade nesse pedido. Instalar-se na parte mais alta da casa é ocupar literalmente um lugar de onde ela visse a ilha de cima para baixo, assim como os norte-americanos enxergam os imigrantes. É um olhar vertical; simbolicamente aponta para a perspectiva de Yolanda de não se ver semelhante aos habitantes daquele lugar. A torre refere-se também ao sobrenome da família: García de la Torre. Estar na “torre” fisicamente e ser uma “de la Torre” de batismo seria o mesmo que estar no topo, no pedestal, em um lugar de destaque. Enquanto na ilha ser uma García de la Torre é sinônimo de *status* e reconhecimento, sabemos que o mesmo não ocorria no exílio. Desse modo, parece que Yolanda ainda quer desfrutar desse prestígio. Seu comportamento demonstra o entre-lugar no qual a personagem se encontra. Nas atitudes contraditórias e impulsivas, Yolanda ora age como uma norte-americana, ora como uma dominicana, nunca se definindo nem encontrando um ponto de equilíbrio; em alguns momentos tentando se assemelhar, em outros não escondendo seu sentimento de superioridade.

Para tentar lidar com isso, a escrita para Yolanda configura-se como uma invenção, conforme Chucha havia previsto, para que de alguma forma ela se aproximasse de um lugar que pudesse considerar o seu lar. Tanto Alvarez quanto sua personagem utilizam a escrita de forma semelhante, pois “[é] na escrita, [Alvarez] afirma, que ela passa a entender a sua vida. ‘*El papel lo aguanta todo*,’ diz, citando sua mãe: ‘O papel agüenta tudo.’ Esse é um dos mandamentos pelo qual ela escreve e vive”<sup>58</sup> (PRESCOTT, 1999, p. 32). A noção de “lar” assim é retomada pelo e no papel. Se há a impossibilidade de se encontrar um espaço físico, localizado no mapa, para considerar como o seu “lar”, o papel dá conta dessa impossibilidade. É nele que há uma possível solução e resposta para as incertezas, as angústias, as buscas.

---

<sup>58</sup> “It is in writing, she says, that she has come to understand her life. ‘*El papel lo aguanta todo*,’ she says, quoting her mother: ‘Paper holds everything’. It is one of the commandments by which she writes and lives”.

No primeiro ensaio de *Something to Declare*, intitulado “First Muse” [Primeira musa], Alvarez (1999, p. 134) revela que a história de Sherazade em *As mil e uma noites* foi a única “leitura voluntária” feita por ela na infância durante a ditadura na República Dominicana, dado que a tradição literária dominicana ainda era predominantemente oral e as leituras não fossem atividades bem vistas por sua família. A única leitora na família era a solteirona tia Tití, cujo estado civil justificava-se pela dedicação aos livros. Foi através da narrativa da história da princesa árabe que a menina Julia descobriu que “[...] as histórias poderiam te salvar. Que as histórias poderiam enfeitiçar até mesmo fortes adultos [...]”<sup>59</sup> (ALVAREZ, 1999, p. 138). Essa descoberta da autora funciona como o seu porto seguro, sua escora, porque é nas suas narrativas que ela vai se ancorar para dar conta da sua hibridez e das escolhas que fizera ao longo da vida, como ela mesma justifica no final do capítulo:

Mas estou feliz que ela tenha entrado tão cedo na minha vida e na minha imaginação, de tal forma que sua voz não fosse completamente abafada pelas outras vozes que estavam me dizendo outra coisa. Ela foi minha primeira musa muito antes de saber o que era uma musa. Bem cedo, comecei a contar histórias para qualquer um que quisesse ouvir e até mesmo para aqueles que não quisessem. Foi só uma questão de tempo antes de eu também escutar a história que estava contando a mim mesma sobre quem eu realmente era.<sup>60</sup> (ALVAREZ, 1999, p. 145).

Como *alter ego* da escritora, Yolanda também tenta, de uma certa maneira, ser salva pelas histórias que escreve. Há aqui duas escritoras, uma de carne e osso, palpável e outra inventada, ficcionalizada, que se apoderam das histórias familiares, dos acontecimentos históricos que as cercam para construírem suas narrativas e, conseqüentemente, conseguem lidar com as incertezas, angústias e o sentimento de deslocamento causados pelo deslocamento para o exílio. Percebe-se o importante papel que a musa Sherazade

<sup>59</sup> “[...] stories could save you. That stories could weave a spell even over powerful adults [...]”.

<sup>60</sup> “But I am glad that she came so early into my life and into my imagination, so that her voice was not completely drowned out by the other voices that were telling me something else. She was my first muse long before I knew what a muse was. Early on, I began to tell stories to anyone who would listen and even to those who would not. It was just a matter of time before I, too, listened to the story I was telling myself about who I really was”.

desempenhou para que Alvarez desenvolvesse sua vocação. Ao criar uma personagem que também é escritora e compartilha desse talento, ela está projetando no seu texto questões que lhe são muito caras.

Alvarez, no entanto, nega que seus textos sejam autobiográficos, conforme entrevista dada a Heather Rosario-Sievert (1997b, p. 35) em que ela fala especificamente da criação de seu primeiro romance:

Grande parte de *The García Girls* foi baseado na minha própria experiência – os primeiros romances normalmente são. Mas há muito de ficção, a utilização de material da sua vida, mas com o interesse principal de se fazer uma boa história. É a combinação, o exagero, o refazer, o acréscimo, que a faz ser original ao invés de autobiográfica.<sup>61</sup>

Embora para ela, sua experiência sirva apenas como um material a ser utilizado e que existem elementos muito mais relevantes no processo, concernentes às técnicas, ao estilo, ao modo de escrever, acredito que o texto autobiográfico, mesmo que ficcional, nos mostra a possibilidade do autor de tocar justamente naqueles pontos que fazem muito sentido em sua vida. A seguir, discutirei o gênero ficção autobiográfica com maior detalhamento para reforçar que o texto de Alvarez possui vários elementos para se inserir nessa categoria.

---

<sup>61</sup> “A lot of *The García Girls* was based on my own experience – first novels usually are. But there is a lot of fictionalizing, using the material of your life but being primarily interested in making a good story. It’s the combining, the exaggeration, the redoing, the adding on, that makes it original rather than autobiographical”.

## EPÍLOGO

Mesmo cientes do uso de fatos históricos e dados biográficos, não devemos perder de vista o caráter ficcional de *How the García Girls Lost Their Accents* e de *¡Yo!*. Como tal, essas obras apontam para a capacidade de criação da romancista e para a ausência de compromisso com a “verdade” do universo ficcional. Alvarez se propõe a escrever romances, inventar enredos, criar personagens e a si própria ao se representar em seus textos. Produz, dessa forma, uma autobiografia ficcional, criando suas personagens fragmentadas, multifacetadas, conforme sua identidade imigrante que sempre projeta o seu entre-lugar. Faço um parêntese nesse ponto, antes de dar continuidade ao tema da autobiografia ficcional, para fazer uma breve discussão a respeito das narrativas históricas e o papel do historiador em oposição ao do romancista, refletindo o entrelaçamento da história com a literatura.

Ao discutir a relação entre a narrativa histórica e a ficcional, Hayden White (1987, p. 27) propõe que estas sejam desestabilizadas:

[...] o que distingue as histórias<sup>1</sup> “históricas” das “ficcionalis” é antes de tudo seu conteúdo, ao invés de sua forma. O conteúdo das histórias históricas são os acontecimentos reais, acontecimentos que realmente aconteceram, ao invés de acontecimentos imaginários, acontecimentos inventados pelo narrador. [...] A história contada na narrativa é uma mimese da história vivida em alguma região da realidade histórica, e na medida em que é uma imitação exata, ela deve ser considerada um relato verídico daquilo.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Na língua inglesa, há a distinção natural entre *history* e *story*, conforme pode-se perceber nas passagens em que cito Hayden White no original. Em minha tese, optei por utilizar apenas o termo “história”, uma vez que esta distinção caiu em desuso na língua portuguesa.

<sup>2</sup> “[...] what distinguishes ‘historical’ from ‘fictional’ stories is first and foremost their content, rather than their form. The content of historical stories is real events, events that really happened, rather than imaginary events, events invented by the narrator. [...] The story told in the narrative is a mimesis of the story lived in some region of historical reality, and insofar as it is an accurate imitation, it is to be considered a truthful account thereof”.



Ao discorrer sobre essas duas formas de narrar, White aponta para o entrelaçamento da história com a literatura. Há uma semelhança entre o discurso do autor de ficção e o do historiador, dado que ambos estão primeiramente interpretando eventos para então tratá-los de acordo com suas respectivas áreas e objetivos na sua narrativa. Hayden White (2001, p. 137) afirma que

[o]s historiadores ocupam-se de eventos que podem ser atribuídos a situações específicas de tempo e espaço, eventos que são (ou foram) em princípio observáveis ou perceptíveis, ao passo que os escritores literários – poetas, romancistas, dramaturgos – se ocupam tanto desses tipos de eventos quanto dos imaginados, hipotéticos ou inventados.

Tanto o romancista quanto o historiador ‘enredam’ – em inglês *emplot*, que vem de *plot* ou enredo – a realidade, porém há um compromisso maior por parte do historiador com dados, documentos e acontecimentos reais, bem como com a suposta imparcialidade ao narrar. Mas como em toda e qualquer narrativa, há escolhas a serem feitas. Há que se escolher o foco narrativo, o conteúdo a ser inserido ou descartado, o que enfatizar. São essas escolhas que levam ao cruzamento de papéis, em que o historiador passa a ser um contador de histórias e o romancista passa a ser um narrador de fatos. Segundo White (2001, p. 138),

[a]mbos desejam oferecer uma imagem verbal da “realidade”. O romancista pode apresentar a sua noção desta realidade de maneira indireta, isto é, mediante técnicas figurativas, em vez de fazê-lo diretamente, ou seja, registrando uma série de proposições que supostamente devem corresponder detalhe por detalhe a algum domínio extratextual de ocorrências ou acontecimentos, como o historiador afirma fazer. Mas a imagem da realidade assim construída pelo romancista pretende corresponder, em seu esquema geral, a algum domínio da experiência humana que não é menos “real” do que o referido pelo historiador.

O historiador também faz seus recortes e escolhas conforme lhe for mais conveniente, interpretando seu material e escrevendo um enredo para os fatos colhidos. White explica que (2001),

[o] *modo como* uma determinada situação histórica deve ser configurada depende da sutileza com que o historiador harmoniza a estrutura específica de enredo com o conjunto de acontecimentos históricos aos quais deseja conferir um sentido particular. Trata-se essencialmente de uma operação literária, vale dizer, criadora de ficção. (p. 102; grifo do autor).

A narrativa do romancista funde suas experiências com dados históricos. Com o historiador ocorre algo semelhante: fatos serão interpretados de acordo com a sua escolha pessoal, mas sua escrita é constringida pelo necessário compromisso com o real. Somado a isso, há que se levar ainda em consideração o contexto daquele que rege a narrativa. Tanto o historiador quanto o escritor estão suscetíveis às influências externas. Em tempos pós-modernos, a parcialidade da voz narrativa é inclusive prezada; o romancista, mais que o historiador, se quer deixar influenciar além dos fatos.

Nesse trabalho, a relevância de estudar um momento histórico de determinado país – os anos da ditadura trujillista na República Dominicana – consiste no fato de que tanto a escritora Julia Alvarez quanto as suas personagens têm suas vidas alteradas e reconstruídas a partir desse fato histórico. Apesar de ter deixado a República Dominicana com apenas dez anos de idade, a trajetória de sua família, que Alvarez herda, é marcada pelo turbulento contexto da ditadura.

Ela utiliza as histórias “históricas”, nos termos de White, como ponto de partida para as suas histórias “ficcionais”, e ainda mescla esses dois tipos com um terceiro, que seria a sua história autobiográfica. Desse modo, seu texto é a junção de experiências pessoais transcorridas na República Dominicana e nos Estados Unidos, nos anos pré e pós-exílio, assim como relatos de acontecimentos históricos dominicanos, principalmente durante a ditadura do General Trujillo, que de alguma forma incidem na sua história familiar. Cabe aqui, portanto, pensar de que forma Alvarez utiliza a história dentro das suas várias histórias. Quando Ross Murfin e Supryia M. Ray (1998, p. 239) discorrem que, para o novo historicismo, “[...] obras literárias tanto influenciam a realidade histórica quanto são

influenciadas por ela [...]”<sup>3</sup>, eles apontam justamente para a possibilidade de entrelaçamento a que me refiro. O texto ficcional que se apropria de fatos históricos procura utilizar esses elementos para conferir veracidade às experiências vivenciadas pelas personagens e também para construir uma outra história.

Alvarez apropria-se dos elementos da realidade, interpreta-os e tece sua narrativa ficcional com dados da história que sejam pertinentes ao enfoque literário que ela deseja imprimir em sua obra. Ao inseri-los em seu texto, estratégia para conferir verossimilhança às experiências vividas pela família García e para justificar certas atitudes e posicionamentos em relação à sua própria condição de exilada, Alvarez utiliza a literatura para inscrever o seu olhar movente sobre os fatos consolidados pelo discurso pedagógico da hegemonia tanto dominicana quanto norte-americana. Desse modo, ela revisa a história oficial da República Dominicana, reelabora o passado histórico e pessoal e, ao nos apresentar novas versões da história, dá voz àqueles que nunca tiveram a chance de se expressar. Nesta releitura crítica da história oficial, diversos pontos de vista tornam-se visíveis. O poder passa para as mãos dos homens comuns, a partir das quais múltiplas vozes refletirão múltiplas verdades.

Em se tratando de uma autora hifenizada e exilada, cujas perspectivas se movimentam, se deslocam e se confrontam, as verdades acabam por desempenhar um papel de auto-preservação e negociação dessa condição. Pautar-se na possibilidade de várias interpretações, várias possibilidades, vários panoramas faculta ao sujeito hifenizado e exilado um posicionamento crítico e questionador, mas também predisposto e talvez mais imparcial para lidar com as diferenças, com as particularidades e, portanto, com as diversas verdades. Sob essa perspectiva, percebe-se a importância da abordagem interdisciplinar – a História e a Literatura – tanto na escrita de Alvarez quanto em meu próprio trabalho investigativo.

---

<sup>3</sup> “[...] works of literature both influence and are influenced by historical reality [...]”.

No capítulo ironicamente intitulado “The Blood of the Conquistadores”, do romance *García Girls*, lê-se o relato de um episódio em que guardas de Trujillo vão à casa da família García, ainda na República Dominicana, à procura do pai, Carlos. O que chama a atenção na construção desse capítulo são as passagens em que as personagens falam não só desses guardas, mas também de como era a vida durante a ditadura:

O guarda olha para o céu, protegendo os olhos: o sol está bem acima dele, hora do almoço, hora de todo homem sentar-se à sua mesa e repartir o pão e agradecer a Deus e a Trujillo pela fartura de que o país está desfrutando.<sup>4</sup> (ALVAREZ, 1992b, p. 201).

Ou quando se lembram de um rapaz que foi morto na prisão: “Pobrezinho terminando da forma que ele terminou, enforcando-se no próprio cinto dentro de sua cela para evitar denunciar os nomes dos outros sob as torturas que os homens de confiança de Trujillo administravam”<sup>5</sup> (ALVAREZ, 1992b, p. 202). Ou, ainda, quando a mãe serve algo de comer aos guardas:

Na sala de estar, ela serve aos homens uma bandeja de banana frita em fatias finas e amendoins e *casabe* e serve para cada um uma dose de Presidente nos copos baratos em que os criados da casa bebem. Ao ver os homens observarem os pratos, ela se lembra da história que Trujillo forçava seus cozinheiros a provar sua comida antes de ele comer. Laura parte um pedaço de *casabe* para Fifi, que está ao seu lado, e outro para Yoyo. Em seguida, serve-se de amendoins e coloca-os, como uma colegial, um a um em sua boca. Os homens estendem as mãos e comem.<sup>6</sup> (ALVAREZ, 1992b, p. 203-204).

A importância desses relatos se deve à maneira como Alvarez narra esses dados que remetem aos anos de repressão. Um historiador provavelmente apenas se limitaria a

<sup>4</sup> “The guard looks up at the sky, shielding his eyes: the sun is dead center above him, noon, time for dinner, time for every man to sit down at his table and break bread and say grace to God and Trujillo for the plenty the country is enjoying”.

<sup>5</sup> “*Pobrecito* ending up the way he did, hanging himself by his belt in his cell to keep from giving out the others’ names under the tortures Trujillo’s henchmen were administering”.

<sup>6</sup> “Back in the living room, she serves the men a tray of fried plantain chips and peanuts and *casabe* and pours each one a Presidente in the cheap glasses she keeps for servants. Seeing the men eye the plates, she remembers the story that Trujillo forces his cooks to taste his food before he eats. Laura breaks off a piece of *casabe* for Fifi on one side of her, and another for Yoyo. Then she herself takes a handful of peanuts and puts them, like a schoolgirl, one by one in her mouth. The men reach out their hands and eat”.

assinalar que a população deveria rezar em nome de Trujillo ou que um sujeito foi torturado e se matou para não ter de delatar seus companheiros ou, ainda, que Trujillo só se alimentava depois que seu cozinheiro provasse a comida, por temer ser envenenado. Alvarez vai mais além. O pano de fundo histórico atravessa a ficção e ajuda a tecer a história inventada. Percebe-se, assim, uma aproximação das personagens com a História, colocando as duas disciplinas paralelas uma a outra.

Nas passagens citadas, há várias expressões que provavelmente não seriam encontradas em textos históricos, mas em textos ficcionais, informais e mais parciais, como por exemplo, “pobrezinho”, “copos baratos” e “como uma colegial”. Essas expressões apontam para a perspectiva do romancista que se coloca no texto, ora com sentimento de compaixão, ora observando detalhes e até mesmo sendo irônico. Ironia, parece-me não ser uma característica do texto histórico, no entanto, é um artifício muito utilizado no texto ficcional.

Na realidade, esse episódio da visita dos guardas e a forma como Laura lida com eles retrata vários aspectos daquele contexto. Primeiro é o *mise-en-scène* que a personagem trama para envolver e disfarçar os guardas, fazendo-os acreditar que aquelas pessoas não apresentavam nenhum perigo ao governo. Repartir a comida, dar às suas filhas e a si mesma indica que a dissimulação é uma estratégia de sobrevivência em circunstâncias arbitrárias e obscuras. Segundo, enquanto o historiador se limitaria a colocar os fatos em ordem cronológica, apenas apresentando o que ocorreu, o texto de Alvarez reproduz um clima de tensão que também é uma estratégia ficcional para prender o leitor, mas que se origina no seu próprio contato com a polícia dominicana antes da partida para o exílio.

A forma com que Alvarez escreve *No tempo das borboletas*, manifestando seu engajamento político e compromisso social, é diferente do seu posicionamento em *García Girls* e *¡Yo!*. Em seu romance histórico, o regime ditatorial apresenta-se como ponto central

para o desenvolvimento da história, funcionando como o grande causador de tragédias e opressão, enquanto nos romances discutidos em meu trabalho, ele é apenas o elemento desencadeador da trama. A ditadura é a causa do exílio e de algum trauma que ela pode ter deixado, recebendo um papel secundário no texto. Em *¡Yo!*, por exemplo, o fio condutor são os relatos a respeito da personagem Yolanda que, por acaso, tem um passado ligado à ditadura, não tendo como objetivo recuperar a ditadura em todo seu horror. Observa-se que tanto nos romances ficcionais quanto no seu primeiro romance histórico, Alvarez apresenta personagens que tiveram suas vidas entrelaçadas com um acontecimento histórico específico, não obstante seu engajamento com o texto ficcional se dá através de uma outra ordem.

Segundo o crítico francês Philippe Lejeune (1975, p. 14), autobiografia define-se como “[o] relato retrospectivo em prosa que um sujeito faz de sua própria existência, enfatizando sua vida individual e, em particular, a história de sua personalidade”.<sup>7</sup> E para a sua plena realização em termos de gênero, Lejeune aponta que o texto deve se enquadrar em quatro categorias fundamentais: primeira, que a narrativa seja construída em prosa; segunda, que o assunto abordado seja a vida do indivíduo; terceira, que ambos, autor e narrador, possuam a mesma identidade e personalidade; e quarta, que o narrador e o protagonista sejam idênticos, e que a perspectiva narrativa seja em retrospectiva.

Ao longo do primeiro capítulo do livro *Le pacte autobiographique*, Lejeune discorre sobre a diferença entre a autobiografia e o romance autobiográfico, concluindo que um texto autobiográfico constitui-se a partir de uma espécie de contrato firmado entre autor e leitor, denominado de “pacto autobiográfico”. A importância deste contrato está na premissa de que “[...] ele de fato determina a atitude do leitor: se a identidade não é declarada (como na ficção), o leitor tentará estabelecer semelhanças, a despeito do autor; se é declarada (como na

---

<sup>7</sup> “Récit rétrospectif en prose qu’une personne réelle fait de sa propre existence, lorsqu’elle met l’accent sur sa vie individuelle, en particulier sur l’histoire de sa personnalité”.

autobiografia), o leitor desejará procurar por diferenças (equivocos, deformações, etc.)”<sup>8</sup> (LEJEUNE, 1975, p. 26). Portanto, é somente a partir do pacto entre as duas partes, no qual o leitor classifica o texto do autor, é que há a definição do gênero e ele poderá, então, pautar a sua leitura.

Para Wander Melo Miranda (1992, p. 30),

[...] todos os textos ficcionais que se aproximam dessa definição ou permitem ao leitor suspeitar da identidade entre autor e protagonista, embora o primeiro negue ou não afirme tal identidade, não são considerados como autobiografia *stricto sensu*, porque para Lejeune, esta não comporta graus — é tudo ou nada. Entretanto, mesmo em sentido restrito, a autobiografia tende a assimilar técnicas e procedimentos estilísticos próprios da ficção. Isso evidencia o paradoxo da autobiografia literária, a qual pretende ser simultaneamente um discurso verídico e uma forma de arte, situando-se no centro da tensão entre a transparência referencial e a pesquisa estética e estabelecendo uma gradação entre textos que vão da insipidez do *curriculum vitae* à complexa elaboração formal da pura poesia.

O pacto autobiográfico de Philippe Lejeune, no entanto, restringe-se à narrativa da história pessoal de um sujeito, somada à história de um tempo e um contexto específico. A partir da afirmação de Wander Melo Miranda, é possível perceber que mesmo aquelas narrativas autobiográficas, mais simples e escassas de artifícios literários, ainda assim apresentam-se de forma ficcional. E se isso, para Miranda, caracteriza essas narrativas como paradoxais, é preciso então perceber que na autobiografia ficcional esse paradoxo não ocorreria, já que nela a realidade adentra a ficção.

Embora Julia Alvarez justificadamente não classifique sua escrita como autobiografia, em que haveria a presença dos elementos estabelecidos por Lejeune como, por exemplo, a identidade declarada entre autor, narrador e protagonista, percebe-se pelos vários elementos presentes em seus textos que estes possuem, de fato, um veio autobiográfico. Ao cruzarmos passagens de seus romances com ensaios do livro *Something to Declare*,

---

<sup>8</sup> “[...] qu’il détermine en fait l’attitude du lecteur: si l’identité n’est pas affirmée (cas de la fiction), le lecteur cherchera à établir des ressemblances, malgré l’auteur; si elle est affirmée (cas de l’autobiographie), il aura tendance à vouloir chercher les différences (erreurs, déformations, etc.)”.

descobrimos que Alvarez cria personagens que se aproximam de pessoas reais de seu convívio. Seu pai e Carlos García, por exemplo, exerciam a mesma profissão, partiram da República Dominicana pelos mesmos motivos e passaram pelas mesmas angústias no exílio. Yolanda e Alvarez apresentam a mesma trajetória de vida, tanto como escritoras como professoras universitárias. Ambas passaram por dificuldades em seus relacionamentos amorosos devido à sua condição fragmentada. Os lugares retratados em seus romances coincidem com aqueles visitados pela autora ou nos quais ela já viveu. A grande família composta por inúmeros tios, primos, agregados aparecem tanto nos ensaios como nos romances. Esses cruzamentos reforçariam a relação entre vida e arte em seus textos e acentuariam a idéia de transformar o que foi realmente vivido em algo ficcional. Nos romances de Alvarez analisados neste trabalho, todos os indivíduos, lugares, acontecimentos e até mesmo sentimentos recebem tratamento literário e não se configuram apenas como a memória da vida da família de Alvarez. Isto se justifica pelas suas fichas catalográficas que os classificam de romances e pelo fato de que, em nenhum momento, Alvarez se coloque como a narradora, tampouco insira seu próprio nome, fazendo com que tanto *García Girls* quanto *¡Yo!* façam parte de um outro gênero literário, denominado autobiografia ficcional. Neste sentido, Alvarez estabelece um outro tipo de pacto com o seu leitor, denominado por Lejeune (1975, p. 27, grifo do autor) de “pacto ficcional”, no qual há dois aspectos essenciais: “[...] *a prática patente da não identidade* (o autor e o protagonista não possuem o mesmo nome) [e] *a afirmação da ficcionalidade* (em geral é o subtítulo *romance* que atualmente desempenha essa função na capa [...])”.<sup>9</sup>

Em paralelo, o autor de uma autobiografia ficcional propositalmente descaracteriza sua narrativa de traços autobiográficos por excelência: nomes, datas, locais, “estatísticas vitais” do próprio autor, conforme expressão utilizada por Lejeune. Julia Alvarez

---

<sup>9</sup> “[...] *pratique patente de la non-identité* (l’auteur et le personnage ne portent pas le même nom), *attestation de fictivité* (c’est en général le sous-titre *roman* qui remplit aujourd’hui cette fonction sur la couverture [...])”.



realiza exatamente este procedimento em seus romances, construindo, desse modo, um novo narrador, difuso e fragmentado, que, de certo modo, confunde o leitor, pois,

[...] mesmo não querendo fazer a relação direta entre as personagens do escritor e seu eu empírico, acaba por tomar essa semelhança devido ao propósito do próprio autor em subverter o gênero autobiografia, criando para si mesmo uma autobiografia ficcional.” (CAMARGO, 2007, p. 35).

Vale pontuar, no entanto, que para vários críticos literários não é possível traçar uma linha definida para separar um texto autobiográfico de uma ficção autobiográfica, ou autoficção, termo francês para narrativa ficcional ou ficção autobiográfica. A partir das discussões de Roland Barthes e outros críticos franceses, Smith e Watson (2001, p. 186) explicam que

[o] “real” referencial enquanto algo que está “externo” ao texto não pode ser escrito, o sujeito é inescapavelmente uma ficção instável, e a fronteira entre autobiografia e ficção permanece ilusória. Enquanto a narrativa de histórias autobiográficas emprega táticas e gêneros ficcionais, a autoficção, no entanto, utiliza marcadores textuais que sinalizam uma interação intencional, muitas vezes irônica, entre as duas modalidades.<sup>10</sup>

No ensaio “Grounds for fiction” [Bases para a ficção], em *Something to Declare*, Julia Alvarez discorre a respeito dos temas sobre os quais escreve e de onde estes surgem. Uma questão delicada na qual esbarra é a possibilidade de magoar alguém da família ou algum amigo quando eles conseguem detectar “[...] o contorno do real atrás do contorno da sua ficção”<sup>11</sup> (ALVAREZ, 1998, p. 274-275). Uma vez que grande parte do material de sua escrita é encontrada e retirada de suas próprias experiências pessoais, é natural que os indivíduos com os quais convive ou já conviveu apareçam de alguma forma em seus textos e que estes, conseqüentemente, se reconheçam ali e cobrem dela algum tipo de satisfação. Se, por um lado, a autora não sabe como resolver essa questão e muito menos deixar de recorrer a

<sup>10</sup> “The referential ‘real’ assumed to be ‘outside’ a text cannot be written; the subject is inescapably an unstable fiction; and the autobiography-fiction boundary remains illusory. While autobiographical storytelling employs fictional tactics and genres, however, autofiction uses textual markers that signal a deliberate, often ironic, interplay between the two modes”.

<sup>11</sup> “[...] the shape of the real behind the form of your fiction”.

esse material, por outro, neste ensaio, ela tenta teorizar sobre a responsabilidade que possa ter sobre estas pessoas, conforme podemos observar no trecho abaixo:

Uma das minhas teorias, que pode soar como defesa e egoísmo, é que não existe uma ficção genuína. Há apenas níveis de distanciamento das nossas próprias experiências de vida, o que nos leva a escrever em primeiro lugar. Apesar do nosso cuidado e precaução, partes de nossas vidas atravessarão o que escrevemos. [...] Penso que se você começar a se censurar como romancista – *isto está fora de questão, aquilo é sagrado* – você nunca escreverá nada. [...] Frequentemente, uma reação de aborrecimento tem mais a ver com a vaidade ferida das pessoas ou questões mal resolvidas delas com *you* do que o que você escreveu. Não estou falando agora de maldade ou revanche disfarçada de leve de ficção, mas das sérias tentativas de uma escritora de fazer justiça ao mundo em que vive, que inclui, querendo ela ou não, as pessoas que ama ou tentou amar, as pessoas que fazem parte das memórias, detalhes, experiências de vida que formam o tecido completo da sua realidade – da qual, com medo e uma mão trêmula, ela deve necessariamente traçar sua ficção.<sup>12</sup> (ALVAREZ, 1998, p. 275-276; grifo da autora).

A explanação de Alvarez sobre as bases da escrita nos leva a pensar em dois pontos: primeiro, a possível definição para “ficção genuína”, termo que Alvarez utiliza acima e, segundo, a justificativa fornecida por Yolanda García ao se deparar com a indignação de suas irmãs no primeiro capítulo de *¡Yo!*. Ao dizer que “não existe uma ficção genuína”, acredito que Alvarez esteja afirmando que nenhum texto ficcional está totalmente dissociado de qualquer relação com a realidade, logo ele não é genuíno, puro, mas sempre híbrido. Todos os textos de alguma maneira revelam ou refletem algum aspecto, seja ele histórico, social ou pessoal, relacionado a seu autor. Por isso, não há como os romances alvarezianos, no caso, estarem isentos da presença de algum elemento da vida da escritora. Já em relação à escrita de Yolanda, a personagem-escritora, como Alvarez, também utiliza o mesmo material como

---

<sup>12</sup> “One of my theories, which might sound defensive and self-serving, is that there is no such thing as straight-up fiction. There are just levels of distance from our own life experience, the thing that drives us to write in the first place. In spite of our caution and precaution, bits of our lives will get into what we write. [...] I think that if you start censoring yourself as a novelist – *this is out of bounds, that is sacrosanct* – you will never write anything. [...] More often than not, an upset reaction has more to do with people’s wounded vanity or their own unresolved issues with *you* rather than what you’ve written. I’m not speaking now of meanness or revenge thinly masquerading as fiction, but of a writer’s serious attempts to render justice to the world she lives in, which includes, whether she wants it to or not, the people she loves or has tried to love, the people who have been a part of the memories, details, life experiences that form the whole cloth of her reality – out of which, with fear and a trembling hand, she must perforce cut her fiction”.

inspiração, conforme a resposta dada a uma de suas irmãs: “[o] que a arte vai espelhar se não a vida? Todos, digo todos, escrevem a partir de sua própria experiência!’ [...] ‘Mas é ficção!’”<sup>13</sup> (Alvarez, 1997, p. 9). Ao afirmar que sua escrita é uma ficção, tanto Alvarez quanto Yolanda eximem-se de certos constrangimentos e censuras e enfatizam o caráter imaginário, criativo, fantasioso e livre presente em qualquer texto ficcional. Vale lembrar que quando o autor se propõe a fazer este tipo de texto, ele está sinalizando para o seu leitor de que o que lê é pura ficção e não algo que tenha qualquer compromisso com a realidade. Ao subverter com a lógica própria das narrativas genuinamente autobiográficas, o leitor das autobiografias ficcionais é deslocado, suas expectativas e estratégias são quebradas, pois o autor faz questão de levá-lo ao encontro de situações inesperadas e surpreendentes.

A escrita autobiográfica ficcional de Julia Alvarez aponta para a sua condição de escritora que não precisa seguir os padrões convencionais para organizar seus textos, permitindo a ela criar vários narradores, desvincilhar-se da cronologia dos fatos, e distanciar-se dos acontecimentos para poder representá-los criticamente. Fábio Camargo (2007, p. 46-47) explica que:

[o] autor empírico sabe que ele está intimamente ligado ao que escreve e que tudo aquilo que ele imprime no papel está em alguma parte de seu próprio corpo, arquivado em tecidos, e, mesmo que os fatos não tenham sido vividos, ele está impregnado da vivência de outros livros, está carregado da vida de outras personagens de papel e tinta com as quais ele já travou contato um dia. Escrever uma autobiografia ficcional é colocar-se em contato direto com o mundo através dessa mediação que só a escritura é capaz de fazer.

Podemos dizer, portanto, que a escrita ajuda a mediar as diversas instâncias em que nós, seres fragmentados, nos encontramos. Na obra de Alvarez, autor e narrador se fundem, fazendo com que seu texto se instale em um entre-lugar, uma vez que não é puramente a escrita da vida do sujeito empírico, da autora Julia Alvarez, tampouco apenas a

---

<sup>13</sup> “‘What’s art going to mirror if it isn’t life? Everybody, I mean everybody, writes out of his or her own experience!’ [...] ‘But it’s fiction!’”.

escrita da vida de um ser de papel, suas personagens. A autobiografia ficcional alvareziana localiza-se justamente neste entre-lugar do encontro de Alvarez e suas criações.

Também é pertinente ressaltar que a estrutura de ambos os romances *García Girls* e *¡Yo!* nos indica que o cruzamento entre história, autobiografia e ficção se realiza exatamente porque tanto a autora quanto suas personagens encontram-se na fronteira e têm a possibilidade de se expressarem através de uma perspectiva que considera os três lados. Em um outro ensaio de *Something to Declare*, “Doña Aída, with your permission” [Dona Aída, com sua permissão], Julia Alvarez (1998, p. 173) reflete sobre seu hibridismo e mostra que é exatamente por estar nessa condição hifenizada, porém multicêntrica, que é possível entender o mundo atualmente.

Estar dentro e fora de ambos os mundos, olhar para um lado a partir do outro lado. [...] Essas perspectivas incomuns são normalmente sobre o que escrevo. [...] essa perspectiva multicultural é a perspectiva de alguns dos escritores mais interessantes do final do século 20 [...]. Somos um mundo móvel; as fronteiras estão se desfazendo; as nacionalidades estão “a caminho”, freqüentemente por razões devastadoras. Uma perspectiva multicultural é cada vez mais a maneira de se compreender o mundo.<sup>14</sup>

A compreensão de mundo a que Alvarez se refere diz respeito à idéia de negociação e mediação, à qual me referi anteriormente. A autora reproduz isso constantemente em seus textos. Na perspectiva de Alvarez, não há medo de perder o que já alcançou no exílio, tanto em termos profissionais quanto pessoais, tampouco parece haver qualquer receio em relação à República Dominicana, o que justifica seus retornos à ilha para cultivar café, abrir uma escola, criar uma biblioteca, etc. Sua negociação se dá conscientemente nessa escrita que procura mostrar pontos positivos e negativos das duas pátrias imaginárias, sempre em busca de estabilidade e conforto nas duas, por mais dolorosas

---

<sup>14</sup> “Being in and out of both worlds, looking at one side from the other side. [...] These unusual perspectives are often what I write about. [...] this multicultural perspective is the perspective of some of the most interesting writers of this late twentieth century [...]. We’re a mobile world; borders are melting; nationalities are on the move, often for devastating reasons. A multicultural perspective is more and more the way to understand the world”.

e sofridas que tenham sido as experiências vivenciadas nelas. A personagem Yolanda, por sua vez, não parece ter encontrado o mesmo caminho que sua criadora, pelo menos em relação à sua busca. Embora tenha conseguido se estabelecer como escritora e professora universitária e tenha recebido a benção do pai para continuar seu “destino” (ALVAREZ, 1997, p. 309) de contadora de histórias, sua procura pelo lar persiste, na medida em que parece ainda acreditar que encontrará uma pátria. Em ambos os romances, o retorno à ilha e a escrita apontam para isso.

A relevância de se aprofundar na obra de Julia Alvarez e de Yolanda García deve-se ao fato de que ao produzir ficções autobiográficas, elas estão, na realidade, nos apontando os diversos caminhos que autora, personagem-escritora e suas personagens imigrantes percorrem para conseguir lidar com sua condição hifenizada. A negociação que esses indivíduos ficcionais elaboram para sobreviver nesse novo contexto ocorre justamente porque estão na fronteira e podem se representar de forma múltipla. O fato de que Julia Alvarez/Yolanda García e suas famílias conseguiram sobreviver ao/no exílio é refletido em suas obras e indica a real possibilidade de sobrevivência desses imigrantes, mesmo que ao longo desse caminho haja percalços, sofrimentos, perdas, decepções e insucessos.

Penso que a impossibilidade de se encontrar a pátria tão desejada situada em um lugar específico no mapa faz com que a grande pátria das duas escritoras seja a escrita. Intelectuais como Edward Said, Stuart Hall e tantos outros nomes, exilados de suas terras natais fisicamente ou não, também encontraram na escrita suas respectivas pátrias, transformando a escrita em seus *locus* de enunciação. Desse modo, é na escrita que tanto Julia Alvarez quanto Yolanda García se reconhecem, se ficcionalizam e se salvam. É no espaço da ficção e através da personagem de Yolanda García que Alvarez elabora a sua identidade que, mesmo fragmentada e deslocada, é aquela com a qual ela tem que conviver. Por isso a escrita

funciona como elo entre realidade e ficção, inglês e espanhol, local e global na qual ela se exercita sem medo de descerrar suas verdades mais recônditas.

## REFERÊNCIAS

### Obras de Julia Alvarez

ALVAREZ, Julia. *A cafecito story*. White River Junction: Chelsea Green Publishers, 2001a.

ALVAREZ, Julia. A clean windshield. In: LYONS, Bonnie; OLIVER, Bill (Eds.). *Passion and craft: conversations with notable writers*. Urbana and Chicago: University of Illinois Press, 1998a. p. 128-144.

ALVAREZ, Julia. *A gift of gracias*. New York: Knopf Book for Young Readers, 2005.

ALVAREZ, Julia. An American childhood in the Dominican Republic. *The American Scholar*, n. 56, p. 71-85, Winter 1987.

ALVAREZ, Julia. Ay, Papi!!! *Latina*, p. 53-55, jun. 2003.

ALVAREZ, Julia. *Before we were free*. New York: Knopf Book for Young Readers, 2002.

ALVAREZ, Julia. Disappeared does not take a helping verb in English. *Syracuse Magazine*, v. 10, n. 4, p. 32-37, Summer 1994a.

ALVAREZ, Julia. Does color matter to us? *Latina*, p. 51-54, Fall 1996a.

ALVAREZ, Julia. *Finding miracles*. New York: Knopf Book for Young Readers, 2004a.

ALVAREZ, Julia. Hold the mayonnaise. *New York Times*, New York, 12 jan. 1992a. The New York Times Magazine, p. 14, 24.

ALVAREZ, Julia. *Homecoming: New and Collected Poems*. New York: Plume, 1996b.

ALVAREZ, Julia. *How the García girls lost their accents*. New York: Plume, 1992b.

ALVAREZ, Julia. *How Tía Lola came to visit stay*. New York: Knopf Book for Young Readers, 2001b.

ALVAREZ, Julia. *In the name of Salomé*. Chapel Hill: Algonquin Books, 2000a.

ALVAREZ, Julia. *In the time of the butterflies*. Chapel Hill: Algonquin Books, 1994b.

ALVAREZ, Julia. My first free summer. *Better Homes & Gardens*. p. 118, 120, ago. 2003.

ALVAREZ, Julia. *Once upon a quinceañera: coming of age in the U.S.A.* New York: Viking Adult, 2007.

ALVAREZ, Julia. *Saving the world*. Chapel Hill: Algonquin Books, 2006.

ALVAREZ, Julia. *Seven trees*. North Andover: Kat Ran Press, 1998b.

ALVAREZ, Julia. *Something to declare*. New York: Plume, 1999.

ALVAREZ, Julia. *The other side / El outro lado*. New York: Dutton, 1995.

ALVAREZ, Julia. *The secret footprints*. New York: Knopf Book for Young Readers, 2000b.

ALVAREZ, Julia. "The White House has disinvited the poets". Poets against war. Disponível em: <[www.poetsagainsthewar.org/displaypoem.asp?AuthorID=3090](http://www.poetsagainsthewar.org/displaypoem.asp?AuthorID=3090)>. Acesso em: 29 nov. 2006.

ALVAREZ, Julia. *The woman I kept to myself*. Chapel Hill: Algonquin Books, 2004b.

ALVAREZ, Julia. *¡Yo!* New York: Plume, 1997.

### **Bibliografia geral**

ABDULHADI, Rabab. Where is home? Fragmented lives, border crossings, and the politics of exile. *Radical History Review*, n. 86, p. 89-101, Spring 2003.

ACIMAN, André (Ed.). *Letters of transit: reflections on exile, identity, language, and loss*. New York: The New Press, 2000.

ADAM, Alfred Mac. Syncretism and exile: Latin American counterpoint. *Review: Latin American Literature and Arts*, v. 54, p. 5-10, Spring 1997.

ADJARIAN, M. M. *Allegories of desire: body, nation, and empire in modern Caribbean literature by women*. Westport, Conn.: Praeger, 2004.

AHMED, Sara. Home and away: narratives of migration and estrangement. *International Journal of Cultural Studies*, v.2, n. 3, p. 329-347, 1999.

ALVAREZ, Julia. In: GUTIÉRREZ, Franklin. *Diccionario de la literatura dominicana*. Santo Domingo, República Dominicana: Editora Búho, 2004. p. 24-26.

ALVAREZ, Julia. In: NARINS, Brigham; STANLEY, Deborah A. (Eds.). *Contemporary literary criticism*. Detroit: Gale Research, 1996. v. 93, p. 1-20.

ALVAREZ, Julia. In: TELGEN, Diane; KAMP, Jim (Eds.). *Notable Hispanic American women*. Detroit: Gale Research, 1993. p. 14-17.

ALVAREZ, Julia. *¡Yo!* New York: Plume, 1997. Resenha de: FLORES, Yolanda. *Letras Femeninas*, v. XXVI, n. 1-2, p. 256-257, Primavera-Otoño 2000.



ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. Tradução Lólio L. de Oliveira. São Paulo: Ática, 1989.

ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/la frontera*. San Francisco: Spinsters/Aunt Lute, 1987.

ANZALDÚA, Gloria. Chicana artists: Exploring *Nepantla, el lugar de la frontera*. In: DARDER, Antonia; TORRES, Rodolfo D. *The Latino studies reader: culture, economy, and society*. Malden, Mass.: Blackwell Publishers, 1998. p. 163-169.

APPIAH, K. Anthony. The multiculturalist misunderstanding. *The New York Review of Books*, New York, 9 out. 1997. p. 30-36.

ASCH, Kim. Two homes: one heart: fiction forms the bridge between home and heart, *Middlebury Magazine*, Middlebury, v. 74, n. 4, p. 46-51, Fall 2000.

ASSIMILAÇÃO. In: CASHMORE, Ellis. *Dicionário de relações étnicas e raciais*. Tradução Dinah Kleve. São Paulo: Selo Negro, 2000. p. 84-86.

BARAK, Julie. "Turning and turning in the widening gyre": a second coming into language in Julia Alvarez's *How the García girls lost their accents*. *MELUS*, v. 23, n. 1, Latino/a Literature, p. 159-176, Spring 1998.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução Myriam Ávila; Eliana Lourenço de Lima Reis; Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BHABHA, Homi K. (Ed.). *Nation and narration*. London: Routledge, 1991.

BING, Jonathan. Julia Alvarez. In: STEINBERG, Sybil; BING, Jonathan (Eds.). *Writing for your life #3*. Wainscott, NY: Pushcart, 1997. p. 6-10.

BING, Jonathan. Julia Alvarez: books that cross borders. *Publishers Weekly*, p. 38-39, 16 dez. 1996.

BRAZIEL, Jana Evans; MANNUR, Anita. Nation, migration, globalization: points of contention in diaspora studies. IN: BRAZIEL, Jana Evans; MANNUR, Anita. *Theorizing diaspora: a reader*. Malden, Mass.: Blackwell Publishing, 2005. p. 1-22.

BRENNAN, Timothy. The national longing for form. In: BHABHA, Homi K. (Ed.). *Nation and narration*. London: Routledge, 1991. p. 44-70.

BROWN, Isabel Z. Historiographic metafiction in *In the time of the butterflies*. *South Atlantic Review*, v. 64, n. 2, p. 98-112, Spring 1999.

CAMARGO, Fábio Figueiredo. *A transfiguração narrativa em João Gilberto Noll: A céu aberto, Berkeley em Bellagio e Lorde*. Orientadora: Melânia Silva de Aguiar. 2007. 154 f. Tese (Doutorado em Literaturas de Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

CAMINERO-SANTANGELO, Marta. *The madwoman can't speak or why insanity is not subversive*. Ithaca: Cornell University Press, 1998.

CAMINERO-SANTANGELO, Marta; BOLAND, Roy C. (Eds.). Cultural collisions and cultural crossings: psychic borderlands in the works of Julia Alvarez, Manlio Argueta and Alfredo Conde. *Antípodas: Journal of Hispanic and Galician Studies of Australia and New Zealand*, v. 10, 1998.

CAMPOS-BRITO, Rosa. *Hacia una diaspó-America: imaginarios transnacionales en textos contemporáneos de caribeñas en los Estados Unidos*. 2001. Tese – Department of Spanish and Portuguese, University of New Mexico. 2001.

CHABRAM-DERNERSESIAN, Angie. Latina/o: another site of struggle, another site of accountability. In: POBLETE, Juan (Ed.). *Critical Latin American and Latino studies*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2003. p. 105-120.

CHASAR, Mike; PIERCE, Constance. Interview with Julia Alvarez. *Glimmer Train Stories*, n. 25, p.127-147, Winter 1998.

CHESSHER, Melissa. Double exposure: Julia Alvarez on the Dominican Republic. *American Way*, p. 56-59, 1 jul. 1998.

CHRISTIAN, Karen. *Show and tell: Identity as performance in U.S. Latina(o) fiction*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1997.

COCCO DE FILIPPIS, Daisy. Entre dominicanos: Una lectura de “Las cuatro niñas”. *Bulletin Centro de Estudios Puertorriqueños*, p. 91-95, Winter 1989-1990.

COCCO DE FILIPPIS, Daisy. Escritoras combativas, combatidas y combatientes. In: COLLADO, Miguel; ROMERO, Rafael García (Comps.). *Ensayos críticos sobre escritoras dominicanas del siglo XX*. Santo Domingo, República Dominicana: Ediciones CEDIBIL, 2002. p. 521-554.

COCHRAN, Brian. Singing makes everything else possible: An interview with Julia Alvarez. *River Styx*, n. 53, p. 1-17, Fall 1998.

DARDER, Antonia; TORRES, Rodolfo D. *The Latino studies reader: culture, economy, and society*. Malden, Mass.: Blackwell Publishers, 1998.

DAWES, Kwame. Our world: the other tribe. *Essence Magazine*, v. 33, n. 5, p. 128, set. 2002.

DELGADO, Richard; STEFANCIC, Jean (Eds.). *The Latino/a condition: a critical reader*. New York: New York University Press, 1998.

DI PIETRO, Giovanni. *La dominicanidad de Julia Alvarez*. Puerto Rico: Editora Imago Mundi, 2002.

ELLIS, Juniper. Return to exile: locating home. *Jouvert: a journal of postcolonial studies*, v. 2, n. 2, 1998. Disponível em: <<http://social.chass.ncsu.edu/jouvert/v2i2/ellis.htm>>. Acesso em: 30 maio 2007.

ESDAILLE, Milca. Same trip, different ships. *Black Issues Book Review*, v. 3, n. 2, p. 40-41, mar./abr. 2001.

FAUSTO, Boris (Org.). *Fazer a América: a imigração em massa para a América Latina*. São Paulo: Edusp, 2004.

FERLY, Odile. "Giving birth to the island": the construction of the Caribbean in Julia Alvarez's fiction. *Mots Pluriels*, n. 17, abr. 2001. Disponível em: <[www.arts.uwa.edu.au/MotsPluriels/MP1701of.html](http://www.arts.uwa.edu.au/MotsPluriels/MP1701of.html)>. Acesso em: 28 maio 2007.

FERNÁNDEZ, Roberta (Ed.). *In other words*. Literature by Latinas of the United States. Houston, TX: Arte Público Press, 1994.

FLORES, Juan. Broken English memories. *Modern Language Quarterly*, v. 57, n. 2, p. 381-395, jun. 1996.

FLORES, Juan. *From bomba to hip-hop: Puerto Rican culture and Latino identity*. New York: Columbia University Press, 2000.

FLORES, Juan; YÚDICE, George. Fronteiras vivas/Buscando América: as línguas da formação latina. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (Org.). *Y nosotras latino americanas? Estudos sobre gênero e raça*. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 1992. p. 69-86.

FORNET, Ambrosio. The Cuban literary diaspora and its contexts: a glossary. *Boundary 2*, v. 29, n. 3, p. 91-103, Fall 2002.

FRANCO, Jean. Foreword. In: FERNÁNDEZ, Roberta (Ed.). *In other words*. Literature by Latinas of the United States. Houston, TX: Arte Público Press, 1994. p. xiv-xx.

FRUCHT, Abby. That García girl. *New York Times*, New York, 9 fev. 1997. *New York Times Book Review*, p. 19.

GAFFNEY, Karen. Julia Alvares, ¡Yo! In: QUINTANA, Alvina E. (Ed.). *Reading U.S. Latina writers: remapping American literature*. New York: Palgrave MacMillan, 2003. p. 15-23.

GARCIA, John A. Latinos. In: CASHMORE, Ellis. *Encyclopedia of race and ethnic studies*. London: Routledge, 2004. p. 239-243.

GARNER, Dwight. Julia Alvarez: Plenty of talent, no pretension. *Salon Magazine*, 5 out. 1998. Disponível em: <[www.cnn.com/books/news/9810/05/alvarez.salon/index.html](http://www.cnn.com/books/news/9810/05/alvarez.salon/index.html)>. Acesso em: 21 fev. 2008.

GEORGE, Rosemary Marangoly. *The politics of home: postcolonial relocations and twentieth-century fiction*. Berkeley: University of California Press, 1999.

GOLDBLATT, Patricia F. How the García girls lost their accents. Book review. *European Journal of Women's Studies*, v. 4, n. 4, p. 129-134, [s.d.].

GÓMEZ-VEGA, Ibis. Hating the self in the "other" or how Yolanda learns to see her own kind in Julia Alvarez's *How the García girls lost their accents*. *Intertexts*, v. 3, n. 1, p. 85-96, 1999.

GRACIA, Jorge J. E. *Hispanic/Latino identity: a philosophical perspective*. Malden, Mass.: Blackwell Publishers, 2000.

GREADY, Paul. The South African experience of home and homecoming. *World Literature Today*, v. 68, n. 3, p. 509-515, Summer 1994.

GUILBAULT, Rose Del Castillo. Americanization is tough on "macho". In: HENDERSON, Gloria M.; DAY, William; WALLER, Sandra S. (Eds.). *Literature and ourselves: a thematic introduction for readers and writers*. New York: Longman, 1997. p. 290-291.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Liv Sovik. (Org.). Trad. Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

HANCIAU, Nubia. Entre-lugar. In: FIGUEIREDO, Eurídice (Org.). *Conceitos de literatura e cultura*. Juiz de Fora: UFJF, 2005. p. 125-141.

HARLAN, David. Intellectual history and the return of literature. *American Historical Review*, v. 94, n. 3, p. 581-609, 1989.

HARRIS, Leila Assumpção. Eu me traduzo em outras: Julia Alvarez e a performatividade das identidades diaspóricas. In: LOPES, Luiz Paulo Moita; DURÃO, Fabio Akcelrud; ROCHA, Roberto Ferreira da (Orgs.). *Performances: estudos de literatura em homenagem a Marlene Soares dos Santos*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2007. p. 187-200.

HIBRIDEZ. In: CASHMORE, Ellis. *Dicionário de relações étnicas e raciais*. Trad. Dinah Kleve. São Paulo: Selo Negro, 2000. p. 253-255.

HOBEN, Mollie. Beyond words: Julia Alvarez's commitment to social justice involves more than writing. *BookWomen*, v. 7, n. 1, p. 8-9, out./nov. 2002.

HOFFMAN, Joan M. "She wants to be called Yolanda now": identity, language, and the third sister in *How the García girls lost their accents*. *The Bilingual Review/La Revista Bilingüe*, v. XXIII, n. 1, p. 21-27, jan./abr. 1998.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria e ficção*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1991.

HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória*. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2000.

INGRAM, Angela. On the contrary, outside of it. In: BROE, Mary Lynn; INGRAM, Angela (Eds.). *Women's writing in exile*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1989. p. 1-15.

INK, Lynn Chun. Remaking identity, unmaking nation: historical recovery and the reconstruction in *In the time of the butterflies* and *The farming of bones*. *Callaloo*, v. 27, n. 3, p. 788-807, 2004.

JABÈS, Edmond. *A foreigner carrying in the crook of his arm a tiny book*. Tradução Rosmarie Waldrop. Hanover, NH: University Press of New England, 1993.

JACQUES, Ben. Julia Alvarez: real flights of imagination. *Américas*, v. 53, n. 1, p. 22-29, jan./fev. 2001.

JANMOHAMED, Abdul R. Worldliness-without-world, homelessness-as-home: toward a definition of the specular border intellectual. In: SPRINKER, Michael (Ed.). *Edward Said: a critical reader*. Oxford: Basil Blackwell, 1992. p. 96-120.

JOHNSON, Kelli Lyon. *Julia Alvarez: writing a new place on the map*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 2005.

JONES, Vanessa. Writing her book of high grace. *The Boston Globe*, Boston, 28 jun. 2000. Living, p. D1, D6.

KAMINSKY, Amy. *After exile: writing Latin American diaspora*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1999.

KAMINSKY, Amy. *Reading the body politic: feminist criticism and Latin American women writers*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1993.

KAPLAN, Caren. Deterritorializations: the rewriting of home and exile in western feminist discourse. *Cultural Critique*, n. 6, p. 187-198, Spring 1987.

KAVOLIS, Vytautas. Women writers in exile. *World Literature Today*, v. 66, n. 1, p. 43-46, Winter 1992.

KOCH, John. Julia Alvarez, the interview. *The Boston Globe*, Boston, 17 dez. 1995. Magazine, p. 14.

KRAFT, Dottie. Adult books for young adults. *School Library Journal*, p. 166, abr. 1997.

KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Trad. Maria Carlota C. Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

KRISTEVA, Julia. *Nations without nationalism*. Trans. Leon S. Roudiez. New York: Columbia University Press, 1993.

LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. São Paulo: Perspectiva, 1996. p. 223-259.

LAMMING, George. *The pleasures of exile*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1992.

LECHTE, John. *Julia Kristeva*. London: Routledge, 1991.

LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris: Éditions du Seuil, 1975.

LEONARD, Mary. The silences of Hilma Contreras: writing from the *trujillato*. *Women's Studies*, v. 29, p. 19-35, 2000.

LIMA, Luiz Costa. Perguntar-se pela escrita da história. *Varia Historia*, v. 22, n. 36, p. 395-423, jul./dez. 2006.

LÓPEZ, Kimberle. The integration of history in Caribbean-American family narratives: Julia Alvarez's *How the García girls lost their accents* and *In the time of the butterflies*. In: THE SEVENTH INTERNATIONAL CONFERENCE OF THE ASOCIACIÓN DE LITERATURA FEMENINA HISPÁNICA, Oct 3-5, 1996. 12f. (Trabalho apresentado em congresso)

LUIS, William. A search for identity in Julia Alvarez's *How the García girls lost their accents*. *Callaloo*, v. 23, n. 3, p. 839-849, Summer 2000.

MATEO, ANDRES L. De como las chicas perdieron su acento: dialogo sobre literatura e identidad. *Cuadernos de Poética*, año VIII, n. 23, p. 55-61, 1994.

McCLENNEN, Sophia A. *The dialectics of exile: nation, time, language, and space in Hispanic literatures*. West Lafayette, IN.: Purdue University Press, 2004.

McCRACKEN, Ellen. *New Latina narrative: the feminine space of postmodern ethnicity*. Tucson: University of Arizona Press, 1999.

MESSUD, Claire. Conjured by her characters. *The Washington Post Book World*, p. 9, January 19, 1997.

MINH-HA, Trinh T. "Not you/Like you: postcolonial women and the interlocking questions of identity and difference". In: MCCLINTOCK, Anne; MUFTI, Aamir; SHOHAT, Ella (Eds.). *Dangerous liaisons*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997. p. 415-419.

MINH-HA, Trinh T. *When the moon waxes red: representation, gender and cultural politics*. London: Routledge, 1991.

MINH-HA, Trinh T. *Woman, native, other: writing postcoloniality and feminism*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1989.

MIRANDA, Wander Melo. *Corpos escritos: Graciliano Ramos e Silviano Santiago*. São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1992.

MITCHELL, David T. The accent of "loss": cultural crossings as context in Julia Alvarez's *How the García girls lost their accents*. In: POWELL, Timothy B. (Ed.). *Beyond the binary: reconstructing cultural identity in a multicultural context*. New Brunswick: Rutgers University Press, 1999. p. 165-184.

MORAGA, Cherríe. Art in América con acento. In: FERNÁNDEZ, Roberta (Ed.). *In other words. Literature by Latinas of the United States*. Houston, TX: Arte Público Press, 1994. p. 300-306.

MORALES, Ed. Madam Butterfly: how Julia Alvarez found her accent. *Voice Literary Supplement*, p. 13, nov. 1994.

MOYA, Paula. Why I am not Hispanic: an argument with Jorge Gracia. *APA Newsletter*, v. 00, n. 2, p. 100-105, Spring 2001.

MPHAHLELE, Es'kia. Africa in exile. In: ROBINSON, Marc (Ed.). *Altogether elsewhere: writers on exile*. Boston and London: Faber and Faber, 1994. p. 120-128.

MUJČINOVIĆ, Fatima. *Postmodern cross-culturalism and politicization in U. S. Latina literature: from Ana Castillo to Julia Alvarez*. New York, NY: Peter Lang Publishing, 2004.

MURFIN, Ross; RAY, Supryia M. *The Bedford glossary of critical and literary terms*. Boston, MA.: Bedford/St. Martin's, 1998.

NAS, Loes. Border crossings in Latina narrative: Julia Alvarez's *How the García girls lost their accents*. *Journal of Literary Studies*, v. 19, n. 2, p. 125- 136, jun. 2003.

NEW HISTORICISM. In: MURFIN, Ross; RAY, Supryia M. *The Bedford glossary of critical and literary terms*. Boston, MA.: Bedford/St. Martin's, 1998. p. 238-244.

OBOLER, Suzanne. *Ethnic labels, Latino lives: identity and the politics of (re)presentation in the United States*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2002.

OBOLER, Suzanne. The politics of labeling: Latino/a cultural identities of self and others. *Latin American Perspectives*, v. 19, n. 4, p. 18-36, Fall 1992.

OLIC, Nelson Bacic. Estados Unidos: imigração e desigualdades sociais. *Revista Pangea, Quinzenário de Política, Economia e Cultura*, 3 ago. 2001. Disponível em: <[www.clube-mundo.com.br/revistapangea/show\\_news.asp?n=50&ed=4](http://www.clube-mundo.com.br/revistapangea/show_news.asp?n=50&ed=4)>. Acesso em: 5 jan. 2005.

PAKRAVAN, Saideh. The writer in exile: an interview with Ilan Stavans. *The Literary Review*, v. 37, n. 1, p. 50-55, Fall 1993.

PARKER, Kenneth. Home is where the heart ... lies. *Transition*, Cambridge, MA, v. 3, n. 59, p. 65-77, 1993.

PEIXOTO, Nelson Brissac. O olhar do estrangeiro. In: NOVAES, Adauto (Org.). *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 361-365.

PESQUERA, Beatriz M.; SEGURA, Denise A. A Chicana perspective on feminism. In: DELGADO, Richard; STEFANCIC, Jean (Eds.). *The Latino/a condition: a critical reader*. New York: New York University Press, 1998. p. 523-530.

PIHLAINEN, Kalle. The moral of the historical story: textual differences in fact and fiction. *New Literary History*, v. 33, p. 39-60, 2002.

PIZARRO, Ana. Viaje, exilio y escritura. *Revista da Biblioteca Mário de Andrade*, v. 59, p. 45-47, 2001.

PLETSCH, Carl. E. The three worlds, or the division of social scientific labor, circa 1950-1975. *Comparative Studies in Society and History*, v. 23, n. 4, p. 565-590, 1981.

POBLETE, Juan (Ed.). *Critical Latin American and Latino studies*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2003.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

POLLOCK, David C.; VAN REKEN, Ruth E. *Third culture kids: the experience of growing up among worlds*. Boston: Nicholas Brealey, 2001.

PORTO, Maria Bernadette; TORRES, Sonia. Literaturas migrantes. In: FIGUEIREDO, Eurídice (Org.). *Conceitos de literatura e cultura*. Juiz de Fora: UFJF, 2005. p. 225-260.

PRATT, Mary Louise. *Imperial eyes. Studies in travel writing and transculturation*. London: Routledge, 1992.

PRESCOTT, Stephanie. Julia Alvarez: Dominican American storyteller. *Faces: People, Places, and Cultures*, v. 15, p. 30-32, fev. 1999.

QUEIROZ, Maria José de. *Os males da ausência ou a literatura do exílio*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

QUINTANA, Alvina E. (Ed.). *Reading U.S. Latina writers: remapping American literature*. New York: Palgrave Macmillan, 2003.

RAMA, Angel. Literature and exile. In: STAVANS, Ilan. *The Oxford book of Latin American Essays*. Oxford: Oxford University Press, 1997. p. 335-342.

REQUA, Marny. Julia Alvarez: the politics of fiction. *Frontera*, v. 2, n. 1, p. 27-28, 1997.

ROBINSON, Marc (Ed.). *Altogether elsewhere: writers on exile*. Boston and London: Faber and Faber, 1994.

RODRIGUEZ, Richard. Aria: a memoir of a bilingual childhood. In: LESTER, James D. (Ed.). *Diverse identities: classic multicultural essays*. Lincolnwood, IL: NTC Publishing Group, 1996. p. 40-52.

ROLLEMBERG, Denise. *Exílio. Entre raízes e radares*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

ROSARIO-SIEVERT, Heather. Anxiety, repression, and return: the language of Julia Alvarez. *Readerly/Writerly Texts*, v. 4, n. 2, p. 125-139, Spring-Summer 1997a.

ROSARIO-SIEVERT, Heather. Conversation with Julia Alvarez. *Review: Latin American Literature and Arts*, v. 54, p. 31-37, Spring 1997b.



- RUSHDIE, Salman. *Imaginary homelands: essays and criticism, 1981-1991*. London: Granta Books, 1991.
- SAID, Edward W. The mind of winter: reflections on life in exile. *Harper's Magazine*, v. 269, n. 1612, p.49-55, set. 1984.
- SAID, Edward W. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SAID, Edward W. *Representations of the intellectual: The 1993 Reith Lectures*. New York: Vintage Books, 1996.
- SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p. 9-26.
- SCHERMERHORN, R. A. *Comparative ethnic relations*. Chicago: University of Chicago Press, 1970 *apud* SOLLORS, Werner (Ed.). *Theories of ethnicity: a classical reader*. New York: New York University Press, 1996.
- SIRIAS, Silvio. *Julia Alvarez: a critical companion* (Critical companions to popular contemporary writers). Westport, CT: Greenwood Publishing Group, 2001.
- SMITH, Sidonie; WATSON, Julia. *Reading autobiography: a guide for interpreting life narratives*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2001.
- SOLLORS, Werner. *Beyond ethnicity: consent and descent in American culture*. Oxford: Oxford University Press, 1988.
- SOLLORS, Werner. (Ed.). *Theories of ethnicity: a classical reader*. New York: New York University Press, 1996.
- SOMMER, Doris. The places of history: regionalism revisited in Latin America. *Modern Language Quarterly*, v. 57, n. 2, p. 119-127, jun. 1996.
- STAMELMAN, Richard. The strangeness of the other and the otherness of the stranger: Edmond Jabès. *Yale French Studies*, v. 1, n. 82, p. 118-134, 1993.
- STAVANS, Ilan. Daughters of invention. *Commonwealth*, v. CXIX, n. 7, p. 23-25, 10 abr. 1992.
- STAVANS, Ilan. Latin-o-rama. *Sí*, n. 1, p. 16-19, Fall-Winter 1995.
- STEFANKO, Jacqueline. New ways of telling: Latinas' narratives of exile and return. *Frontiers*, v. 17, n. 2, p. 50-69, 1996.
- STORTI, Craig. *The art of crossing cultures*. Yarmouth, ME: Intercultural Press, 1990.
- SUÁREZ, Lucía M. Julia Alvarez and the anxiety of Latina representation. *Meridians: feminism, race, transnationalism*, v. 5, n. 1, p. 117-145, 2004.

TORRES, Sonia. *Nosotros in USA: literatura, etnografía e geografias de resistência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

TORRES-SAILLANT, Silvio. Diaspora and national identity: Dominican migration in the postmodern society. *Migration World Magazine*, v. 25, n. 3, p. 18-22, mar./abr. 1997.

TORRES-SAILLANT, Silvio. Julia Alvarez frente a la falocracia dominicana. *Rumbo*, p. 44-46, 12-18 out. 1994.

VALERIO-HOLGUÍN, Fernando. En *El tiempo de las mariposas* de Julia Alvarez: una reinterpretación de la historia. In: COLLADO, Miguel; ROMERO, Rafael García (Comps.). *Ensayos críticos sobre escritoras dominicanas del siglo XX*. Santo Domingo, República Dominicana: Ediciones Cedibil, 2002. p. 321-338.

VÁZQUEZ, David. I can't be me without my people: Julia Alvarez and the postmodern personal narrative. *Latino Studies*, v. 1, n. 3, p. 383-402, 2003.

VIGIL, Evangelina. *Woman of her word*. Hispanic women write. Houston: Arte Público Press, 1987.

VILCHES, Patricia. La violencia pública/íntima hacia la subjetividad del cuerpo femenino en Julia Alvarez y Rosario Ferré. *Taller de Letras*, Santiago, n. 32, p. 99-112, maio 2003.

VIRAMONTES, Helena Maria. "Nopalitos": the making of fiction (testimonio). In: HORNO-DELGADO, Asunción *et al.* (Eds.). *Breaking Boundaries: Latina writing and critical readings*. Amherst: University of Massachusetts Press, 1989. p. 33-38.

WHITE, Hayden. *The content of the form: narrative discourse and historical representation*. Baltimore: Johns Hopkins UP, 1987.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. Tradução Alípio Correia de França Neto. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

WILEY, Catherine. Memory is already the story you made up about the past: an interview with Julia Alvarez. *The Bloomsbury Review*, p. 9-10, mar. 1992.

WISE, J. Macgregor. Home: territory and identity. *Cultural Studies*, v. 14, n. 2, p. 295-310, 2000.

### Fontes eletrônicas

Julia Alvarez. Desenvolvido por The Literary Encyclopedia, 2007. Disponível em: <[www.litencyc.com/php/speople.php?rec=true&UID=11760](http://www.litencyc.com/php/speople.php?rec=true&UID=11760)>.

Julia Alvarez. Desenvolvido por Sienna Monfire Designs, 2003. Disponível em: <[www.juliaalvarez.com/](http://www.juliaalvarez.com/)>.

Las Mujeres. Desenvolvido por Maria Amaya-Roldan. Disponível em:

<[www.lasmujeres.com/juliaalvarez/](http://www.lasmujeres.com/juliaalvarez/)>.

Postcolonial Studies at Emory. Desenvolvido por Deepika Bahri. Disponível em:  
<[www.english.emory.edu/Bahri/Alvarez.html](http://www.english.emory.edu/Bahri/Alvarez.html)>.

The Wizard of Oz. Disponível em: <[www.imdb.com/title/tt0032138/quotes](http://www.imdb.com/title/tt0032138/quotes)>.

VG: Voices from the Gaps. Desenvolvido pelo American Studies Department e English Department da University of Minnesota, 1996. Disponível em:  
[www.voices.cla.umn.edu/vg/Bios/entries/alvarez\\_julia.html](http://www.voices.cla.umn.edu/vg/Bios/entries/alvarez_julia.html).